

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA**  
**CAMPUS SANTANA DO LIVRAMENTO**  
**BACHARELADO EM RELAÇÕES INTERNACIONAIS**

**JOÃO PEDRO DE ÁVILA LAZZAROTTO**

***SLAVA UKRAINI?* A RELAÇÃO ENTRE TORCEDORES ORGANIZADOS,  
EXTREMA-DIREITA E GRUPOS PARAMILITARES NA UCRÂNIA**

**TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**

**SANTANA DO LIVRAMENTO**

**2021**

**JOÃO PEDRO DE ÁVILA LAZZAROTTO**

***SLAVA UKRAINI?* A RELAÇÃO ENTRE TORCEDORES ORGANIZADOS,  
EXTREMA-DIREITA E GRUPOS PARAMILITARES NA UCRÂNIA**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado como requisito parcial para  
obtenção do grau de Bacharel em  
Relações Internacionais pela  
Universidade Federal do Pampa-  
UNIPAMPA.

Orientador: Prof. Dr. Flávio Augusto Lira  
Nascimento

**SANTANA DO LIVRAMENTO**

**2021**

Ficha catalográfica elaborada automaticamente com os dados fornecidos  
pelo(a) autor(a) através do Módulo de Biblioteca do  
Sistema GURI (Gestão Unificada de Recursos Institucionais).

L432s Lazzarotto, João Pedro de Ávila

Slava Ukraini? A relação entre torcedores  
organizados, extrema-direita e grupos paramilitares na  
Ucrânia / João Pedro de Ávila Lazzarotto.

107 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação)--  
Universidade Federal do Pampa, RELAÇÕES INTERNACIONAIS,  
2022.

"Orientação: Flávio Augusto Lira Nascimento".

1. torcidas organizadas. 2. paramilitares. 3.  
extrema-direita. 4. Euromaidan. 5. Ucrânia. I. Título.

**JOÃO PEDRO DE ÁVILA LAZZAROTTO**

***SLAVA UKRAINI?* A RELAÇÃO ENTRE TORCEDORES ORGANIZADOS,  
EXTREMA-DIREITA E GRUPOS PARAMILITARES NA UCRÂNIA**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado como requisito parcial para  
obtenção do grau de Bacharel em  
Relações Internacionais pela  
Universidade Federal do Pampa-  
UNIPAMPA.

Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado em: 10/03/2022.

Banca examinadora

---

Flávio Augusto Lira Nascimento (UNIPAMPA)

---

Bruno Hendler (UFSM)

---

Bernardo Schirmer Muratt (UFABC)

## AGRADECIMENTOS

Gostaria, inicialmente, de agradecer ao meu porto seguro, a minha família que me sempre apoiou e me possibilitou chegar até aqui, se hoje eu escrevo estes agradecimentos foi porque vocês acreditaram em mim. Fabiane e Jeferson, obrigado por abdicarem dos sonhos de vocês para que eu pudesse concretizar o meu. Pai, obrigado sempre ser o meu exemplo, minha segurança e ter me apresentado um dos maiores amores da minha vida, sem o SC Internacional e o futebol eu não estaria realizando esta pesquisa. Mãe, obrigado pela calma e a amorosidade, jamais poupando esforços para me ver feliz, és meu espelho. Amo vocês até o fim dos meus dias!

Agradeço a minha irmã, Julia, que sempre me deu força durante os momentos conturbados do caminho. Também sou grato as minhas avós Eva e Terezinha, minha dinda Juliana, meu primo Matheus e meus tios Gilson e Sandra, vocês tornaram tudo isso possível. Obrigado vô Saul e vó Lizete por me acompanharem de longe, onde quer que estejam, tenho certeza de que deixei vocês orgulhosos. Amo vocês, família.

Obrigado a Universidade Federal do Pampa, todos os docentes do corpo de Relações Internacionais, mas sobretudo ao meu orientador e mestre Flávio Lira pelas aulas incríveis, o conhecimento compartilhado e a paciência no decorrer de orientação. Agradeço a todos os funcionários, técnicos e terceirizados da UNIPAMPA pela parceria e as risadas no pátio durante estes anos.

Aos tantos projetos, mas acima de tudo para a AADUL e a família que desenvolvemos, meu muito obrigado. Como tantos eu só tive a oportunidade de frequentar uma universidade pública e de qualidade graças as políticas públicas implementadas durante o governo Lula e do Partido dos Trabalhadores.

Minha eterna gratidão a cidade de Santana do Livramento por tudo que me proporcionou, cheguei um menino e saio um homem. As amizades que construí levarei para o resto da minha vida, do riso ao choro, foram muitas vivências que hoje fazem parte do que eu sou. Ao pequeno Uruguai que sempre terá sempre um lugar gigante reservado no meu coração. Obrigado por todos os momentos, Fronteira da Paz e aos que estiveram comigo no percurso, amo cada um de vocês!

Agradeço aos meus amigos de Cachoeirinha que sempre me motivaram a continuar indo atrás desta conquista, amo a todos. Aos que tiveram a oportunidade de me

visitar e conhecer um pedacinho do meu coração que ficará eternamente na fronteira eu deixo a minha sincera gratidão.

Por último, agradeço a Nathalia, por me permitir enxergar o mundo mais colorido, abrir meu coração e me ensinar todos os dias o quão a vida é mais linda. Obrigado por ficar ao meu lado e me apoiar, nas boas e ruins, mas sobretudo por me apoiar na maravilhosa loucura que foi adotar a Petra e o Auroro. Tenho orgulho de tudo que construímos e construiremos, eu te amo muito!

*É necessário sempre acreditar que o sonho é possível*

*Que o céu é o limite e você, truta, é imbatível*

*(Racionais MC's)*

*Si me caí, es porque estaba caminando*

*Y caminar vale la pena, aunque te caigas*

*(Eduardo Galeano)*

## **RESUMO**

A presente pesquisa tem como finalidade evidenciar a relação entre as torcidas organizadas de futebol e os grupos paramilitares na Ucrânia. Para tal, será realizada uma análise da conjuntura política ucraniana analisando os três eventos principais da sua história contemporânea: a independência da URSS (1991), a Revolução Laranja (2004) e a Revolução da Dignidade (2013-2014). Ambos tiveram papéis fundamentais no desenvolvimento do nacionalismo ucraniano, no entanto, contribuíram para que coletivos de extrema-direita angariassem maior apoio da sociedade. Ressalta-se ainda o fato de que após 2014 houve a eclosão dos grupos paramilitares no país, justificados pela anexação da Crimeia pelos russos e os levantes separatistas nas regiões ao leste. Portanto, a partir do método hipotético-dedutivo busca-se comprovar de que forma as torcidas organizadas adentram esta conjuntura, em um primeiro momento pela relação com coletivos de extrema-direita e após a Euromaidan fazendo parte da estrutura destes grupos paramilitares ucranianos.

Palavras-chave: torcidas organizadas; paramilitares; extrema-direita; Euromaidan; Ucrânia.

## **ABSTRACT**

The current research has the purpose to demonstrate the relation between the football ultras and the paramilitary groups in Ukraine. For that, an analysis from the Ukrainian politics scenario will be executed, using the three major events from his contemporary history: the Soviet Union independence (1991), the Orange Revolution (2004) and the Dignity Revolution. Both played a fundamental role to the development from a Ukrainian nationalism, however, they've allowed a raise from far-right parties on the society. In the aftermath of 2014, although, there's an outbreak from paramilitary groups in the country justified by the Russian annexation from Crimea and the separatist organizations in the east regions. Thus, using the hypothetical deductive method desires to prove the football ultras connection in that conjuncture, in a first moment by their relations with the far-right parties and after the Euromaidan how they start make part from that Ukrainian paramilitary groups.

Keywords: football ultras; paramilitaries; far-right; Euromaidan; Ukraine.

## **LISTA DE FIGURAS**

|                                                                    |    |
|--------------------------------------------------------------------|----|
| Figura 1 – Mapa dos principais clubes ucranianos (2008-2009) ..... | 79 |
|--------------------------------------------------------------------|----|

## LISTA DE SIGLAS

|          |                                                            |
|----------|------------------------------------------------------------|
| BDT      | Batalhões de Defesa Territorial                            |
| CEC      | Comissão Central Eleitoral                                 |
| CEI      | Comunidade dos Estados Independentes                       |
| CUN      | Congresso dos Nacionalistas Ucrânicos                      |
| FA       | Fotball Association                                        |
| FARC     | Forças Armadas Revolucionárias Colombianas                 |
| FARE     | Football Against Racism in Europe                          |
| FIFA     | Federação Internacional de Futebol                         |
| FMI      | Fundo Monetário Internacional                              |
| FMN      | Frota do Mar Negro                                         |
| LGBT     | Lésbicas Gays Bissexuais e Transgêneros                    |
| OTAN     | Organização do Tratado do Atlântico Norte                  |
| OUN      | Organização dos Ucrânicos Nacionalistas                    |
| OUN-B    | Organização de Nacionalistas Ucrânicos Bandera             |
| PfP      | Parceria para a Paz                                        |
| RSS      | República Socialista Soviética                             |
| SNPU     | Partido Social-Nacional da Ucrânia                         |
| UE       | União Europeia                                             |
| UEFA     | União das Associações Europeias de Futebol                 |
| UNA      | Assembleia Nacional Ucrânica                               |
| UNA-UNSO | Assembleia Nacional Ucrânica – Autodefesa do Povo Ucrânico |
| UNSO     | Autodefesa do Povo Ucrânico                                |
| UPA      | Exército Insurgente da Ucrânia                             |
| URSS     | União das Repúblicas Socialistas Soviéticas                |

## SUMÁRIO

|                                                                               |    |
|-------------------------------------------------------------------------------|----|
| 1. Introdução.....                                                            | 13 |
| 2. Arcabouço Teórico.....                                                     | 16 |
| 2.1. Torcidas organizadas de futebol.....                                     | 16 |
| 2.1.1. Origens do futebol e os primeiros torcedores.....                      | 16 |
| 2.1.2. Torcedores organizados e a violência.....                              | 20 |
| 2.2. Extrema-direita.....                                                     | 23 |
| 2.2.1. Revolução Francesa.....                                                | 23 |
| 2.2.2. Nazifascismo.....                                                      | 23 |
| 2.2.3. As ondas da extrema-direita.....                                       | 25 |
| 2.2.4. As arquibancadas e a extrema-direita.....                              | 28 |
| 2.3. Grupos paramilitares.....                                                | 29 |
| 2.3.1. O paramilitarismo no Sistema Internacional.....                        | 29 |
| 2.4. Nacionalismo.....                                                        | 32 |
| 2.4.1. Nacionalismo e identidade nacional.....                                | 33 |
| 3. A Ucrânia e a disputa geopolítica por influência.....                      | 36 |
| 3.1. Ucrânia pós-soviética.....                                               | 36 |
| 3.2. Revolução Laranja.....                                                   | 42 |
| 3.3. Euromaidan: a Revolução da Dignidade e o conflito geopolítico.....       | 49 |
| 4. A extrema-direita ucraniana e sua relação com os grupos paramilitares..... | 56 |
| 4.1. A ascensão da extrema-direita na sociedade ucraniana.....                | 57 |
| 4.2. Os grupos paramilitares ucranianos pós-Euromaidan.....                   | 68 |
| 5. As torcidas organizadas na Ucrânia.....                                    | 75 |
| 5.1. A <i>futebolcracia</i> ucraniana.....                                    | 85 |
| 6. Considerações finais.....                                                  | 92 |
| Referências bibliográficas.....                                               | 95 |

## **1. Introdução**

As torcidas organizadas de futebol são um fenômeno pouco aprofundado pelas análises de Relações Internacionais, no entanto, diversos destes grupos dispõem de influência política. No caso ucraniano, muitas torcidas realizam manifestações políticas nos estádios e estiveram presentes em diversos atos de cunho nacionalista do país, sobretudo os que se opunham à influência russa no país. Entretanto, boa parte destes atos de torcedores na Ucrânia se relacionam diretamente com o radicalismo da extrema-direita.

O Estado ucraniano obteve a sua independência apenas no ano de 1991, com isto, a concepção acerca da sua soberania é algo extremamente recente. Desta forma, a sociedade e o seu sistema político daquele local ainda estão se moldando e estruturando conforme estes evoluem. Na sua existência contemporânea existem dois eventos principais que devem ser analisados para o entendimento acerca do nacionalismo ucraniano: a Revolução Laranja de 2004 e a chamada Revolução da Dignidade ou Euromaidan de 2013 e 2014.

Ambos merecem a devida atenção pelas suas particularidades e por representarem mobilizações a nível nacional da sociedade ucraniana, ainda que nas regiões ocidentais tenha ocorrido de forma bem mais fundamentada. Os dois episódios foram primordiais para uma maior concepção acerca do nacionalismo contemporâneo do país, no entanto, a Euromaidan e os seus desdobramentos são elementares para o desenvolvimento da presente pesquisa.

A partir do ano de 2014 a Ucrânia vislumbrou a eclosão de grupos paramilitares em diversas regiões do país, isto se deu em muito pela anuência do Estado ucraniano, que concedeu poder para diversas figuras da extrema-direita após a concretização da Revolução da Dignidade. Desta forma, o trabalho em questão se objetiva, de forma geral, em evidenciar de que maneira ocorre o processo de transição dos torcedores organizados de futebol em membros de grupos paramilitares.

Para além disto, entre seus objetivos específicos, a pesquisa busca: “a) Analisar a dissolução soviética até a Euromaidan e os conflitos geopolíticos entre Rússia e potências ocidentais em relação à Ucrânia; b) Explorar como ocorreu a construção e o desenvolvimento das torcidas organizadas de futebol ucranianas; c) Apresentar a relação

destes grupos de torcedores com a construção de um novo nacionalismo ucraniano; d) Analisar quando e como estes grupos passaram a angariar apoio e alcançar cargos políticos; e) Apresentar de que forma atuam os grupos paramilitares ucranianos e qual a relação destes com o movimento Euromaidan”.

A pesquisa tem o intuito, por meio de seus objetivos, de corroborar a hipótese de que existe uma relação direta entre os três elementos principais do trabalho: as torcidas organizadas, a extrema-direita e os grupos paramilitares. Essa associação é evidenciada, em especial, após a Euromaidan, dada a proeminência sócio-política angariada por estes coletivos após esta conjuntura na Ucrânia. Ademais, faz-se necessária a resolução do presente problema de pesquisa: “Como se deu o envolvimento político-social dos membros das torcidas organizadas de clubes de futebol ucranianos na formação e desenvolvimento de grupos paramilitares no país no âmbito da dissolução soviética até a Euromaidan e seus desdobramentos.”

A fim de lograr êxito no processo o trabalho utilizará o método hipotético-dedutivo de observação, partindo do pressuposto de que “a relação entre pesquisador e objeto do conhecimento acontece numa conjunção entre a razão e a experimentação de hipóteses submetidas à prova” (DINIZ, SILVA. 2008. p, 9). A partir de tal elucidação é que se buscam sanar as problemáticas desta investigação.

Ademais, a realização de uma análise teórico-metodológica procurará explorar conceitos-chave do desenvolvimento do trabalho como os de extrema-direita, grupos paramilitares, nacionalismo e torcidas organizadas, verificando como tais questões se dão no interior do território ucraniano. A observação acerca de qual o papel destes indivíduos membros das torcidas organizadas de futebol durante e após os movimentos da Euromaidan conduzem para a resolução do problema de pesquisa deste trabalho.

A busca por análises documentais, bem como produção científica acerca da temática se faz necessária para a exploração. Com isto, as fontes serão determinadas baseando-se em uma pesquisa bibliográfica e documental, buscando materiais acadêmicos e documentos já produzidos acerca do conteúdo desta investigação. Desta forma, utilizando uma abordagem qualitativa e entendo que tal procedimento “não se preocupa com representatividade numérica, mas, sim, com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização, etc.” (GERHARDT, SILVEIRA. 2009, p. 31) é que se realizará um estudo crítico a respeito dos atores presentes nesta pesquisa e os seus

impactos para tal. A fim de responder os objetivos do presente trabalho, por meio de um método descritivo, busca-se recorrer a um arcabouço teórico bibliográfico para elucidar as problemáticas da pesquisa.

Assim, o presente trabalho busca contribuir para a afirmação das torcidas organizadas enquanto fenômeno político-social nas análises acerca da temática das Relações Internacionais. Além disso, a procura por realizar uma investigação crítica acerca dos governos e da competição geopolítica que envolve o Estado ucraniano é o que motivam a realização de um estudo sem juízo de valor. A disputa por influência entre Rússia e Estados Unidos na Ucrânia acaba por introduzir o território em uma lógica de Guerra Fria que atualmente já não deveria perdurar no Sistema Internacional. Neste contexto, quem acaba sendo lesado é a sociedade ucraniana que se vê envolta em um cenário que impede o país de progredir.

## **2. Arcabouço Teórico**

No presente capítulo, o qual discorrerá acerca da teoria utilizada no trabalho em questão, serão tratados quatro conceitos-chave para que se faça possível a corroboração da hipótese e a busca por responder o problema de pesquisa desta. A primeira análise se debruçará sob o termo “torcidas organizadas”, seguida por “extrema-direita”, após isto, será buscada a definição de “grupos paramilitares” e finalmente, será discorrido, de forma mais sucinta, acerca do conceito de “nacionalismo”.

### **2.1. Torcidas organizadas de futebol**

A fim de compreender o fenômeno que se desenvolveu em território ucraniano faz-se necessária a contextualização de Torcidas Organizadas, termo utilizado de forma genérica no imaginário brasileiro e que para fins de entendimento foi empregado na pesquisa. As especificidades que circundam estes coletivos, suas origens e desenvolvimento encaminham para assimilar de que forma estes, posteriormente, vieram a ser cooptados pela extrema-direita paramilitar na Ucrânia.

Inicialmente, buscou-se clarificar acerca das origens do futebol para entender como o jogo foi concebido, uma vez que se faz necessária a elucidação do desenvolvimento deste esporte e conseqüentemente a gênese dos torcedores e suas singularidades, visto que ambos são indissociáveis. Para além disto, entender como as torcidas de futebol passaram a ter uma relação direta com o fenômeno da violência, algo que acompanha estes grupos desde a sua constituição até os dias modernos.

#### **2.1.1. Origens do futebol e os primeiros torcedores**

Existem diversos estudos acerca da origem e do desenvolvimento do que hoje concebemos como o futebol. No entanto, foi a partir do século XIX que este esporte é concebido para o que vislumbramos nos dias de hoje, partidas realizadas entre indivíduos que utilizam os pés para chutar um objeto esférico através do campo com o objetivo de transpô-lo entre as traves.

É necessário entender a gênese da concepção do futebol para compreender como ocorreu o desenvolvimento das torcidas neste desporto e a posterior constituição de coletivos que se distinguem destes adeptos comuns. As dicotomias que rondam o

imaginário futebolístico, acerca do que pode se entender por futebol são bem colocadas por Da Matta (1994, p. 12), ele é “jogo e esporte, ritual e espetáculo, instrumento de disciplina das massas e evento prazeroso”.

Diversos pressupostos históricos evidenciam que vários povos ao redor do mundo criaram jogos com bola que, em partes, se assemelhavam ao futebol. Em diferentes momentos do passado registraram-se que entre os povos nativos das Américas, bem como em localidades como China, Japão e Egito houve indícios de que existiram desportos nos quais os indivíduos faziam o uso de um objeto esférico para treinar (ARAUJO 2021). O modelo primordial de futebol apresentava-se como um jogo violento e bruto, o que se explicitava na falta de organização tática dos jogadores (DUNNING; ELIAS 1992).

De acordo com o trabalho do pesquisador britânico Richard Giulianotti (2002, p. 17), existem registros de que o futebol, durante o século XVI, era jogado durante feriados religiosos ou comemorações. Tais enfrentamentos se davam entre grupos masculinos que rivalizavam, normalmente por serem de cidades ou povoados diferentes. Estas questões adentram a simbologia que gira em torno do futebol, uma vez que, ainda nos primórdios do esporte ele movimentava populações que, de forma violenta, digladiavam-se em campo motivados por diferenciar-se uns dos outros.

A partir das mais diversas contribuições de Norbert Elias e Eric Dunning para a sociologia do desportos, mas mais precisamente a obra que os autores escreveram conjuntamente “A busca da excitação”. Nesta é posto como a partir da constituição e consolidação dos Estados nacionais, bem como da profissionalização do desporto, o processo de identificação passou a amparar-se mais fortemente nas diferenças. Ainda que o esporte enquanto atividade de lazer propicia um afrouxamento das pressões impostas pela sociedade aos indivíduos, este deixou de ser uma diversão para ser algo onde o indivíduo representa toda uma nação, região ou cidade (DUNNING; ELIAS 1992). Ao carregar todo o peso de representar uma unidade social os cidadãos acabam por invariavelmente por aumentar suas responsabilidades naquela sociedade.

Adentrando a visão sociológica de Émile Durkheim e dos que advém da sua teoria, que discorre acerca de que, tanto os jogos que antecederam ao futebol como este em sua concepção contemporânea agem na qualidade de fato social. Se trata de algo que independe da compreensão individual de cada um para existir. Essencialmente, a modernidade se encaminha para consumir com a ideia coletivista a partir de ideais como

a urbanização e o fim das identidades sociais. O futebol atua enquanto ferramenta para intensificar os vínculos culturais e integrar socialmente os indivíduos. Ademais, os clubes de futebol e sua adesão voluntária de torcedores contribuem para oportunizar interações sociais mais complexas em “níveis locais, municipais e regionais” (GIULIANOTTI 2002, p. 31).

Outras visões de pensamento propõem ainda que o futebol atua enquanto fenômeno, ainda que de forma coletiva, a distinguir as pessoas individualmente de forma hierárquica. Tanto jogadores quanto torcedores buscam a sensação de pertencimento a uma comunidade, com isto, o esporte propicia que a pessoa ocupe um lugar no mundo e comportar-se de acordo com o seu arranjo na hierarquia (DOS ANJOS *et al.* 2012, p. 115). O empenho em lograr uma configuração melhor nesta ordenação a fim de sentir-se como pertencendo a um coletivo será mais aprofundado nos capítulos seguintes. Tal questão acaba por realizar distinções entre “pessoa” e “indivíduo e que, posteriormente, fora aprofundada por Radcliffe-Brow o qual pondera que:

[...] todo ser humano vivendo em sociedade tem dois aspectos: ele é indivíduo, mas também pessoa. Como indivíduo, ele é organismo biológico, um conjunto muito vasto de moléculas organizadas em uma estrutura complexa em que se manifestam, enquanto ele persiste, ações e reações fisiológicas e psicológicas, processo e mudanças. O ser humano como pessoa é um complexo de relações sociais (DOS ANJOS *et al.* 2012, p. 112 *apud* RADCLIFFE-BROWN. 1973, p. 128)

A Inglaterra foi a responsável por consolidar e popularizar o que entendemos atualmente como futebol. No seu cerne, o jogo teve origem a partir das camadas populares, mas foram as elites britânicas as responsáveis pelo seu estabelecimento. A partir da sua chegada às universidades foi que o futebol passou a receber os moldes mais contemporâneos (GIULIANOTTI 2002). Como já citado, existiram diversas práticas de jogos com bola que podem ser considerados os antepassados futebolísticos, no entanto, foram os jovens burgueses britânicos que estabeleceram um regramento e passaram a injetar capital no futebol.

Ao estabelecerem normas e diretrizes para a prática do esporte, que ocorreram em consonância com a idealização da Football Association (FA) na década de 1860, o esporte passou a ser mais aceito e conseqüentemente difundido (GIULIANOTTI 2002, p. 19). Os britânicos criaram os primeiros clubes, estes seguiram para o desenvolvimento de torneios, associações e ligas. A partir da formação destas instituições na segunda metade

do século XIX o futebol só cresceu e se expandiu, principalmente com o desenvolvimento deste nas cidades industriais da Grã-Bretanha (GOLDBLATT 2006), ou seja, sua expansão para o restante da Europa se deu desde seu surgimento nas classes trabalhadoras. Tal fato, de acordo com Norbert Elias (1992, p. 319) se dá por conta da extensa interdependência que existe na classe industrial, o que gera uma maior interação social entre os seus constituintes.

Ressalta-se aqui a influência e o poder que a Inglaterra dispunha no sistema internacional durante o século XIX, o que teve consequência direta com a estruturação e a posterior expansão do futebol. O Império Britânico dispunha de poder em todos os continentes, com isto, tanto em países que eram colônias como Índia e África do Sul, bem como aqueles territórios em que eles exerciam uma preponderância econômica como Argentina, Uruguai e Chile os britânicos tiveram um impacto direto no desenvolvimento futebolístico (ARAÚJO 2021). Isto vislumbrou-se desde o fomento à criação de ligas até a criação de clubes, alguns que perduram até hoje. Para além disto, o esporte se difundiu por toda a Europa, principalmente por conta das escolas inglesas que existiam no continente o que permitiu uma rápida dispersão do futebol para as potências imperialistas.

O crescimento do futebol é vislumbrado em números, mais precisamente ao fim do reinado da Rainha Vitória no Reino Unido (1837-1901). No ano de 1872 a média de público nos estádios durante as finais da Copa realizada pela FA eram de 2 mil torcedores, números que chegaram a mais de 110 mil torcedores no ano de 1901 (GIULIANOTTI 2002, p. 40 *apud* MCINTOSH 1987, p. 73). Tal popularização relaciona-se diretamente com a profissionalização do futebol no ano de 1885 e a adesão de regras universais que permitiram que este se difundisse ao redor do globo independente de idioma, cultura ou classe social (REIS 2006, p. 7), ainda que estes fatores, de fato, impactassem no seu desenvolvimento.

A partir do exposto, percebe-se como o futebol deixou de ser entendido apenas como uma prática esportiva para se estabelecer como um fenômeno de massas, podendo ser utilizado para fins políticos e econômicos. Ademais, se verifica que, enquanto difundia-se pelo globo, chegando às Américas e se estruturava no continente europeu no início do século XX, este já era um fenômeno consolidado na Inglaterra. Por fim, evidenciar o papel da Federação Internacional de Futebol (FIFA), criada em 1904 e que atuou como órgão de realização dos primeiros amistosos internacionais entre seleções (GIULIANOTTI 2002, p. 44). A concepção deste organismo fez com que o esporte

deixasse de ser entendido como algo exclusivamente britânico para ser assimilado como algo global e conseqüentemente, mais popularizado.

### **2.1.2. Torcedores organizados e a violência**

Para a concepção do futebol os torcedores se tratam de algo tão importante quanto os jogadores, a comissão técnica e os juizes. Durante o espetáculo futebolístico a torcida não participa fisicamente do que acontece no campo, mas ela pode ser aliada ou vilã dos times que estão se confrontando. A presente explanação é imprescindível para uma contextualização histórica dos torcedores de futebol e posteriormente o princípio das torcidas organizadas e sua difusão pelo globo. A fim de demonstrar sua utilização para fins políticos e econômicos por conta da facilidade que torcedores de futebol têm em serem envolvidos, muitas vezes até involuntariamente.

Como já explanado no presente trabalho, no início do século XX o futebol era algo consolidado na Inglaterra e um fenômeno emergente no mundo inteiro. Com o passar dos anos, através da criação de eventos como a Copa do Mundo (1930) de seleções e a consolidação de torneios nacionais e internacionais de clubes o futebol se estabeleceu como uma das principais fontes de lazer, principalmente na cultura ocidental (REIS 2006). Ainda que, nos anos recentes tenha havido uma maior adesão por parte de países que historicamente não se demonstravam adeptos da cultura do futebol, a exemplo de Coreia do Sul, Japão e Estados Unidos da América (REIS 2006, p. 9).

A disseminação futebolística ocorreu por conta dos mais diversos sentimentos e emoções que os torcedores experienciam ao adentrar o estádio. O fenômeno das massas é apaixonante, a comemoração de um gol e a beleza de uma bela jogada muitas vezes são comemoradas involuntariamente. Tal fato evidencia a alienação a que milhares de pessoas em uma arena de futebol estão suscetíveis, acordando com Hryniewicz (2008, p. 14) se trata de: “Uma massa que aparenta ter vida, mas, por ser anômica e cega em sua constituição engendra a barbárie”. A presente citação discorre acerca da sintomática violência a qual algumas torcidas de futebol estão relacionadas.

Para entender a fundo o futebol é preciso distingui-lo entre o espetáculo e o produto, ainda que seja um processo dificultoso. A partir do seu desenvolvimento este esporte passou a ser visualizado por empresários com um grande potencial, com isto introduziu-se como uma das principais mercadorias dada a sua alta lucratividade. Os

setores de hotelaria, publicidade, televisão, transportes, roupas e acessórios (REIS 2006, p. 13) são alguns dos principais nichos de mercado capitalizados pelo futebol. A maior entidade futebolística, a FIFA, é uma instituição altamente lucrativa, como alude Queiroz:

[...] a FIFA (Federação Internacional de Futebol), a maior entidade de que cuida do futebol no mundo, segundo a revista Isto é (2015, p. 43), faturou US\$ 5 milhões com a Copa do Mundo de 2014, no Brasil – sendo considerado o evento mais lucrativo da história. Além disso, a receita da entidade entre 2011 e 2013 foi de US\$ 5,7 milhões, sendo que 70% desse dinheiro foram conquistados através da venda de direitos de marketing e transmissão de televisão. Outros US\$ 190 milhões foram pagos por seis patrocinadores para que tivessem direito de associar suas marcas às partidas de futebol. É claro, desse forma, que o futebol virou um negócio lucrativo – só que para alguns poucos (QUEIROZ 2015, p. 30)

Explicar o quão lucrativo é o futebol apresenta-se como fundamental para demonstrar como diversos conglomerados político-econômicos são determinantes para este meio, bem como muitas vezes, tanto de forma inconsciente quanto conscientemente ditam como as torcidas vão se portar nos estádios. Autores como Da Matta (1994) colocam que:

“(...) o esporte - como arte – é uma atividade que possui uma clara auto-referência, não estando a serviço direto ou explícito dos valores que constituem o mundo diário do trabalho, do dinheiro e do controle. Para que serve a arte ou o esporte? Por não permitir a mesma resposta que cabe no caso da ciência, da lei ou do comércio, a pergunta orna-se reveladoramente enigmática. É que ela denuncia o utilitarismo como valor. Esse utilitarismo que deve ser o fim das nossas vidas e que entroniza a ideia de progresso – outro traço básico da racionalidade burguesa [...] Voltadas antes de tudo para si mesmas, esporte e arte são esferas da vida que negam o utilitarismo dominante e, por isso mesmo, promovem um efeito de pausa, feriado ou descontinuidade com a sofreguidão exigida pelo lucro, do trabalho e do êxito a todo custo” (DA MATTA 1994, p. 13)

No entanto, é justamente utilizando-se desta paixão e de tudo que o futebol representa para os indivíduos é que ele passa a ser utilizado para fins políticos e dentro deste meio é que os torcedores e as torcidas estão inseridos. O processo de desenvolvimento destes torcedores de forma organizada diferencia-se dependendo do local em que são estruturadas, uma vez que estes acabam assimilando as realidades daqueles locais.

No Brasil, o chamado país do futebol, o termo torcidas organizadas é genericamente aplicado, principalmente pela mídia, para caracterizar todos os grupos que se estruturam nos estádios de forma coordenada, diferenciando-se principalmente por meio de cânticos, faixas ou símbolos. No entanto, existem diversas variáveis que

distinguem tais grupos nos seus “estilos” de torcer. O emprego da expressão no presente trabalho é utilizado a fim de colaborar para o entendimento, no entanto, faz-se necessária a diferenciação entre as características destes torcedores ao redor do mundo.

No contexto sul-americano, existem as chamadas barra-bravas provenientes da Argentina e as já citadas torcidas organizadas brasileiras. Já no imaginário europeu, as duas principais vertentes de torcedores que se diferem dos habituais são os ultras, que se originaram na Itália, e os hooligans britânicos (LOPES; CORDEIRO. 2010). O último caso é o que mais dispõe de estudos sobre, visto que, nasceram no país onde o futebol fora concebido, bem como por protagonizarem diversos casos de violência, tanto nos estádios quanto nas ruas do Reino Unido, principalmente durante as décadas de 1980 e 1990. Tal qual torcidas organizadas no Brasil, o termo hooligans é genericamente associado a diversos torcedores na Europa pela mídia britânica, sem distinguir suas características e singularidades.

Os coletivos de torcedores ao redor do mundo têm muito mais distinções do que semelhanças, no entanto, evidenciar tais questões não se faz necessária para o desenvolvimento do trabalho. Ainda assim, clarificar suas similitudes é algo pertinente, salienta-se que a grande maioria destes assiste as partidas em bloco, cantam e exibem faixas nos estádios (TOLEDO 2010, p. 178), para além disto, é vital compreender a vinculação entre estes grupos com outros problemas sociais, fora dos estádios de futebol, à exemplo de: narcotráfico, furtos e homicídios (MURAD 2017).

Outro fator que é atribuído a torcedores organizados se trata da violência. Este fenômeno, que passou a ser estudado a partir dos anos 1960, tais estudos preocupam-se em muito quanto ao que motiva tais grupos a agirem desta forma, uma vez que estes são diretamente vinculados com episódios de vandalismo e desordem pública dentro e fora dos estádios (LOPES; CORDEIRO 2010, p. 79). Dentro destes coletivos existem questões como “hierarquia, controle, disciplina, regras de conduta e relações burocráticas” (HRYNIEWICZ 2008, p. 32). A partir disto, e analisando as características de organização destes coletivos é que se vislumbra uma facilidade em instrumentalizar esta violência canalizada para fins políticos, principalmente ideologias extremistas.

## **2.2. Extrema-direita**

Conceituar extrema-direita faz-se necessário para adentrar um problema social vivenciado, não só dentro do contexto ucraniano, mas na sociedade no geral. Estas ideologias radicais encontram espaço entre as massas, à exemplo das torcidas organizadas de futebol. Para posteriormente ascenderem de forma política e adquirirem poder dentro do Estado, com isto, assentando-se em princípios extremistas estes passam a pautar o comportamento coletivo.

### **2.2.1. Revolução Francesa**

A fim de explicar as divisões existentes dentro do espectro político que são entendidas por direita e esquerda, faz-se necessária a contextualização acerca da origem desta bipartição. Tal questão passou a ser assimilada a partir da Revolução Francesa em 1789, uma vez que no parlamento francês sentavam-se à direita os aristocráticos e defensores do regime monárquico chamados de girondinos. Seus opositores, que ficavam à esquerda eram os que buscavam reformas no sistema, defendendo que deveria haver uma maior igualdade, denominados de jacobinos.

Jiménez (2006, p. 87) cita que o discurso conservador que perdura até hoje no espectro direito político remonta a este período, posto que nasceu a partir da oposição aos revolucionários que despontaram a época. Tais manifestações já se apresentavam como carregadas de um teor religioso católico fervoroso, bem como uma forte intolerância a pensamentos divergentes, sejam eles políticos ou sociais.

### **2.2.2. Nazifascismo**

O que é entendido por extrema-direita, normalmente é associado a ideia que os indivíduos dispõem acerca dos movimentos nazistas e fascistas que irromperam na Alemanha e Itália. Para entender como Hitler e Mussolini chegaram ao poder é necessário aludir as mudanças pelas quais o continente europeu passava à época. O advento do século XX trouxe diversas mudanças político-econômicas e sociais, estas vinculavam-se principalmente ao avanço do modelo capitalista nos Estados e conseqüentemente os que o faziam oposição, à exemplo dos comunistas e anarquistas. Estes novos fenômenos trouxeram novas concepções e a conseqüente reestruturação do cenário político.

Para além disto, o dismantelamento das instituições e o cenário caótico que foi propiciado, inicialmente, pela Primeira Guerra Mundial (1914-1918) na sociedade europeia permitiu que os ideais extremistas passassem a encontrar refúgio. Acordando com o que propõe Bobbio (1998) acerca de ideais extremistas:

O termo Extremismo traz implícita uma conotação negativa, que evoca remotos antecedentes filosóficos: já na ética aristotélica, o equilíbrio, a racionalidade, a virtude coincidem com o justo meio, enquanto que os extremos são as paixões de que é preciso fugir. A convicção arraigada no senso comum de que *in medio stat virtus*, transporta para o plano político, inculca como ideal a que se há de amoldar o comportamento político a moderação, a centralidade, o status quo (BOBBIO 1998, p. 458)

Em outra obra ainda, o autor realiza uma diferenciação entre esquerda e direita com a premissa de que estes se dividem a partir das suas concepções acerca de igualdade e desigualdade. A segunda destas divisões propostas pelo autor divaga acerca da extrema-direita e da extrema-esquerda, a qual é decomposta entre autoritarismo e liberdade. Com isto, esta extrema-direita acaba representando políticas antiliberais e anti-igualitárias (BOBBIO 2011).

Com isto, a partir dos anos 1930 é que existe uma escalada destes ideais na Europa quando os indivíduos que comungam de ideias de uma direita radical encontram resguardo, tanto no fascismo italiano, quanto no nazismo alemão. Estas ideologias baseavam-se em um autoritarismo conservador, pautado em princípios racistas e ultranacionalistas, bem como uma forte resistência ao que era proposto pelo Tratado de Versalhes (PINTO 2018). Este racismo se refletia contra grupos minoritários sustentando-se no discurso de que a raça ariana alemã seria superior as outras.

São diversas as causas, para além das questões sociais e econômicas que permitiram a chegada destes extremistas ao poder. Autores como Le Bon e Sorel realizaram estudos à época constatando como os nazifascistas manipularam e agitaram as massas a partir do domínio do subconsciente destes coletivos (JÍMENEZ 2006). Hitler, principalmente, dispunha de muito apreço e simpatia dos alemães, a partir dos seus discursos ele conseguia moldar as massas e angariar apoio para o seu projeto de poder. Outro ponto importante de ser pautado é o papel dos veículos de mídia nesta conjuntura, permitiram que estes radicais fizessem o uso da propaganda para fins políticos e pavimentassem sua ascensão ao poder (PINTO.2018, p. 57-58). Ressalta-se ainda o uso da igreja católica nestes países, que de acordo com Bobbio (1998, p. 69), foi buscada a

sua instrumentalização a fim de não dispor de um papel prático e sim subordinado, principalmente pelos fascistas.

No ano de 1945 termina a Segunda Guerra Mundial o que se vincula à derrota das ideologias totalitárias, estas acabaram sendo deixadas de fora do novo arranjo que era estabelecido no sistema internacional, também culminando em severas punições aos países do Eixo.

### **2.2.3. As ondas da extrema-direita**

Difícilmente um Estado ou um grupos de indivíduos conseguirá consumir com uma ideia ou dissolver completamente um movimento político. Com isto, ainda que os países vencedores da Segunda Guerra Mundial não tenham poupado esforços em fazer com que tais ideologias fossem enterradas e sucumbidas, como ressalta Almeida (2016, p. 105) esses movimentos nunca deixaram de existir. Tal questão é visualizada, principalmente em momentos de crises sociais e econômicas, onde os adeptos destas ideologias crescem e angariam maior apoio das populações, sobretudo entre os estratos sociais mais periféricos.

O que não se visualizou na Europa Ocidental durante o pós-guerra foram tensões político-econômicas, pelo contrário, os Trinta Gloriosos (1945-1975) representaram um crescimento exponencial dos indicadores socioeconômicos dos grandes Estados capitalistas (ALMEIDA 2014). Não obstante, tanto na Alemanha, quanto em Itália e França, onde os grupos de extrema-direita dispunham de legitimação da população, estes buscaram se renovar. Com isto, aludindo ao que Von Bayme (1988) propõe houve três ondas durante a Guerra Fria em que a direita radical angariou apoio na Europa: “(1) o imediato pós-Segunda Guerra Mundial; (2) 1960-1970, através do surgimento de partidos como Partido Nacional Democrático da Alemanha e o britânico National Front; (3) 1980-1990, quando houve um aumento nos partidos dentro deste espectro ideológico” (GALLOIS 2019, p. 19).

Discorrendo mais a fundo, na primeira onda tais grupos buscam, sem sucesso, sobreviver dentro de Alemanha e Itália. Estes focos extremistas foram sufocados rapidamente pelos países vencedores no pós-Guerra, como expõe Almeida, boa parte destes neonazistas foram: “presos, mortos, suicidaram-se ou refugiaram-se fora da

Europa. Outros não se encontravam em condições psicológicas ou físicas para se envolver em qualquer tipo de movimento de oposição” (2016, p. 106).

Posto isto, adentra-se no que Von Bayme alude como sendo a segunda onda da extrema-direita, ocorrida durante as décadas de 1960 e 70 onde o cenário econômico europeu já não se encontrava tão favorável e os grupos radicais acabam debandando para outros locais da Europa. O exemplo de Jean-Marie Le Pen e o seu partido “Frente Nacional”, na França, são os maiores expoentes desta segunda onda, além da consolidação de partidários e lideranças na Espanha, Itália, Alemanha e Reino Unido (VON BAYME. 1988, p. 4-5).

Finalmente, a última das ondas da direita radical europeia que é exposta no artigo de Von Bayme, se dá como sendo ocorrida nos anos 1980 e 90, esta é caracterizada pela imigração em massa para o continente, corroborando para que a xenofobia e o racismo sejam praticados contra estes grupos. No ano de 1987, os doze países da Comunidade Europeia receberam cerca de treze milhões de nacionais estrangeiros, destes, 60% não são de cidadãos pertencentes a comunidade (BETZ 1994, p. 68). Um fator que explica esta imigração à época é o fato de que no período ocorria o enfraquecimento da União Soviética e a sua dissolução em 1991, ocorrendo o conseqüente aumento do fluxo migratório no continente em direção aos países do ocidente europeu.

Somando-se a isto, existe o fator do desemprego ter aumentado por conta da crise econômica vivenciada pelo continente. Estes fatores permitem que partidos de extrema-direita angariem apoio da população (ANASTASAKIS 2000, p. 12). Um dos principais pontos a serem observados durante a terceira onda é que essa direita radical deixou de ser um fator interno de alguns Estados para tornar-se um fenômeno continental. Tal questão fica explicitada devido ao crescimento destes partidos nas eleições para o parlamento europeu (VON BAYME 1988, p. 15).

Estas ondas da extrema-direita demonstram como, ainda que não tenham angariado apoio o bastante para exercer grande influência nos parlamentos e governos da Europa, demonstra-se como é difícil extinguir uma ideologia por mais radical que esta seja. A fim de corroborar esta ideia, Cas Mudde (2007) afirma que existem apenas duas vertentes políticas que se fazem presentes nos parlamentos e governos desde o fim da Segunda Guerra Mundial tanto na Europa ocidental quanto oriental. São os partidos

verdes e os da extrema-direita, no entanto, este último segmento obtém um apoio muito mais expressivo da população.

Faz-se necessária ainda a análise do que Cas Mudde expõe na sua obra “The Far Right Today” (2019), onde divaga acerca de uma quarta onda da extrema-direita, que ocorre de forma mais recente e menos estudada. O autor entende como atualmente existe uma nova onda e que esta divide a direita europeia. Os dois segmentos ultradireitistas fragmentam-se em extrema-direita, a que não aceita os ideais democráticos e a direita radical, estes fazem uso do aparato institucional da democracia para dentro deste sistema contestar sua credibilidade ou usar deste para hostilizar outros grupos, à exemplo de minorias. Outro ponto importante debatido pelo autor discorre acerca do discurso populista utilizado por estes agentes políticos.

De acordo com Rocha (2014), estes grupos extremistas atuais não podem ser qualificados como nazistas ou fascistas, pois assumem um caráter contemporâneo, com isto o termo neonazistas ou neofascistas seriam mais corretos. O autor sugere identificar e denominar tais partidos do espectro político mais à direita pelas características que estes carregam à exemplo de:

Desde partidos «anti-imigração» a partidos da «nova direita», passando pela designação de forças «antissistema», «nacional-populistas», partidos «étnicos», «autoritários», «antigovernamentais», «antipartidários», «ultranacionalistas», «neoliberais» ou simplesmente partidos «de protesto», todas estas denominações têm sido, de uma forma ou de outra, incluídas nas análises desenvolvidas pela Academia. Ainda assim, as duas designações mais comuns, tanto na literatura como na comunicação social, serão a de «extrema-direita» e a de «direita radical» (2014, p. 64-65)

É necessário ainda compreender como estes extremismos variam dependendo de onde são desenvolvidos, uma vez que estes divergem em: experiências históricas, sistemas políticos, desenvolvimento econômico, composição étnica e diferentes percepções acerca de inimigos externos (ANASTASAKIS. 2000, p. 28). Principalmente ao compararmos estes grupos na Europa Ocidental e Oriental, ainda que tenham suas similitudes estes perpassam por diversas variáveis, como citado acima.

#### **2.2.4. As arquibancadas e a extrema-direita**

Realizando um paralelo entre o que foi exposto no capítulo anterior acerca das torcidas organizadas e a facilidade com que estes grupos podem ser instrumentalizados. Existem diversos exemplos históricos nos quais torcidas foram utilizadas para objetivos políticos extremistas, tanto entre seleções quanto clubes. Boa parte dos casos aqui apresentados dar-se-ão no continente europeu, ainda que não faltem demonstrações e exemplos de aparelhamento destes torcedores em outras partes do mundo, principalmente no continente latino-americano, estes não se adequam ao escopo do trabalho em questão.

Entre as ocorrências históricas, destacam-se os casos nazifascistas de Hitler e Mussolini que utilizaram do futebol e das ligas nacionais a fim de “atestar” uma superioridade racial dos seus respectivos povos, bem como sustentar seus ideais expansionistas na Europa (HRYNIEWICZ 2008, p. 31). Além disto, casos como o do Real Madrid que era financiado pela ditadura franquista (1939-1976) com o propósito de sufocar os movimentos separatistas catalão e basco, para que o suporte ao time da capital fosse convertido em apoio político (GIULIANOTTI 2002, p. 29).

Na região dos Balcãs o presidente sérvio (1989-1997) Slobodan Milošević fez uso da violenta torcida do clube FK Estrela Vermelha de Belgrado para fins políticos. Por meio de um discurso ultranacionalista ele utilizou a torcida organizada denominada *Delije's* para auxiliar na limpeza étnica empreendida contra croatas, bósnios e kosovares na região (NARCIZO 2017).

A busca destas torcidas com ideais extremos é sempre encontrar um “inimigo”, uma minoria, e por meio de discursos nacionalistas valer-se destas posições para ofender a muçulmanos, judeus, imigrantes, por exemplo. Se faz necessária, também, a elucidação de como estes torcedores são, comumente, do sexo masculino, jovens e oriundos de estratos sociais periféricos. Por conta disto, tais coletivos costumeiramente são responsáveis por proferir discursos sexistas e machistas, atribuindo à mulher uma imagem de fragilidade o que denota outro problema social ao qual estes grupos são associados (REIS 1998, p. 47).

Diversas arquibancadas têm associação a ideais extremos, principalmente vinculados a extrema-direita, conseqüentemente baseados em ideologias racistas, xenofóbicas e associadas ao nazifascismo, no entanto, na Europa esta parece ser uma

questão muito mais presente. Tal questão é demonstrada em alguns casos sucedidos pelo continente europeu:

Na Alemanha, grupos radicais de extrema direita ligados ao nazismo passaram a integrar torcidas organizadas. Hooligans e skinheads passaram a serem vistos nos estádios e envolvidos em arruaças e atos xenófobos de violência. Na Holanda, hooligans do Feynoord Rotterdam colocaram uma bomba na tribuna de honra do Ajax Amsterdam, por considerarem o clube como representante da comunidade judaica. Dezenove pessoas ficaram feridas, sendo nove em estado grave. Nas arquibancadas a provocação prosseguiu com assobios imitando o barulho do gás, numa nítida alusão ao Holocausto. Na Hungria, protestos contra o MKT, clube de judeus, espalharam o sentimento anti-semita pelo país. Nas arquibancadas se ouviam cânticos contra judeus (MIRANDA 2018, p. 17)

Nota-se que não se trata de uma região específica, mas é um problema geral ao qual tais torcidas estão associadas. Tais exemplos demonstram como o aparato que reúne o futebol permite que ideais extremistas encontrem amparo dentro dos estádios, o que está intimamente ligado à questão da violência.

### **2.3. Grupos paramilitares**

A conceituação do que são grupos paramilitares faz-se necessária para a compreensão do trabalho, uma vez que serão estas as organizações a serem aqui analisadas. Ainda que não existam precedentes para os paramilitares ucranianos, visto que estes diferem-se em vários aspectos do que comumente é associado à estas corporações. Para além do escopo do presente estudo, a necessidade de ampliar o conhecimento acerca de tais organizações é de suma importância, visto que não existem definições concretas sobre estes. Tal fato, contribui diretamente, além das pesquisas e trabalhos acadêmicos, para o entendimento desta problemática que deixou de ser uma problemática inerente a Estados específicos e assumindo um caráter mais global.

#### **2.3.1. O paramilitarismo no Sistema Internacional**

O entendimento de grupos paramilitares é algo associado a uma crise, seja esta motivada por um elemento econômico, institucional ou político. Quando o Estado não provê aos seus cidadãos determinado direito ou não se sentem representados, estes se vêm como autoridades para fazê-lo. Em situações como a de um Estado historicamente fraco, mal estruturado ou momentaneamente abalado é muito maior as chances de tais

organizações irromperem. É possível ainda que, dependendo do comportamento de um grupo haja apoio por parte da sociedade e conseqüentemente esta acabe legitimando sua atuação.

Ainda que não o fenômeno dos grupos paramilitares não seja algo recente é complexo precisar exatamente do que se tratam estas corporações. A constituição destes grupos se assemelha ao que é usualmente vinculado a ideia de milícias, no entanto, é errôneo realizar tal afirmação. Organizações milicianas tem como premissa arranjar-se de forma armada em um determinado local a fim de restaurar a segurança ou exercer um domínio sobre aquele território, diferentemente dos paramilitares, estes são entendidos como:

[...] uma associação civil, desvinculada do Estado, armada e com estrutura análoga às instituições militares, que utiliza táticas e técnicas policiais ou militares para alcançar seus objetivos. Não raramente, membros das forças militares (Exército, Marinha, Aeronáutica, polícias) clandestinamente também integram as organizações paramilitares, com motivação ilícita (político-partidária, religiosa ou de outra natureza). (ABREU 2020, s/p apud MASSON 2018).

Uma das principais indagações que norteiam o paramilitarismo versam justamente acerca da composição militarizada destas organizações. A constituição destes sendo de membros ou veteranos dos serviços militares permitem que estes grupos adquiram um caráter bélico prestigioso dependendo do país ao qual provêm. Os treinamentos, táticas e disciplinas denotam que, no território no qual estes se desenvolvem, o Estado não possui o monopólio da força. Com isto, elementos como desobediência civil e revolução passam a adentrar o imaginário destes coletivos o que torna estes um elemento de oposição ao governo e conseqüentemente ao Estado (DIP; FRANZEN 2020). Ainda assim, Jacob (2019, p. 48) expõe que por mais que paramilitares esforcem e sejam apoiados, é muito difícil que estes angariem tanto poderio bélico quanto uma potência mundial, por conta disto, o terrorismo estatal é algo ainda mais temerário.

De acordo com algumas análises os grupos paramilitares não podem ser entendidos como grandes atores do sistema internacional, mas sim analisados como uma peça de uma estratégia mais geral (CUBIDES 1999). Ou seja, é preciso mensurar a quem estas organizações estão favorecendo a partir dos seus atos, bem como tentar buscar quem são seus financiadores para que haja um entendimento mínimo acerca das suas operações.

Desta forma é possível compreender se há uma estratégia que norteia o comportamento destas organizações.

O paramilitarismo não se trata de um fenômeno novo, existem exemplos históricos em que tal fenômeno ocorreu. O caso colombiano, provavelmente, é o de maior conhecimento sobre, visto que o impacto que estas corporações tiveram na condução da política interna do país e do continente americano. Inicialmente, tal questão perpassa a formação das guerrilhas e o papel desempenhado pelo narcotráfico em financiar esta cadeia de violência (ROSA 2002, p. 15). Estes grupos eram identificados pelo uso de armamento não convencional a fim de dominar um determinado território e a partir deste exercer influência política e econômica sob o Estado. Outro ponto a ser pautado é o fato dos paramilitares na Colômbia se formarem e atuarem somente como uma forma de oposição aos guerrilheiros das Forças Armadas Revolucionárias Colombianas (FARC), posicionados à esquerda do espectro político (ROSA. 2002, p. 20).

Em artigo da Folha de S. Paulo (2014) os autores propõem que, dependendo do país, existem brechas constitucionais que permitem ou não o desenvolvimento de organizações paramilitares. Nos Estados Unidos a constituição destes prevê que a composição destes paramilitares faz-se necessária a fim de defender o Estado de quaisquer ameaças, com isto, cabe à população exercer esta função. Tal ponto está previsto na segunda emenda norte-americana, a qual foi desenvolvida durante o temor diante de uma possível invasão inglesa no século XVIII (FOLHA DE S. PAULO. 2014). Ambos os pontos de vista constitucionais permitem diferentes interpretações das sociedades e suas especificidades.

Existem hoje, apenas nos Estados Unidos, cerca de 165 organizações paramilitares. Boa parte destas se ampara ideologicamente em questões como: nacionalismo, patriotismo, respeito as liberdades individuais e em um discursos de ódio. Por conta da facilidade que os cidadãos norte-americanos dispõem para adquirir armamentos estes comungam de um poder bélico extenso, alguns comparáveis até mesmo ao de diversos pequenos Estados (BBC 2017). Alguns destes coletivos contam com cerca de dez mil adeptos como é o caso do Three Percenters fundado em 2008, ano da eleição de Barack Obama para a presidência do país.

O fenômeno se espalhou, e de acordo com Taneski e Idrizi (2020, p. 1079-1080) estes paramilitares baseiam-se em extremismo, violência política e terrorista e estão

diretamente vinculados aos movimentos de extrema-direita nos Estados Unidos. Os participantes são, na sua grande maioria, jovens militantes supremacistas brancos e neonazistas.

Como já citado, Estados mal estruturados ou com instituições fragilizadas permitem que grupos paramilitares se desenvolvam com maior facilidade e a situação fuja do controle governamental. Tal situação difere totalmente do que ocorre no território estadunidense, com isto, conflitos internos acabam ocorrendo motivando disputas geopolíticas ou por recursos, algo que, atualmente, ocorre em diversas partes do mundo. Estas organizações podem ser fundadas a partir de um pretexto e posteriormente atuarem como mercenários ao redor do globo, como é o caso de diversos coletivos estadunidenses como é o caso dos Blackwaters USA, ou russos à exemplo do Grupo Wagner.

O caso da Espanha ainda cabe ser ressaltado, uma vez que o país prevê em constituição que se proibem associações secretas e as de caráter paramilitar. Tal questão está descrita no Artigo 22 da Primeira Seção da constituição espanhola de 1978 (ESPANHA, 2003), visto que no país existem diversas regiões que onde o separatismo e o nacionalismo são latentes, à exemplo dos casos catalão e basco. A partir deste artigo constitucional o Estado busca se fortalecer frente a estes casos.

Com isto, infere-se que no caso ucraniano, a ascensão das organizações paramilitares no país é uma consequência da debilidade do Estado tanto em representar a sociedade quanto em prover segurança para a população. Essa afirmação é feita por conta de a população assistir enquanto a Rússia anexa uma das principais regiões do país, que se trata da Crimeia e posteriormente adentra militarmente outra no leste, que é Donbass. Portanto, motivados pelos movimentos da Euromaidan (2013-2014) e amparados nestas reivindicações é que se formam os grupos paramilitares na Ucrânia.

#### **2.4. Nacionalismo**

Para a compreensão da problemática a ser discorrida no presente trabalho, o último conceito abordado trata acerca do nacionalismo. Este se faz necessário, visto que está presente nos discursos dos grupos de extrema-direita e paramilitares ucranianos. Compreender assertivamente tal questão é assimilar o principal ideário motivador da ação destes coletivos, para tal é fundamental compreender a dificuldade que os discursos nacionalistas têm, principalmente porque a Ucrânia é um Estado relativamente novo.

Após a dissolução soviética existe uma dificuldade muito grande em diferenciar estas populações, uma vez que muitas se entendem como sendo russas e não pertencentes ao país em que estão localizadas.

#### **2.4.1. Nacionalismo e identidade nacional**

O que hoje concebemos como ideais nacionalistas tem como ponto de partida a Revolução Francesa e a constituição do conceito de nação moderna. Ainda assim, o termo se apresenta como algo abrangente e difícil de conceituar, principalmente por conta da carência de definições acerca dos nacionalismos dada pelos revolucionários franceses, tornando o termo ambíguo e aberto a interpretações (HOBSBAWN 1990, p. 32). Com isto, para o presente trabalho trabalharemos com a definição proposta por Anthony Smith, este pondera que: “um movimento ideológico que busca atingir e manter a autonomia, unidade e identidade de uma população que alguns de seus membros consideram que constituem uma ‘nação’ presente ou futura” (MORAIS. 2021, p. 18 *apud* SMITH. 2010, p. 28).

A partir disto, se tem uma ideia e a fim de contextualizar mais facilmente, faz-se o uso do que é apresentado por Eric Hobsbawm como sendo a concepção moderna de nação de acordo com a Enciclopédia Brasileira Mérito:

[...] comunidade de cidadãos de um Estado, vivendo sob o mesmo regime ou governo e tendo uma comunhão de interesses; a coletividade de habitantes de um território com tradições, aspirações e interesses comuns, subordinados a um poder central que se encarrega de manter a unidade do grupo; o povo de um Estado, excluindo o poder governamental.” (ENCICLOPEDIA BRASILEIRA MERITO, p. 581 *apud* HOBSBAWM. 1990, p. 28)

No entanto, este cita que é errôneo atribuímos a ideia de nação a um determinado território, pois a ela devem ser associados costumes, valores e tradições que indivíduos partilhem. Hobsbawm propõe esta ótica baseando-se na ideia de que diferentes nações podem dividir um determinado território, por menor que este seja (1990, p. 30). A partir disto, faz-se necessário compreender que nacionalismo é algo relacionado diretamente com a sensação dos indivíduos de pertencimento à uma comunidade, motivando-se por raça, língua ou processos históricos que foram semelhantes. Com isto, a ideia de nacionalismo relaciona-se com identidade nacional, sendo que esta é a que se sobressai ante todas as outras formas de identificação (RIBEIRO. 2004, p. 5-6).

O nacionalismo pode ser instrumentalizado em favor de partidos e grupos extremistas, exemplos históricos onde discursos nacionalistas foram utilizados para objetivos políticos extremistas. O caso dos países do Eixo na Segunda Guerra Mundial exemplifica tal questão, a partir disto o termo nacionalista muitas vezes passou a ser entendido como algo de conotação indevida (BOLAFFI, *et al.* 2003, p. 200). O nacionalismo, assim como boa parte dos fenômenos de massa, pode atuar tanto como emancipador quanto como instrumento de dominação.

Desta forma, precisando o que é entendido como nacionalismo e o papel que a identidade nacional tem nestas correntes de pensamento, faz-se necessária a diferenciação de como estes movimentos nacionalistas ocorrem em Estados menores. Para além disto, de que forma estes são concebidos em países pós-soviéticos.

De modo a contextualizar sobre o nascimento do nacionalismo ucraniano o tcheco Miroslav Hroch (1996) realiza um estudo acerca dos movimentos nacionalistas em países da Europa Central e Oriental, de acordo com este, tratando acerca das pequenas nações que ali estão estabelecidas. No entanto, esta denominação não tem por objetivo inferiorizar ou tratar quantitativamente estas nações, o ponto é tratar acerca de Estados que dispõem de uma certa subordinação para com outras. Com isto, a pesquisa vai de encontro ao que ocorre com a Ucrânia e sua dependência, em vários aspectos, para com a Rússia.

O caso ucraniano, a partir da lente de desenvolvimento dos esquemas nacionais de Hroch propõe uma análise diferenciada, esta é denominada de “Movimentos nacionais europeus de grupos étnicos não-dominantes para uma nação de pleno direito”. Outro ponto importante é o fato de que o oeste e o leste do país se desenvolveram em estágios diferentes. Na parte ocidental da Ucrânia ocorreu da seguinte forma: a partir de 1820 a agitação nacional passou a acontecer; em 1850 um programa político começou a ser formulado; perto do ano de 1900 movimentos de massa passaram a se agitar e angariar apoio; ao fim dos anos 1980 estes adquirem a plena independência. Não ocorreu da mesma forma na parte oriental do país, nesta os movimentos foram concebidos da seguinte forma: apenas em 1850 começaram as agitações nacionais, sem sucesso; perto do início do século XX, praticamente de forma concomitante, o leste ucraniano obtém sucesso com movimentos de agitação nacional e na sequência já é formulado um programa político; perto de 1920 estes adquirem um status autônomo e somente no começo dos anos 1990 estes obtiveram a sua independência (HROCH. 1996, p. 285).

Assim como em outros países do leste europeu, a Ucrânia obteve a sua emancipação no ano de 1991 após a dissolução da União Soviética, anterior a este a influência era exercida pelo Império Russo. Os três elementos abordados pelo autor dizem respeito a três estágios que são substituição, participação e autodeterminação destes Estados menores frente aos seus dominantes. Posteriormente, Hroch expõe que existem três objetivos nos quais estas nações se pautam que são, inicialmente, a situação política, econômica e social dos impérios multinacionais e as mudanças derivadas destes, seguidas pelas configurações sociais destes movimentos nacionais e finalmente o desenvolvimento histórico prévio que este movimento nacional teve, o qual inclui memória, tradição e as instituições (1996, p. 293).

Após lograr com êxito sua independência as ideologias nacionais vão perdendo força o que conseqüentemente faz com que as potencias reafirmem sua dominação nestes territórios. O exemplo ucraniano demonstra que, a partir do advento do século XXI ocorram novas configurações nos movimentos nacionalistas que culminaram nas revoluções coloridas (MIELNICZUK, 2014). Posteriormente, chegando aos protestos da Euromaidan que serão discorridos de forma mais aprofundada nos próximos capítulos.

### **3. A Ucrânia e a disputa geopolítica por influência**

O presente capítulo discorrerá acerca do território ucraniano, buscando analisar as estratégias do país em consolidar-se como um Estado soberano sendo um local de histórica influência russa e ambição por parte de potências ocidentais. A posição em que a Ucrânia se localiza no continente europeu faz com que sua importância geopolítica seja imensa, não só por ser um dos territórios mais extensos da Europa, mas dadas as saídas suas fluviais para o Mar Negro e o acesso aos mares quentes.

O recorte temporal analisado datará do ano de 1991, no qual ocorre a plena dissolução da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) e na qual a Ucrânia, assim como diversos países da região asseguram-se como Estados independentes. Os outros dois eventos históricos explorados serão a Revolução Laranja, de 2004, e a Euromaidan e seus desdobramentos, iniciados ao final de 2013 e que prosseguiram até o ano seguinte. Tais episódios fazem-se necessários de análise uma vez que não dizem respeito somente às políticas domésticas ucranianas, mas englobam um grande conflito geopolítico. Os desacordos e a busca por maior influência se dão entre as potências ocidentais, sintetizadas na Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) e na União Europeia (UE) em oposição as pretensões da Rússia no território ucraniano.

Com isto, faz-se necessário o presente ensaio para compreender não só as condições internas que permitiram a ascensão de grupos paramilitares e da extrema-direita no país, mas de que forma potências externas se relacionam com isto. A análise de eventos históricos e suas repercussões correlacionam-se e englobam o objeto de estudo deste trabalho.

#### **3.1. Ucrânia pós-soviética: nascimento de uma democracia ou consolidação de uma oligarquia?**

Em 1991 houve a dissolução da URSS, após uma série de eventos, em torno dos quais até hoje não existe um consenso. As possibilidades vão desde pressão norte-americana, uma sobrecarga interna das capacidades soviéticas, por conta do declínio econômico da antiga superpotência, bem como outras análises acreditam que devido a série de decisões e reformas, efetivadas nas chamadas Perestroika e Glasnost houve a queda da antiga superpotência (COX 2005). Fato é que após isto, quinze Estados da Europa Oriental e da Ásia Ocidental tornaram-se independentes e entre eles se encontrava

a Ucrânia. A emergência destes países, principalmente no leste europeu redefiniu a ordem regional e conseqüentemente do continente europeu.

As independências das antigas repúblicas foram seguidas de um grande caos, uma vez que sem a autoridade central soviética, diversos conflitos étnicos afloraram na região, o que não auxiliou para a estabilidade e consolidação destes Estados-Nação (MIELNICZUK 2006). A Rússia então assumiu o papel de protagonista regional dada não só a sua proeminência territorial, mas também político-econômica e militar no território Eurasiático, sendo a herdeira natural do legado soviético de potência.

No ano de 1991, Boris Yeltsin assumiu como o primeiro presidente da Rússia e de imediato, a fim de restaurar a influência pós-soviética, fundou junto à Ucrânia e Belarus a Comunidade dos Estados Independentes (CEI), posteriormente estendendo-a para os antigos membros da URSS. Apenas Estônia, Letônia e Lituânia não aderiram à CEI, uma organização cujo objetivo principal era manter a cooperação que até pouco existia entre os Estados. No entanto, a hegemonia da Federação Russa fazia com que esta exercesse uma proeminência dentro da CEI desde o momento da sua fundação, cedendo pouco para a realização de negociações efetivas entre os membros (IESM. 2015, p. 27).

Ressalta-se ainda, acerca do governo de Yeltsin, que no mesmo ano da sua posse, já deixou claro que a Rússia se reservava no direito de questionar suas fronteiras com quaisquer membros do que fora a União Soviética, com exceção das Repúblicas Bálticas (MIELNICZUK 2006). Do mesmo modo, buscou deixar claro o fato de que, em Estados fronteiriços, onde existiam grandes parcelas de minorias russas, o país seria o responsável por prover segurança para essas populações. Desta forma, sabendo que na Ucrânia à época existiam cerca de onze milhões de russos, que representavam em torno de 20% da população, ficou claro para os ucranianos que as pretensões da potência vizinha não deveriam ser vistas com otimismo (SOLCHANYK 2014, p. 47-48).

Localidades ao leste ucraniano que são limítrofes à Rússia como o oblast de Donbass e a República Autônoma da Crimeia dispõem de grandes parcelas russas na sua composição e desde a independência da Ucrânia e já se apresentavam como um desafio ao poder central do país. Essa divisão demonstra-se como uma problemática ucraniana, sendo tanto linguística quanto cultural. O fato fica explícito ao citar que, por outro lado, praticamente todo o cidadão da Ucrânia fala o idioma russo. Com isto, a Rússia, além da

presença político-econômica, dispõe também da influência linguística sobre a Ucrânia (WILSON 2005).

Diversos pontos englobam a dificuldade russa em reconhecer a soberania ucraniana e boa parte destas se baseia em questões históricas, uma vez que ambos os Estados pertencem ao grupo étnico dos eslavos orientais, os quais descendem do povo Rus' que concernia ao que hoje abarca Rússia, Ucrânia e Belarus. Dito isto, teóricos russos argumentam que estes povos pertencem à uma grande nação russa, dada a sua ancestralidade comum e as características partilhadas por estes. Diversos estudos e correntes que contrapõem esta ideia, afirmam que, ainda que ambos os povos tenham sido originários da mesma região, no decorrer da história houve um afastamento gradual entre o que atualmente é compreendido como povo ucraniano e russo (WILSON 2015).

A ideia de uma grande nação russa é uma das prerrogativas utilizadas pelas autoridades de Moscou para não deixar de exercer influência sobre a Ucrânia, visto que a Rússia tem pretensões econômicas e militares na região. Caso não ascendam sobre o território ucraniano, os russos perdem presença no continente europeu dada a importância geoestratégica da área. A orientação geográfica da Rússia passaria a ser muito mais asiática do que propriamente euroasiática, principalmente sem a saída para o Mar Negro na Crimeia (IEMS 2015, p. 138). Tal fato implicaria diretamente nas pretensões político-econômicas e militares russas, prejudicando a projeção de poder do país.

Desta forma e adentrando a questão militar, a Federação Russa herdou boa parte do aparato bélico soviético e o que não foi utilizado por Moscou acabou sendo desviado pela máfia e caindo na clandestinidade (BELMONTE 2019). O fato de que instrumentos estratégicos e máquinas de guerra tornaram-se exclusivamente russos fez com que países constituintes do que fora a URSS ocupassem uma posição de vulnerabilidade frente aos ímpetos expansionistas da potência vizinha.

A recusa em reconhecer a Ucrânia como um Estado independente vislumbrou-se também militarmente, visto que, no ano em que fora assinada a independência ucraniana houve disputas com a Rússia, principalmente no que tange à Frota do Mar Negro (FMN), localizada em Sebastopol, na província da Crimeia. Não só os russos, mas os outros países que constituem a CEI contestaram a legitimidade da Ucrânia sob a FMN, uma vez que esta dispõe de armamentos estratégicos e se localiza em uma cidade autônoma (MIELNICZUK 2006).

A disputa acerca da frota acentuou-se no ano de 1992, quando o então presidente ucraniano, Leonid Kravchuk, afirmou que a Rússia deveria deixar de lado suas pretensões imperiais. Em resposta, Moscou encabeçou um debate no seu parlamento acerca da legitimidade da Ucrânia na região da Crimeia, que fora anexada ao país no ano de 1954, durante a época soviética e possui cerca de 70% da população identificando-se como russa (SOLCHANYK 2014, p. 50-51).

Tal contestação foi utilizada pela Federação Russa para pressionar o Estado vizinho, uma vez que caso não existisse a jurisdição ucraniana sobre o território crimeano, estes também não deveriam anexar a FMN ao seu aparato militar. A fim de revidar as afrontas russas, Kiev suspendeu a transferência de armamento nuclear para o lado russo com o propósito de que fossem desmanchadas. A determinação estava prevista na série de acordos assinados um ano antes no âmbito CEI (MIELNICZUK 2006).

Por meio da assinatura do Acordo de Paz e Amizade entre Ucrânia e Rússia do ano de 1997, houve a divisão entre os dois países da FMN, ainda assim, boa parte da frota ficou sob controle russo e seguiu alocada no porto de Sebastopol, na Crimeia. Acordou-se o pagamento de cerca de 100 milhões de dólares anuais do governo russo para a utilização e estacionamento da frota no porto crimeano (ORTEGA 2009, p. 84-85).

Os eventos demonstram não só como existia uma tensão muito grande entre os Estados, mas que ambos os lados não gostariam de ceder. A questão fora resolvida por pressão de atores internacionais, na qual o acerto acerca da FMN passou por uma comissão parlamentar conjunta e a Ucrânia retomou o processo de desnuclearização. Ainda assim evidenciou-se a dificuldade da Federação Russa em assimilar o processo de independência ucraniano, bem como definir plenamente as zonas limítrofes entre os Estados.

Na década de 1990, em muito por conta da queda da URSS, a OTAN se reestruturou e se expandiu pelo continente europeu. A expansão da organização se deu para o centro e o leste da Europa, abrangendo países que anteriormente se encontravam sob a órbita soviética. Por meio do programa Parceria para a Paz (PfP), do ano de 1994, a OTAN buscava reorganizar-se em uma lógica que não era mais de Guerra Fria, mas que visava isolar a Rússia (POTY 2019). A Ucrânia aderiu ao PfP em 1997, no entanto, a adesão de Polônia, Hungria e República Tcheca na OTAN, no ano de 1999, fez com que setores da sociedade ucraniana considerassem que uma maior aproximação às potências

ocidentais como uma forma de escape da influência russa e consequente maior autonomia (WILSON 2015).

Ressalta-se, no entanto, que esferas nacionalistas argumentavam que a Ucrânia deveria aproximar-se dos países centrais europeus, atuando muito mais nesta região do que figurando mais ao leste. Desta forma, ao trabalhar em conjunto com países como Polônia, Eslováquia e Hungria, poderia contrabalancear os interesses das potências no seu território. Tanto da OTAN, tendo países como Alemanha, França, mas principalmente dos Estados Unidos com aspirações na região, mas também da Rússia.

A partir do exposto, é necessário compreender a formação do Estado ucraniano em um cenário econômico fragilizado, de instituições instáveis, com uma sociedade politicamente dividida e militarmente vulnerável, principalmente dados os interesses russos no país. Com isto, a conjuntura de crises e insegurança que permeia a consolidação da Ucrânia enquanto Estado na década de 1990 faz com que o país se torne um terreno fértil para ideologias radicais.

Nos anos que sucederam a queda soviética alguns grupos de extrema-direita alçaram-se como partidos políticos, à exemplo da Assembleia Nacional Ucraniana (UNA) e seu braço armado a Autodefesa do Povo Ucraniano (UNSO). Cabe ainda destacar o Congresso dos Nacionalistas Ucranianos (CUN) o qual tinha relações diretas com a Organização de Nacionalistas Ucranianos Bandera (OUN-B), esta criada em 1929 e intimamente relacionada com os países europeus do Eixo durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945). Por fim, o Partido Social-Nacional da Ucrânia (SNPU), este conhecido por recrutar skinheads neonazistas e membros de torcidas organizadas para integrarem-se politicamente (UMLAND; SHEKHOVTSOV 2013). Amparados em um discurso nacionalista, conservador e xenofóbico, estas organizações políticas emergentes não obtiveram muito apoio nas urnas, conseguindo emplacar poucos deputados para a Verkhovna Rada, o Conselho Supremo da Ucrânia que representa o poder legislativo unicameral do país, mas sem lograr êxito nacionalmente.

Com isto, analisando a década de 1990 na Ucrânia sob as presidências de Leonid Kravchuk (1991-1994) e Leonid Kuchma (1994-2005) estes foram responsáveis por, de acordo com Wilson (2005 p. 36) empreender políticas neossoviéticas na condução do país. Ele cita o fato de Kravchuk utilizar-se de uma retórica populista para barganhar com a elite econômica ucraniana e dividir a oposição, ainda que tenha integrado o processo de

globalização por meio da adesão ao Fundo Monetário Internacional (FMI) e ao Banco Mundial. Com isto, o primeiro presidente ucraniano, figurava como um nacional-democrata, inclusive sendo um crítico dos interesses russos no país, valendo-se da alcunha de nacionalista. Nos anos de presidência de Kravchuk a crise econômica que perpassava a região piorou, algo que foi tido como decisivo para a sua não-reeleição.

No ano de 1992, Kuchma foi nomeado primeiro-ministro ucraniano, o que lhe rendeu popularidade e base eleitoral para concorrer contra Kravchuk na eleição presidencial dois anos depois. A eleição de 1994 foi uma das primeiras transições de poder pacíficas nas antigas repúblicas soviéticas, onde Leonid Kuchma se sagrou o vencedor do pleito (KUZIO 1996, p. 117). No processo eleitoral ambos os candidatos disputavam a influência sobre as oligarquias empresariais da Ucrânia, todavia, os erros de Kravchuk sobressaíram-se aos seus acertos enquanto esteve à frente da presidência do país.

A vitória de Kuchma nessas eleições perpassou em muito o seu discurso durante a campanha eleitoral, afirmando que a Rússia deveria ser vista como uma colaboradora e não uma adversária da Ucrânia. Com isto, Kuzio (1996, p. 132) infere como o povo ucraniano, à época, buscava muito mais uma situação de estabilidade do que mudanças. A figura de Kuchma era tida como de um líder forte e que resolveria as crises políticas e econômicas o que Kravchuk não conseguira realizar. Tal questão perpassava diretamente a relação russo-ucraniana, visto que uma grande parcela da população acreditava que manter uma associação positiva com a potência vizinha traria diversos retornos financeiros para o país.

No entanto, Lucan Way (2005) coloca que os anos de Kuchma e sua administração afrente da Ucrânia são definidos por um autoritarismo competitivo. Se tratando de um regime civil, mas não democrático, onde existem eleições regularmente, mas a forma com que estas ocorrem não se dava de maneira justa e igualitária. As instituições existem e é por meio destas que a autoridade política é exercida, violando as normas democráticas, censurando mídias e falsificando resultados eleitorais (WAY 2005, p. 131).

Soma-se a todas estas arbitrariedades o fato de que Kuchma fez muito pouco para melhorar a situação econômica da Ucrânia. O descontentamento se refletiu em uma insatisfação popular em relação à administração do país e uma cisão na base do governo (MIELNICZUK 2014). A escolha do então presidente de seguir um alinhamento desmedido à Rússia deixou ainda mais explícita a dependência ucraniana em diversos

setores, mas em especial energeticamente. Tal sujeição estende-se diretamente aos campos político e econômico, refletindo nas políticas internas e externas da Ucrânia (WILSON 2005, p. 45-46).

Desta forma, a conjuntura ucraniana ao adentrar o século XXI se dá em meio a uma desordem político-econômica, onde o país é administrado por uma elite econômica oligárquica e corrupta. Explicitando o que cita Wilson (2005, p. 37) a Ucrânia se tornou um país independente sem uma infraestrutura básica para que o Estado seja gerido. Soma-se a isto o fato de que a influência na região é disputada tanto pelas potências ocidentais quanto pela Rússia, questão esta que culminou na divisão do país explicitada pela Revolução Laranja em 2004.

### **3.2. Revolução Laranja: finalmente a independência ucraniana?**

Os eventos que resultaram na Revolução Laranja são imprescindíveis para compreender a balança de poder europeia contemporânea. A Ucrânia é vista por Moscou como o território mais importante geopoliticamente da esfera de influência russa e com isto, a expansão da OTAN e dos interesses das potências ocidentais na região não é vista como positiva pela Rússia. Desta forma, visualizando a eleição de 2004 para a presidência ucraniana e as propostas que estavam em debate é que se faz necessária a análise não só das condicionantes internas que levaram a Revolução Laranja, mas das predileções externas na Ucrânia.

O fenômeno da Revolução Laranja abarca mais uma das chamadas vitórias do poder popular ocorridas em países que se configuravam como alinhados com o que fora a União Soviética. Ao final dos anos 80 e no decorrer da década de 1990, Estados como Polônia, Hungria e Eslováquia perpassaram por eventos semelhantes. Mais recentemente, nos anos 2000 foi a vez de estes acontecerem na Sérvia, Geórgia, Ucrânia e Quirguistão, as chamadas Revoluções Coloridas que culminaram na derrubada de governos alinhados à Rússia (KARATNYCKY 2005; KUZIO 2010; POTY 2019).

O caso ucraniano, no entanto, deve ser analisado mais criteriosamente dados os seus desdobramentos nos planos regional e internacional. No ano de 2004, as eleições para ocupar o cargo presidencial no país se davam entre Viktor Yanukovych e Viktor Yushchenko. O primeiro fora escolhido o sucessor do legado do então presidente Leonid Kuchma e à época era o primeiro-ministro ucraniano, sendo o candidato das elites

oligárquicas tradicionais e não buscava mudar os rumos das políticas do país, tanto interna quanto externamente. Tanto Kuchma quanto Yanukovych candidataram-se pelo Partido das Regiões (KUZIO 2010; KUBICEK 2009).

Yushchenko figurava como um social-democrata que participou da coalizão do governo de Kuchma, sendo primeiro-ministro de 1999 a 2001, até o momento em que houve a fragmentação deste. Com isto, este passou a ser um opositor político do então presidente, fundando o bloco Nossa Ucrânia (Nasha Ukrayina) com outros parlamentares que eram base de apoio de Kuchma e ingressaram na oposição, enfraquecendo o governo. Com uma orientação política pró-europeia e apoiando-se em um discurso liberal, ele prometia um acercamento da Ucrânia com as instituições ocidentais (ORTEGA 2009).

Diversos fatores foram responsáveis pelo enfraquecimento da figura de Kuchma e a queda de sua popularidade frente à presidência da Ucrânia, principalmente na chegada dos anos 2000. No entanto, ressalta-se o chamado caso Kuchmagate, uma série de gravações reveladas por um dos seguranças do então presidente, Mykola Melnychenko e publicadas na íntegra no parlamento do país. Os registros continham conversas do então presidente determinando que executores dessem um “fim” para Georgiy Gongadze, jornalista opositor ao governo e tido como alvo por fundar o periódico online Ukrayinska Prayda. Em setembro de 2000 o jornalista foi dado como sumido, dois meses depois seu corpo decapitado foi encontrado em Kiev. Melnychenko que gravou e divulgou o conteúdo fugiu para os Estados Unidos onde obteve asilo político (KUZIO 2005, p. 169; WILSON 2005, p. 51-52).

O escândalo foi responsável por mudar bruscamente as conduções tanto da política interna quanto externa ucraniana e afetou diretamente a popularidade de Kuchma, ainda que este tenha seguido presidindo o país. Tal fato refletiu diretamente nas eleições parlamentares de 2002, onde o bloco Nossa Ucrânia, de Yushchenko, sagrou-se como o grande vencedor no pleito, sendo a coalizão que elegeu o maior número de assentos do país (WAY 2005, p. 132).

A descrença da população no governo se dava também pelo péssimo desempenho econômico da Ucrânia na década de 1990, com exceção da minoritária elite econômica oligárquica. De acordo com Ortega (2009, p. 64), esta parcela da sociedade ucraniana foi: “formada na segunda metade da década de 90, quando um grande processo de privatizações transferiu às mãos de alguns indivíduos boa parte das riquezas estatais”. Tal

qual ocorreu na Rússia, este arranjo favorecia uma classe dominante, que não buscava alterações na balança de poder, visto que seus interesses iam de encontro com o “autoritarismo democrático” imposto por Kuchma e sua base de governo.

Posto isto, a Revolução Laranja pode ser compreendida como a gota d’água de uma série de decisões equivocadas e arbitrariedades dos governantes ucranianos. Após mais de dez anos do governo de Leonid Kuchma o país gostaria de tomar novos rumos e buscar uma nova condução política. Soma-se a isto, o fato de que à época o sistema político da Ucrânia era semelhante ao russo, onde quem ocupava a cadeira presidencial dispunha de muita autoridade, mais que o parlamento legislativo e isto facilitava para que o presidente angariasse um poder desproporcional (KUBICEK 2009, p. 326).

Desta forma, após analisar o contexto político é que se chega ao ano de 2004 no qual se dá a eleição presidencial ucraniana. O primeiro turno ocorreu em outubro e fora extremamente disputado, tendo Yushchenko com 39,9% dos votos, Yanukovych com 39,2% do total e os outros candidatos sendo inexpressivos (ORTEGA 2009, p. 64). Já o segundo turno, um mês depois, chegou às vésperas com o primeiro liderando a corrida eleitoral por 52% contra 43% do então primeiro-ministro. No entanto, horas antes do fim da contagem pela Comissão Central Eleitoral (CEC) da Ucrânia, houve um revés nas porcentagens.

Na região de Donetsk, local onde Yanukovych nasceu e fez sua carreira política, os números foram de 78% dos votantes para cerca de 97% de forma vertiginosa. Luhansk fora outro distrito onde o candidato saltou de 80% dos eleitores para 92%. Em outras comissões distritais localizados ao leste, mais próximos do território russo, houve saltos nas votações pró-Yanukovych (KARATNYCKY 2005, p. 36). O crescimento acelerado era incompreensível por parte dos apoiadores de Yushchenko, o que prontamente iniciou as desconfianças, tanto interna quanto externamente.

Os novos números somaram mais de um milhão de novos votos na contagem e deram ao candidato governista uma larga vantagem, de cerca de 800 mil votos, que estes acreditavam ser o necessário para assumir tranquilamente a presidência ucraniana (WILSON 2005). A alegada fraude eleitoral foi entendida como o cúmulo por parte da população, no entanto, a campanha contra Yushchenko teve início prévio ao da eleição. O controle da emissora televisiva estatal por parte do governo lhes permitiu utilizar a

plataforma como propaganda, promovendo uma forte refutação ao candidato opositorista (KARATNYCKY 2005).

Ainda durante a campanha eleitoral, Yushchenko sofrera duas tentativas de assassinato, a primeira ocorreu quando um caminhão colidiu contra o seu carro, tentando tirá-lo da estrada e fugindo após isto (WILSON 2005, p. 97). No entanto, a mais notória fora o envenenamento por dióxido sofrido poucos meses antes da eleição. Após um jantar, o candidato apresentou indisposição e ficou doente, o que o afastou da campanha por mais de um mês. Posteriormente, se constatou o envenenamento, uma vez que a substância não poderia estar presente no seu corpo de forma natural (WAY 2005, p. 132; KARATNYCKY 2005, p. 37). A intoxicação desfigurou o rosto de Yushchenko, mas não conseguiu afastá-lo de forma definitiva da arena eleitoral.

A corrupção descontrolada, a fraude dos votos, as tentativas de impossibilitar a oposição do processo eleitoral, concentrando na figura de Yushchenko uma forte negação, não foram o suficiente para garantir que Yanukovych assumisse a presidência da Ucrânia. Todos estes fatores forneceram a indignação necessária para a mobilização da população ucraniana a se manifestar em oposição às arbitrariedades do Partido das Regiões. Um em cada cinco ucranianos foi para as ruas protestar contra os desvios de conduta realizados pela administração do país, ao todo, totalizaram-se dezessete dias de protestos não-violentos (KUZIO 2010).

O laranja foi a cor escolhida pelos manifestantes para tomar as ruas do país, uma vez que fora a que Yushchenko utilizara durante a campanha e que posteriormente deu o nome à Revolução (ORTEGA 2009). Após o resultado eleitoral e a vitória de Yanukovych ser divulgada pela CEC, a população acusou o governo de fraudar o processo. Desta forma, tanto por meio da pressão popular e internacional, quanto por decisões do parlamento e da Suprema Corte ucranianas, Kuchma viu-se na necessidade de anular a eleição e realizar uma nova ao fim de 2004, a qual Yushchenko sagrou-se vencedor e conseqüentemente o novo presidente da Ucrânia, assumindo em 2005.

Estudos pós-Revolução Laranja demonstram que existiam diversas motivações divergentes entre os ucranianos para tomar as ruas. O suporte as novas políticas propostas por Yushchenko e sua agenda nacionalista, a indignação quanto aos anos de Kuchma à frente da presidência do país, até o fato de que diversos deles buscavam uma condição de vida melhor e para isto, acreditavam que a Ucrânia deveria mudar. No entanto, em sua

grande maioria, os manifestantes se uniam no apoio à figura de Yushchenko (POPOVA 2014).

Ainda que seja necessário estimar a conduta do povo ucraniano para opor-se à corrupção no país, é primordial expor o fato de que as potências ocidentais estiveram diretamente correlacionadas com o episódio. Os interesses tanto dos Estados Unidos quanto da União Europeia na Ucrânia para restringir a esfera de influência russa, buscavam principalmente uma expansão da OTAN na região a fim de colocar-se militarmente nas fronteiras da Rússia. As ambições ocidentais ocorrem desde que o Estado ucraniano se tornou independente da União Soviética, no entanto, a conjuntura interna e externa ao início do século XXI permitiu que a Revolução Laranja fosse o ensejo ideal, como expõe Poty (2019, p. 27):

Entre os anos de 2003 e 2004, foram gastos pelo governo de George W. Bush aproximadamente US\$ 65 milhões com os grupos ligados a Viktor Yushchenko. Com efeito, tal política de apoiar financeiramente grupos políticos ucranianos favoráveis à aproximação da Europa e ao afastamento da Rússia estava em vigor desde o fim da União Soviética. A secretária de Estado para a Europa, Victoria Nuland, afirmou em 2013 que, desde 1991, os EUA haviam gasto US\$ 5 bilhões no “desenvolvimento de instituições democráticas” na Ucrânia (2019, p. 27)

A aproximação que era proposta por Yushchenko na sua campanha ficou explícita logo no início do seu mandato presidencial, quando este declarou que a Ucrânia passaria a cooperar com os Estados Unidos para “apoiar o avanço da liberdade em países como Belarus e Cuba” (WILSON 2005, p. 183 tradução nossa). Por outro lado, Moscou, na figura de Vladimir Putin, defendia a ideia de que a Revolução Laranja se tratava de um golpe de Estado contra Yanukovych e que a aproximação ucraniana à OTAN era uma ameaça à segurança nacional russa (ORTEGA 2009).

Taras Kuzio (2010) realiza uma análise acerca do papel histórico desenvolvido pelo nacionalismo ucraniano, mas principalmente os impactos deste na Revolução Laranja. Historicamente, o movimento nacionalista na Ucrânia sempre foi sufocado, no período czarista a língua ucraniana foi a única a ser banida pelas autoridades imperiais. Outrora, quando fundada a URSS as autoridades soviéticas adotaram uma postura restritiva e de imposição das políticas de russificação frente ao nacionalismo ucraniano, principalmente no leste do país. Comparativamente, analisando Ucrânia e Belarus, regiões que foram ocupadas pelo exército soviético no mesmo período, no território ucraniano a repressão aos movimentos nacionalistas ocorreu de forma muito mais

acentuada. Ressalta-se ainda o fato de os ucranianos serem o maior grupo étnico presente nas gulag soviéticas (KUZIO 2010, p. 287-288).

Desta forma, elucidando a importância da Revolução Laranja para o nacionalismo ucraniano e o fortalecimento do processo democrático no país, uma vez que fora uma mobilização encabeçada pela sociedade civil que ocorreu de forma pacífica e não-violenta, Kuzio ainda destaca que: “[...] ‘revoluções são a forma moderna de ação política: na sua raiz corre o nacionalismo’. Diferentes nacionalismos podem levar ao estabelecimento de regimes democráticos ou a institucionalização de sistemas autoritários” (2010 p. 286, tradução nossa). Assim, é válido afirmar que os movimentos de 2004 podem ser analisados como um progresso para a estabilidade democrática e a manifestação civil da população, não só para a Ucrânia como para toda a região, ainda que seus desdobramentos não tenham se dado conforme o esperado.

Expôr que a Revolução Laranja foi um episódio exitoso para a população e os avanços democráticos ucranianos não exclui o fato de que, após a eleição de Yushchenko, este não foi capaz de realizar as mudanças que o alçaram à presidência. Ainda assim, cabe ressaltar o sucesso das reformas constitucionais realizadas pela Ucrânia após os episódios de fraude nas eleições. Estas trouxeram uma nova configuração política para o país, uma vez que retirava poder da figura presidencial e fortalecia o parlamento (ORTEGA 2009). Não obstante, tanto no campo econômico quanto político, de 2005 a 2010, anos em que Yushchenko esteve à frente da presidência, ocorreram diversas situações em discordância com as propostas realizadas pelo então candidato durante a campanha.

Já nos anos iniciais do governo a chamada “administração laranja” envolveu-se em casos de corrupção e diversas das promessas realizadas em campanha não se concretizaram. A União Europeia não considerou a Ucrânia como um dos possíveis candidatos à entrada no bloco. Pesquisas demonstraram que a confiança da população no governo, logo ao final do ano de 2005 caiu, tendo 60% dos ucranianos respondido que o país tinha tomado a direção errada (KUBICEK 2009 p. 324). No ano de 2006 o candidato a presidente deposto pela Revolução Laranja, Viktor Yanukovich, retorna como primeiro-ministro após formar uma coalizão no parlamento. Ele permaneceu apenas um ano no cargo, perdendo-o para Yulia Tymoshenko, uma das mais influentes políticas ucranianas e líder do movimento de 2004 junto a Yushchenko (KUBICEK 2009).

O fato de que Yanukovych, mesmo após ter sido afastado da presidência pela Revolução Laranja, retornar como um dos principais nomes da política ucraniana, demonstra como o país se encontrava dividido politicamente. Soma-se a isto o fato de que, por conta de a União Europeia não considerar a Ucrânia como um dos possíveis ingressantes no bloco, houve uma decepção da população com a orientação pró-Europa. Desta forma, retorna o sentimento de que caso os ucranianos adotassem uma postura de alinhamento com a Rússia, estes obteriam maiores ganhos, principalmente no campo econômico.

Com isto, ponderando acerca dos anos em que Yushchenko esteve à frente da presidência ucraniana pode-se afirmar que este não realizou as reformas para as quais se propôs. Ainda que a conjuntura internacional não se apresentasse como favorável, tanto por eventos regionais como a escalada do conflito entre Rússia e Geórgia, quanto pela crise global financeira causada pela especulação imobiliária estadunidense, ambas ocorridas no ano de 2008 (WILSON 2014). O então presidente ucraniano não foi capaz de mobilizar política e economicamente o país, nem proporcionar uma melhora na condição de vida para a população.

No ano de 2010, na quinta eleição presidencial do país, a decepção da Ucrânia para com Yushchenko explicitou-se em números. A corrida eleitoral se deu entre os três principais nomes políticos ucranianos, Viktor Yushchenko, concorrendo pelo bloco Nossa Ucrânia, Viktor Yanukovych, do Partido das Regiões e Yulia Tymoshenko, antiga aliada do então presidente, concorrendo pelo Pátria (Batkivshchina). O líder da Revolução Laranja angariou apenas 1,3 milhão de votos, sendo cerca de 5,5% dos votantes. O pífio resultado o colocou apenas como o quinto colocado entre os ucranianos, ficando atrás de diversos *outsiders* políticos. A eleição se deu, então, entre Yanukovych e Tymoshenko, que no primeiro turno tiveram, respectivamente, 8,6 milhão (35%) e 6,1 milhão (25%) dos votos (COPSEY; SHAPOVALOVA. 2014, p. 220).

Yanukovych, no segundo turno, consolidou a vitória e se tornou o quarto presidente da história da Ucrânia pós-soviética. Com cerca de 12 milhões (49%) contra 11,5 milhões (45%) de votos de Yulia Tymoshenko, a apertada eleição abriu brecha para que o triunfo de Yanukovych fosse contestado por seus opositores. No entanto, o processo eleitoral foi descrito pela Organização para Segurança e Cooperação da Europa (OSCE) como transparente e livre, permitindo uma transferência de poder pacífica na Ucrânia (COPSEY; SHAPOVALOVA. 2014). Sendo assim, cinco anos após alegadamente

fraudar a eleição, Yanukovych retorna por meio do sufrágio como o novo presidente da Ucrânia em 2010.

Desta maneira, depois dos anos de Yushchenko buscando uma orientação mais pró-ocidental e não obtendo um sucesso significativo no processo, a vitória de Yanukovych representava o retorno a um alinhamento com a Rússia e a priorização das relações com os países da região. O suporte russo ao novo presidente e seu partido não se tratava de algo recente, desde o tempo em que fora primeiro-ministro, entre 2006 e 2007, ele havia apoiado minorias russas na Crimeia, inclusive colaborando com os separatistas que buscavam a independência do território crimeano (KUZIO 2016).

O debate acalorado acerca da emancipação da região da Crimeia do restante da Ucrânia e uma anexação à Rússia exaltou o debate político da Ucrânia mais intensamente após a eleição de Yanukovych. Soma-se a isto o fato de que, no ano de 2013, o país fora indicado pela União Europeia para aderir à organização. Em resposta ao convite do bloco, Moscou formalizou uma proposta de acordo bilateral econômico para a Ucrânia, visando retomar a antiga relação entre os países e recuperar a economia ucraniana que se encontrava em grave crise. Com isto, Yanukovych, sob pressão russa de sanções, não assinou o acordo de adesão à UE (DIAS 2015).

A não aprovação dos acordos de livre-comércio e da associação política à União Europeia fizeram com que a Ucrânia se embrenhasse em um caos político-social. A população tomou as ruas protestando contra a decisão do presidente Yanukovych, principalmente nas regiões oeste, norte e central do país. O principal ponto ocupado pelos manifestantes era a praça Maidan, localizada no centro de Kiev, desta forma, de novembro de 2013 até fevereiro de 2014, a Ucrânia perpassou uma série de eventos que ficaram denominados como Euromaidan ou a chamada Revolução da Dignidade.

### **3.3. Euromaidan: a Revolução da Dignidade e o conflito geopolítico**

O processo iniciado na Maidan, a Praça da Independência de Kiev, em novembro de 2013 e que se espalhou por todo o país, ficou conhecido como Euromaidan ou a Revolução da Dignidade, como é chamada pelos ucranianos. Por cerca de noventa dias os manifestantes ocuparam a praça reivindicando mudanças na condição política, social e econômica da Ucrânia. O estímulo necessário para que a população tomasse as ruas foi

o fato de o então presidente, Viktor Yanukovich, não ratificar o acordo de adesão do país com a União Europeia, priorizando um acordo econômico bilateral com a Rússia.

A falta de confiança da população ucraniana nas instituições e nos governantes se agravava, visto que a crise econômica e social do país não apresentava um cenário positivo para o futuro, pelo contrário (SHVEDA; PARK 2015). Tal desconfiança foi expandida conforme Yanukovich atuava de forma arbitrária enquanto presidente. Desde o momento em que assumira, buscou reverter as reformas constitucionais realizadas pós-Revolução Laranja, a fim de retomar o poder que a figura presidencial dispunha anteriormente e que fora dividida com o parlamento. Concentrar autoridade permitiu à Yanukovich brechar o avanço da oposição, de forma que este proibira candidaturas independentes e coligações eleitorais, bem como um maior controle sobre os meios de comunicação públicos a fim de favorecer o seu próprio partido (GONTIJO 2020).

Como se vislumbra, durante os anos em que Yanukovich ocupou o cargo de presidente ucraniano houve um retorno da implementação de políticas autoritárias e o favorecimento de grupos político-econômicos particulares, bem como uma escalada da violência no país. Com isto, entende-se que a Ucrânia retornou ao *modus operandi* que existia durante os anos de Kuchma e retornando ao formato de governar do Partido das Regiões (KUZIO 2016; SHVEDA; PARK 2015). No entanto, as arbitrariedades e violações de direitos humanos, que já ocorriam desde o início do mandato, passaram a ocorrer com maior frequência conforme a oposição à administração do país aumentava.

Os protestos em Kiev foram, do seu início em 2013 até o seu encerramento, em 2014, duramente reprimidos pelo governo. As tentativas de conter as manifestações foram executadas principalmente pela *Berkut*, a tropa de choque ucraniana. Conforme a pressão em torno da administração do país crescia, maior era a violência com que os protestos eram enfrentados. Além da repressão nas ruas, ocorreram torturas, desaparecimentos e assassinatos, pelo menos cem pessoas tiveram suas vidas tiradas pelas autoridades policiais (KUZIO 2016; WILSON 2014).

Nos primeiros dias em que os manifestantes ocuparam a Maidan houve uma escalada da violência, principalmente contra jovens estudantes que reivindicavam a assinatura do acordo com a UE. O governo buscava sufocar os protestos por meio da brutalidade, no entanto, isto só deu mais força para o movimento. Como coloca Kvit (2014, p. 29), a data em que houve uma maior repressão fora 30 de novembro de 2013,

um dia depois, mais de um milhão de pessoas ocupavam as ruas de Kiev. Este fora o marco entre os manifestantes, uma vez que, após isto, as reivindicações da Euromaidan deixaram de ser apenas em torno da recusa da administração de Yanukovych em integrar a União Europeia, mas demandando a queda do presidente e seu gabinete.

Destaca-se ainda o papel da internet, enquanto ferramenta de organização e autogestão durante a Euromaidan, uma vez que boa parte da mobilização foi realizada por meio desta. Os primeiros ativistas a idealizar e convocar para as ruas, o fizeram através de mídias sociais, principalmente o Facebook, de forma que toda a concentração e organização pôde acontecer de modo autônomo. Ainda que a rede social mais popular do país, à época, fosse o VKontakte, um website russo equivalente ao Facebook, no entanto, é da plataforma estadunidense que os ucranianos se utilizavam mais para discutir questões políticas. Com isto, boa parte dos ucranianos se informava acerca do que acontecia na Maidan e ao redor do país por meio de sites ou do Facebook, enquanto uma parcela minoritária o fazia por veículos televisivos que não fossem estatais (METZGER; TUCKER 2017; WILSON 2014).

A violência que o governo utilizava contra os manifestantes fez com que a imagem internacional do governo do país passasse a ser extremamente negativa. A União Europeia e as Nações Unidas condenaram a forma que a administração ucraniana lidava com os protestos. Destaca-se ainda o papel das Organizações Não-Governamentais, tanto na denúncia das arbitrariedades governamentais quanto em auxiliar os manifestantes (SHVEDA; PARK 2015; GONTIJO 2020).

O caráter mais radical assumido pela Maidan no mês de dezembro ficou explícito após os ucranianos passarem a improvisar acampamentos na Praça da Independência em Kiev. No espaço, os manifestantes decidiam os rumos da Euromaidan, além de hospedar cidadãos de localidades mais distantes da capital. Os protestos eram constantes e angariavam mais apoio, tanto por outras cidades ucranianas quanto internacionalmente. Ainda assim a violência policial persistia e a indignação com o governo teve como ponto crítico o dia 16 de janeiro de 2014 (KVIT 2014).

Na data em questão as manifestações da Euromaidan adentram o que é tido como a terceira fase, após o governo anunciar as chamadas “leis ditatoriais”. As leis repressivas tinham por objetivo suprimir de vez os protestos, Yanukovych conseguiu aprová-las no parlamento de forma emergencial. Entre os principais conteúdos destas leis estavam a

proibição de: cidadãos em protestos utilizando capacetes, uniformes ou bandeiras; cinco carros ou mais andando em grupo; bloqueios a residências; perturbação da ordem. Caso alguém violasse alguma destas leis estava sujeito à prisão. No entanto, dentre todos estes conteúdos aprovados pelo parlamento ucraniano o que causou maior enfurecimento foi o anúncio de que o governo poderia censurar a internet quando julgasse necessário (WILSON 2014; GONTIJO 2020).

As proibições autoritárias projetadas por Yanukovych e seu gabinete, e aprovadas pelo parlamento, novamente tiveram um efeito contrário, uma vez que somente fortaleceram e radicalizaram as manifestações. O teor pacífico diminuiu, os participantes passaram a fazer uso de coletes, capacetes, escudos e bastões nas ruas. Coquetéis Molotov passaram a ser ateados em prédios governamentais e fogo em pneus passou a ser algo constante pelas ruas (KVIT 2014). Acrescenta-se ainda o fato de que o governo passou a financiar milícias a fim de dispersar e coagir manifestantes a deixar as ruas. Estes milicianos eram chamados de *Titushki*, financiados e coordenados por funcionários do alto escalão de Yanukovych (WILSON 2014 p. 78-79).

A resposta do governo tornou-se ainda mais repressiva, adentrando o período em que se iniciam os desaparecimentos, torturas e assassinatos na Ucrânia. Ativistas civis, jornalistas e médicos voluntários se tratavam das principais vítimas da polícia no país (POPOVA 2016). Conforme a violência escalava, reuniões entre a oposição ucraniana e o governo de Yanukovych eram realizadas, com a mediação de autoridades do exterior, a exemplo dos Ministros de Relações Exteriores de Polônia, França, Alemanha e do enviado da Federação Russa (SHVEDA; PARK 2015, p. 4). No entanto, os encontros não obtiveram resultado algum, uma vez que Yanukovych desejava terminar o mandato como presidente, o que era tido como inconcebível para os opositores.

É nesta conjuntura que a Ucrânia adentra o mês de fevereiro de 2014, as ruas embrenhando-se em violência, tanto do governo, quanto de grupos específicos de manifestantes em resposta as arbitrariedades impostas por estes. Conforme os dias passavam mais a situação em torno da continuidade da administração de Yanukovych tornava-se insustentável, enquanto este buscava uma resolução política para seguir exercendo a função presidencial. Entretanto, no dia 18 de fevereiro o governo inicia uma desesperada tentativa de reprimir os protestos com violência. As forças policiais passaram a utilizar munição letal nas armas e assassinar civis à queima roupa nas ruas de Kiev (SHVEDA; PARK 2015).

Alguns grupos mais radicais, como o Setor Direito (Pravyi Sektor), de extrema-direita, passaram a responder de forma violenta à repressão. Com isto, novamente a violência assume outro patamar na capital ucraniana e diversas pessoas perdem a vida em meio aos protestos. As desesperadas tentativas de coibir as manifestações duraram até o dia 21 de fevereiro, quando a população rejeitou um acordo realizado entre deputados, agentes internacionais e o presidente para um cessar-fogo (WILSON 2014; SHVEDA; PARK 2015; KVIT 2014). Manifestantes invadem o Palácio Presidencial e demandam a queda de Yanukovich, que foge às pressas de Kiev para Kharkiv no dia 22 de fevereiro de 2014. Com isto, após ser deposto do cargo de presidente, os manifestantes concretizam o que buscavam, a Euromaidan termina e se inicia uma nova conjuntura política na Ucrânia.

Tal qual a Revolução Laranja de 2004, quase dez anos depois, a Revolução da Dignidade também se desenrolou a partir de protestos populares contra a figura de Viktor Yanukovich e suas arbitrariedades. Ainda assim, existem diversas diferenças entre os dois eventos que marcaram a história ucraniana. O ponto inicial diz respeito aos locais, o primeiro dos eventos limitou-se as cidades Kiev e Kharkiv, enquanto as manifestações de 2014 se espalharam por todas as regiões da Ucrânia. Enquanto a Euromaidan durou mais de noventa dias a Revolução Laranja durou menos de um mês.

Outra questão a ressaltar é o fato de que as manifestações de 2004 tinham como foco individual a figura de Yushchenko e o seu processo eleitoral, enquanto dez anos depois os manifestantes demandavam profundas mudanças em todo o sistema político da Ucrânia. Neste ponto, cabe ressaltar a questão que adentra a maior diferença entre ambas. Enquanto a pauta da Revolução Laranja mobilizou setores específicos da sociedade ucraniana, na Euromaidan o processo foi muito mais abrangente (KVIT 2014; KUZIO 2016; POPOVA 2014).

A pluralidade de ideais dos manifestantes presentes na Maidan do final de 2013 ao início de 2014 demonstrou-se um dos pontos mais relevantes deste capítulo da história ucraniana. A multidão contava com adeptos de várias ideologias, uma vez que o movimento assumiu um caráter muito mais nacionalista do que cooptado por algum grupo em específico. Ainda que, inicialmente, o movimento tenha sido puxado por jovens, principalmente estudantes, reclamando a integração junto à Europa, conforme este crescia maior e mais plural era o número de adeptos (GONTIJO 2020; WILSON 2014; KUZIO 2016).

A concepção acerca da identidade nacional ucraniana, em diversos locais do país relacionava-se diretamente com a ideia de se distanciar do seu passado soviético. Tal fato, em um sentido contemporâneo, seria o afastamento da Rússia, uma vez que, assim, poderiam se associar aos “princípios” da União Europeia. Dias (2015, p. 47) expõe o fato de que:

Apesar de as massas reunidas em Kiev demonstrarem um diminuto conhecimento das implicações inerentes à assinatura do Acordo de Associação com a UE que esteve na origem dos protestos, estas parecem associar a integração europeia a democracia, primado do direito, direitos humanos e boa governação (DIAS 2015, p. 47)

Isto revela como, em resumo, a população ucraniana atrelava a assinatura do acordo com a União Europeia com os ideários democráticos e ocidentais, excluindo o fato de que em diversos locais da Ucrânia o relacionamento com a Rússia era muito mais priorizado. Essa multietnicidade e a divisão do país foi vislumbrada de forma explícita durante a Euromaidan, ainda que os protestos tenham se espalhado por todo o território ucraniano, o apoio a estes ficava mais restrito a localidades mais urbanas (DIAS 2015).

Historicamente existe uma divergência entre as regiões norte, oeste e central, e as mais ao sul e leste. A primeira reflete muito mais uma posição pró-Europa, enquanto a segunda tem grandes porcentagens de populações russas, o que acaba se refletindo em uma busca por estreitar os laços com os vizinhos. Moscou faz um uso político destas comunidades no território ucraniano, o que não fora diferente durante a Euromaidan, visto que se porventura a Ucrânia aderisse à União Europeia seria um desastre geopolítico para a Rússia (KVIT 2014; KUZIO 2018).

Desta forma, durante os três meses em que manifestantes ocuparam a Maidan, figuras do governo da Rússia, incluindo o presidente Vladimir Putin, criticaram duramente os protestos. Com isto, em fevereiro de 2014, quando a pressão em torno do então presidente ucraniano Yanukovich tornou-se insustentável, este recebeu asilo político na Rússia. O novo governo de coalizão, montado para conduzir o novo processo eleitoral no país não fora reconhecido pelo Kremlin que afirmava se tratar de um golpe de Estado contra seus aliados do Partido das Regiões.

A integridade territorial ucraniana só foi totalmente respeitada enquanto esta permanecia sob uma orientação eurasiática e conseqüentemente sob a esfera de influência da Rússia (KUZIO 2016). Desta forma, com os desdobramentos da Euromaidan, a queda

do governo e a aproximação da Ucrânia da UE e por conseguinte, da OTAN, a reação russa foi de anexar a República Autônoma da Crimeia e Sebastopol. A ação de Moscou justificava-se com base em um referendo realizado pelo governo local, onde existiam duas opções:

1. Você é favorável a que a República Autônoma da Crimeia se una novamente à Rússia como parte integrante da Federação Russa?
2. Você é favorável a restaurar a Constituição da República da Crimeia de 1992 e a condição da Crimeia como parte da Ucrânia? (BBC 2014 s/p)

O referendo deliberou que a população da Crimeia aprovava uma anexação à Federação Russa, o que se concretizou pouco tempo depois, com Putin afirmando que o processo se deu de forma democrática e respeitando as leis internacionais. Soma-se a isto o fato de que conforme os movimentos da Euromaidan ganharam força, o Kremlin passou a respaldar movimentos contrarrevolucionários nas regiões de Donetsk e Luhansk, ao leste do país e fronteira com a Rússia (KUZIO 2016 p. 101). Estes grupos buscam uma separação da Ucrânia e são apoiados militarmente pelos russos, que não desejam perder influência na região, principalmente por conta do Mar de Azov.

Com isto, os movimentos da Maidan de 2013 e 2014 relacionam-se diretamente com as disputas por poder na fronteira ucraniana, o que acaba embrenhando o país em uma enorme disputa geopolítica que envolve, principalmente, a Rússia e a OTAN. Esta conjuntura na Ucrânia permeia a ascensão de organizações paramilitares e de extrema-direita no país, uma vez que a anarquia interna e a falta de consenso em torno de uma autoridade central proporcionam que estes grupos angariem apoio.

#### **4. A extrema-direita ucraniana e sua relação com os grupos paramilitares**

Na Ucrânia, que apresenta um quadro político-econômico, exposto no capítulo anterior, se evidencia uma complexidade da sociedade ucraniana em progredir. Além disto, a existência de um Estado fragmentado por uma grande parcela de uma minoria étnica russa que ocupa, em sua maioria, o leste ucraniano na fronteira ucráino-russa. Todos os fatores revelam a dificuldade dos governos do país em empreender políticas que possam prover um desenvolvimento social e financeiro para a sua população, fazendo com que exista uma falta de unidade e o Estado ucraniano acabe se dividindo.

Neste contexto de divisão, grupos nacionalistas acabam irrompendo na sociedade, muitos deles acabam fazendo uso de discursos radicais e de extrema-direita, que procuram atribuir a alguma comunidade específica a culpa pela situação político-econômica do país. No caso da Ucrânia, estes movimentos extremos pautados por um nacionalismo radical dirigem suas hostilidades para grupos étnicos que já ocuparam o território ucraniano no passado, como poloneses ou russos. Além disso, minorias sociais LGBT, judeus ou ciganos também são tidos como opositores para o desenvolvimento do país (GORDON 2020).

Esses movimentos de extrema-direita, que já existiam durante a Ucrânia soviética, de forma clandestina, passaram a se organizar, alguns inclusive tomando a forma de partidos políticos. De 1991 até 2011, esses coletivos gozaram de uma posição marginal na política ucraniana, ocupando assentos em poucos conselhos provinciais e recebendo apoio de regiões específicas do país, principalmente no oeste (RUDLING 2013; MIERZEJEWSKI-VOZNYAK 2018). No entanto, dois eventos célebres que marcam a história contemporânea da Ucrânia, a Revolução Laranja (2004) e a Revolução da Dignidade (2013-2014) propiciaram uma ascensão destes coletivos de extrema-direita.

Ambos os acontecimentos históricos ficaram marcados por mobilizar toda a sociedade ucraniana e possuírem o forte caráter nacionalista. Desta forma, os grupos de extrema-direita passaram a utilizar-se deste nacionalismo radical, defendendo uma primazia ucraniana sob a etnia russa, sendo ela política, religiosa, cultural ou linguística. O governo de Yushchenko (2005-2010), por meio de alianças, acabou introduzindo alguns destes movimentos no parlamento e em cargos políticos do país. Ademais, a posterior presidência de Yanukovich e o estreitamento da relação com a Rússia fez com que o apoio ao nacionalismo radical ucraniano se expandisse.

Entretanto, nesta conjuntura, a Revolução da Dignidade de 2013 e os seus desdobramentos ocupam uma posição de destaque. A ocupação de Kiev por manifestantes contra o governo de Yanukovych fez com que diversos coletivos de extrema-direita que já estavam presentes na sociedade ucraniana, passassem a obter apoio da população e se aparelhassem política e militarmente. Esses grupos fizeram uso do sentimento nacional para convertê-lo em apoio político e assentos nos parlamentos, tanto regionais quanto nacionais do país. Além disso, durante a Euromaidan e seus diversos episódios de violência, estes movimentos passaram a desenvolver suas estruturas militares.

A Ucrânia passou a testemunhar o surgimento de grupos paramilitares no seu território, alguns até mesmo possuindo relações com partidos políticos. Estas corporações, formadas por voluntários, baseiam-se em convicções, discursos e práticas de extrema-direita, tendo xenofobia, racismo e sexismo como pautas ideológicas. O objetivo principal para a formação e desenvolvimento destes paramilitares seria o de conter a expansão russa no leste ucraniano, afirmando que sua busca seria por manter a integridade territorial e a soberania do país.

Desta forma, serão analisados, inicialmente, os movimentos de extrema-direita e sua ascensão na sociedade ucraniana, estimulados pelas duas revoluções de caráter nacional perpassadas pelo país. Posteriormente, de que forma estes coletivos passaram a organizar-se militarmente e os seus propósitos. Enfatiza-se o uso do nacionalismo, tanto a fim de justificar seus atos quanto como vetor ideológico da maioria destes grupos no território ucraniano.

#### **4.1. A ascensão da extrema-direita na sociedade ucraniana**

Ao fim da Guerra Fria a ideologia de extrema-direita angariou adeptos em diversos locais da Europa Oriental, no entanto, nos países que pertenciam a URSS estes grupos adotam características e modos de operação relativamente similares. No caso da Ucrânia, na década de 1990 estes coletivos não eram bem estruturados e ocupavam uma posição marginal no debate político.

Na época, indivíduos associados à extrema-direita tumultuavam eventos de multidões, como nos confrontos com a polícia na Praça Sofia em Kiev, no ano de 1995. Além disto, atuavam militarmente em conflitos envolvendo outras antigas Repúblicas Soviéticas como na Geórgia e na região da Transnístria, na Moldávia (LIKHACHEV

2013b, p. 59-60). Contudo, estes grupos não exerciam uma grande influência nas políticas internas e externas da Ucrânia, embora tenham certo prestígio em alguns setores da sociedade ucraniana. Tal fato se dá justamente por esses grupos defenderem um nacionalismo radical na Ucrânia (MIERZEJEWSKI-VOZNYAK 2018).

Com isto, pode-se afirmar que boa parte destes coletivos consistiam muito mais em movimentos sociais pautados por uma ideologia de extrema-direita do que, de fato, em associações políticas (MINKENBERG 2002). No entanto, destacam-se alguns movimentos que buscaram uma organização no cenário político ucraniano logo após a queda da União Soviética. A União Democrática Nacional Ucraniana, o Congresso dos Nacionalistas Ucranianos (CUN), o Partido Social-Nacional da Ucrânia (SNPU) e a Assembleia Nacional Ucraniana – Autodefesa do Povo Ucraniano (UNA-UNSO), eles emergiram amparados em um nacionalismo radical e de defesa da soberania ucraniana. Estes grupos se declaravam como opositores dos fracos democratas e demandavam uma revisão nas fronteiras do país, que deveria incorporar os seus territórios etnográficos (KUZIO 1997).

Destes grupos formados durante os anos 1990 emergiram diversos dos partidos e movimentos políticos de extrema-direita da Ucrânia. Tanto o Svoboda quanto o Setor Direito foram originados destes grupos. No caso do primeiro esse surgiu como uma dissidência do SNPU, enquanto o segundo foi decorrente da união de diversas correntes radicais relacionadas com o CUN (MIERZEJEWSKI-VOZNYAK 2018).

Estes movimentos, como destaca Michael Löwy (2015, p. 656) e tal qual outros grupos de extrema-direita em países pós-soviéticos, se consideram como herdeiros de movimentos nacionalistas e de viés fascista dos anos 1930. No caso da Ucrânia, a Organização dos Ucranianos Nacionalistas (OUN) é o sucessora do grupo de mesmo nome, criado em 1921 e que era liderado pela controversa figura de Stepan Bandera, por isso estes se denominavam como Bandeiristas. No período entreguerras, o movimento atuou clandestinamente na Polônia, Romênia e Tchecoslováquia, enquanto defendia a fundação e independência de um Estado ucraniano.

A OUN colaborou com o Terceiro Reich nazista a fim de barrar a expansão soviética e detinha uma forte influência do fascismo de Benito Mussolini. Na década de 1940 o movimento fundou o Exército Insurgente da Ucrânia (UPA) que continuou a lutar contra a autoridade da União Soviética em território ucraniano ao fim da Segunda Guerra

Mundial (KUZIO 1997; SHEKHOVTSOV 2011). Bandera é tido como a figura máxima entre os simpatizantes da extrema-direita ucraniana que afirmam que o líder da OUN foi quem mais lutou pela soberania ucraniana. Praticamente todos os grupos radicais da Ucrânia vangloriam o papel de Bandera e prestam homenagens para a sua figura, no entanto, na política ucraniana pós-soviética o CUN é quem mais se aproxima do legado da OUN contemporaneamente (MIERZEJEWSKI-VOZNYAK 2018, p. 866).

Desta forma, as características da violência e da xenofobia que já se faziam presentes em nichos da sociedade durante o período soviético, seguem presentes nestes coletivos contemporâneos. Soma-se a isto a resistência a toda e qualquer associação aos soviéticos, o que posteriormente se converteu na abominação aos russos. A apropriação do discurso nacionalista por estes coletivos localizados no espectro da extrema-direita faz com que essa característica acabe sendo associada a estes. No entanto, o viés nacional e a defesa de uma Ucrânia plenamente independente, com uma maior autonomia frente aos russos é a pretensão de diversos movimentos políticos do país, não vinculando-se diretamente à extrema-direita (KUBICEK 1999; UMLAND; SHEKHOVTSOV 2013).

Assim sendo, e analisando o contexto dos anos 1990, demonstra-se como a extrema-direita falhou em se organizar politicamente e isto ocorreu por conta de dois fatores principais. O primeiro é o fato de que estes grupos não conseguiam encontrar um aspecto agregador significativo que os unisse, diferente dos liberais e partidos pró-Rússia que costuraram acordos e realizaram coalizões eleitorais a fim de obter um maior apoio da população (MIERZEJEWSKI-VOZNYAK 2018). O outro fator se dá no sentido que estes movimentos atuavam em desencontro aos interesses econômicos das elites ucranianas, sobretudo porque muitos destas se davam em convergência com as inclinações russas<sup>1</sup>.

Entretanto, houve mudanças tanto nas causas que desestruturavam estes movimentos radicais, quanto na sociedade ucraniana. A desastrosa transição para o capitalismo perpassada pelo país, onde os recursos econômicos acabaram ficando

---

<sup>1</sup> Existem momentos em que a Rússia faz um uso político destes grupos de extrema-direita presentes na Ucrânia. O discurso de que toda a manifestação nacionalista ucraniana é necessariamente motivada pela extrema-direita do país tem por objetivo enfraquecer estes setores da sociedade. As Revoluções Laranja e da Dignidade foram divulgadas por alguns veículos de mídia russos como sendo eventos estruturados apenas por radicais do país, o que acaba sendo uma inverdade, embora tais grupos se fizessem presentes em ambas as oportunidades.

concentrados e a descrença da população para com a classe política se expandiu, proporcionou um descontentamento de diversos setores na Ucrânia. Desta forma, a crise político-econômica não superada na década de 1990 abriu a brecha para uma maior participação da extrema-direita na discussão política (LOWY 2015; UMLAND; SHEKHOVTSOV 2013). Ainda assim, mesmo com a gradativa introdução destes radicais nos debates, os números destes nos processos eleitorais seguiram sendo baixos.

O sistema político ucraniano é marcado por constantes mudanças desde a sua origem em 1991. Essas transformações têm por objetivo desenvolvê-lo a fim de conferir a este uma maior estabilização. Nesta conjuntura, pode se afirmar que muitos partidos políticos se originam na Ucrânia, mas tão logo surgem, são extinguidos, por não existir uma continuidade nas propostas destes. Assim, os partidos e blocos mais tradicionais, que acabam sendo comumente financiados pelos oligarcas, buscam atender às predileções destas elites econômicas. Com isto, a política ucraniana deixa de exercer o seu papel que é representar socialmente a sociedade e os seus interesses (FEDORENKO; RYBIY; UMLAND 2016). Logo, a descrença para com a política dá espaço para grupos que contestam as instituições e sua organização, algo comum nos movimentos radicais.

Sendo assim, faz-se necessária, novamente, a análise da conjuntura política ucraniana no século XXI. Houveram protestos contra o processo eleitoral e uma mobilização gigantesca da população para que Yushchenko assumisse o cargo de presidente do país em 2004, a fim de que este buscasse, principalmente, uma aproximação para com a União Europeia e o Ocidente. Após todo o suporte dado a este, a sociedade ucraniana não obteve quase nenhuma das reivindicações, as promessas da sua campanha não se concretizaram e Yushchenko se tornou uma decepção entre seus eleitores. Portanto, os eventos explicitaram, novamente, a descrença de setores da população ucraniana no processo político.

Anton Shekhovtsov (2011, p. 205) expõe o fracasso político da extrema-direita a nível nacional na Ucrânia nas eleições parlamentares de 1998 e 2002 tentando concorrer de forma independente. Nos dois processos houve a participação de um total de quatro organizações políticas deste espectro, no entanto, estes não angariaram nem 4% de apoio em nenhuma das oportunidades. Desta forma, não foram capazes de eleger representantes para o parlamento do país sem realizar coalizões. Contudo, regionalmente estes partidos já passaram a adentrar de forma mais participativa os arranjos eleitorais.

Tanto nas eleições regionais de 2002, quanto de 2006, o CUN e o Svoboda concorreram ativamente junto ao bloco “Nossa Ucrânia” de Yushchenko e angariaram cadeiras no Verkhovna Rada. Além disso, o partido atuou junto da UNA e seu braço militar, o UNSO, para prover segurança para Yulia Tymoshenko durante os episódios da Revolução Laranja (BUSTIKOVA; KITSCHOLT 2009, p. 475). Desta forma é importante destacar que, embora veículos de mídia, principalmente russos, tenham difundido durante as eleições de 2004 a inverdade que Yushchenko se tratava de um candidato com ideais neonazistas, este, de fato, vinculou-se e legitimou grupos da extrema-direita ucraniana a fim de obter uma base política mais ampla (RUDLING 2013). No entanto, durante a campanha eleitoral, o candidato da administração laranja portou-se como um social-democrata que defendia uma maior aproximação do país com a UE.

Cabe destacar ainda alguns ministros ucranianos nomeados por Yushchenko durante o seu período como presidente. O já citado CUN, teve entre suas lideranças Roman Zvarych, filho de imigrantes ucranianos e nascido nos Estados Unidos, que se elegeu para o parlamento do país concorrendo pelo partido de extrema-direita. Durante o governo de Yushchenko ele foi nomeado para Ministro da Justiça, Zvarych afirmava ser um defensor do nacionalismo ucraniano e que este não se assemelhava em nada com fascismo, racismo ou xenofobia (MIERZEJEWSKI-VOZNYAK 2018).

Logo, pode-se afirmar que nos anos 2000 a extrema-direita passou a adentrar o debate político do país de forma mais incisiva. Tanto pela descrença da população para com os partidos tradicionais e seus representantes, quanto por uma maior expertise política destes em cooperar com outros movimentos, o que lhes rendeu mais espaço. Ainda assim, uma maior participação não significa que estes partidos obtiveram qualquer tipo de protagonismo na política ucraniana (MIERZEJEWSKI-VOZNYAK 2018). Ressalta-se ainda que na década de 1990 a Europa testemunhou um crescimento da extrema-direita, principalmente nas regiões ocidental e central do continente. Posteriormente, no início dos anos 2000 essa onda ideológica adentrou o leste europeu e consequentemente o território ucraniano (BUSTIKOVA 2018).

Lenka Bustikova e Herbert Kitschelt (2009) realizam uma análise acerca de grupos radicais em países pós-comunistas europeus e sob quais conjunturas estes recebem um maior apoio. De acordo com os autores, países em que o passado comunista deixou um legado positivo, nos que existem contradições acerca da concepção do Estado-nação, mas

principalmente onde existem grandes minorias étnicas, os grupos de extrema-direita tendem a receber apoio escasso da população. No caso ucraniano, os pontos se exibem a partir da minoria russa, que representa mais de 30% da sociedade (BUSTIKOVA; KITSCHHELT 2009, p. 475), o legado soviético deixado, sobretudo para as classes inferiores e a histórica fragmentação entre a influência Ocidental ou da Rússia no desenvolvimento do país.

Desta forma, ainda de acordo com os autores, a conjuntura política da Ucrânia é vista como um exemplo de insucesso da extrema-direita, em especial nos primeiros vinte anos de formação do Estado, de 1991 a 2011 (BUSTIKOVA; KITSCHHELT 2009). No entanto, durante a segunda década do século XXI houve o primeiro caso de êxito eleitoral de um partido político independente localizado neste espectro político. O caso da União Pan-Ucraniana Svoboda, ou simplesmente Liberdade, este foi o primeiro de um partido político radical que, de forma independente, angariou apoio e se fortaleceu no parlamento do país.

O Svoboda foi uma dissidência do SNPU, fundado nos anos 1990 e que dispunha de várias características neonazistas, a exemplo da escolha do Wolfsangel, utilizado por tropas da SS nazista e simbologia corriqueira entre grupos deste espectro no continente europeu, como emblema do movimento. Além disso, os ideais de um nacionalismo radical e o discurso conservador de que a Ucrânia estava se distanciando dos valores tradicionais, encontrando-se desorientada e degenerada pelas drogas, violência, corrupção e a sexualidade. O discurso populista, bem como a narrativa de ser um partido social-nacional se assemelha ao método utilizado pelos nazistas em 1930. Ademais, o discurso dos partidários do Svoboda se dá em oposição a russos, judeus e poloneses, afirmando que estes têm dívidas históricas para com o povo ucraniano (MIERZEJEWSKI-VOZNYAK 2018; RUDLING 2013).

Desde a sua concepção o SNPU sempre teve suas bases de apoio centradas nas partes oriental e central do país, principalmente na região de Lviv. Embora o partido não obtivesse sucesso eleitoral, suas lideranças dispunham de muita influência em diversas cidades da Ucrânia. A partir do exposto, e visualizando que o partido não obteve um grande apoio durante a década de 90 na política ucraniana, ao adentrar o século XXI, houve uma reformulação interna neste (RUDLING 2013; LIKHACHEV 2013a).

Oleh Tyahnybok, um dos fundadores do partido, ocupou o cargo de representante regional na cidade de Lviv em 1994, posteriormente, elegeu-se para o Verkhovna Rada pela região em 1998. No ano de 2002, foi eleito para o parlamento concorrendo pelo bloco de Yushchenko, o “Nossa Ucrânia” (LIKHACHEV 2013a). Desta forma, no ano de 2004 o partido nomeia Tyahnybok como seu líder e este, a fim de se distanciar da alcunha de extremista, alterou diversas particularidades da associação. A nomenclatura de SNPU mudou para União Pan-Ucraniana Svoboda e o Wolfsangel deixou de ser vinculado diretamente ao partido, embora partidários ainda fizessem uso deste nas suas manifestações. O símbolo foi substituído por três dedos em riste que ostentam as cores da bandeira nacional ucraniana (SHEKHOVTSOV 2011; RUDLING 2013).

Ainda em 2004, no entanto, Tyahnybok acabou expulso da coligação de Yushchenko no parlamento por proferir um discurso exaltando o papel da OUN e do UPA durante a Segunda Guerra Mundial. O líder do Svoboda expressou que a organização lutou contra russos, alemães e judeus que queriam tomar o Estado ucraniano, além disso afirmou que a Ucrânia estava dominada politicamente por uma máfia moscovita-judaica. Enquanto parlamentar, Tyahnybok ainda discursou no Verkhovna Rada que o então presidente Yushchenko colocava em risco a soberania ucraniana ao permitir “as atividades do crime organizado judeu” (RUDLING 2013, p. 237). Tal fato corrobora como o antissemitismo se faz presente nas práticas do partido e é aceito entre seus integrantes.

Desta forma, o Svoboda acabou angariando um maior espaço na mídia e consequentemente popularidade, principalmente fora da Ucrânia. Como citado anteriormente, vários países europeus apresentavam partidos da extrema-direita consolidados no seu quadro político, resultando em associações destes. A ascensão destes radicais ucranianos acabou engajando-os na agenda de cooperação da extrema-direita europeia.

O Svoboda estreitou o relacionamento com a chamada Aliança Europeia de Movimentos Nacionais, fundada em 2009, que inclui o Partido Nacional Britânico, a Frente Nacional na França, a Fiamma Tricolore italiana, os húngaros do Jobbik, a Frente Nacional da Bélgica e o sueco Nationaldemokraterna (RUDLING 2013 p. 239). A cooperação entre estes se dava no intercâmbio de ideais, propaganda e da organização dos partidos, além disso, a assistência conjunta buscava envolver e abarcar, principalmente, a juventude destes movimentos. No entanto, o partido ucraniano não adentrou a aliança por não se tratar de um membro da União Europeia, desta forma, atuou

apenas como observador até o ano de 2014 quando saiu da organização afirmando que alguns partidos-membros apoiavam que a Rússia anexasse a Crimeia (IOVENKO 2015).

Assim, vê-se como a extrema-direita, mas principalmente o Svoboda, cresceu durante a década de 2000, legitimados pelo governo de Yushchenko e expandindo sua influência. Tal fato explicitou-se durante as eleições regionais de 2009, onde o partido obteve 35% dos votos na região de Ternopil, angariando 50 dos 120 assentos (SHEKHOVTSOV 2011, p. 206). Além disso, o Svoboda ainda obteve 41 das 116 cadeiras no conselho regional de Lviv, e na região de Ivano-Frankivsk foram 17 das 114 (LIKHACHEV 2013a, p. 18). Os deputados do partido ainda obtiveram apoio nas regiões de Volyn, Rivne, Tchernivtsi, Kiev e Khmelnytsky, em todas essas províncias as minorias étnicas russas não se fazem tão presentes e o idioma ucraniano é o mais utilizado pela população.

O resultado destas eleições regionais consolidou uma base eleitoral do Svoboda nas províncias ocidentais do país, ainda assim, no ano seguinte, 2010, nas eleições para presidência ucraniana este apoio não foi direcionado para o seu candidato à presidência. Representado pela figura de Oleh Tyahnybok o partido recebeu uma votação pouco significativa, beirando os 4,89% dos votos (SHEKHOVTSOV 2011 p. 219).

Durante as eleições de 2012 para o Verkhovna Rada foi que o partido obteve uma das votações mais expressivas da Ucrânia e elegeu 37 deputados, totalizando 10,44% do sistema partidário (MIERZEJEWSKI-VOZNYAK 2018 p. 862). A força eleitoral obtida pelo Svoboda foi algo sem precedentes na política ucraniana para um grupo radical. No processo eleitoral de 2012 o Partido das Regiões obteve maioria, somando 185 assentos, a coalizão de apoio à Yulia Tymoshenko obteve 101, a Aliança Democrática Ucraniana por Reformas recebeu 40, seguida pelo Svoboda com suas 37 cadeiras no parlamento (RYBIY 2013). Bustikova (2015) define que estudiosos acerca da conjuntura política na Ucrânia atribuem o sucesso eleitoral do Svoboda a diversas questões, as principais são:

[...] insatisfação com os partidos tradicionais, protesto contra os votos no presidente Yanukovich, ansiedade associada à lei de linguagem de 2012, um apelo anti-establishment por parte dos eleitores, desapontamento com a economia e a corrupção política, xenofobia, desaceleração econômica e a reemergência de legados pré-guerra (BUSTIKOVA 2015 p. 1, tradução nossa)

Desta forma, analisando a ascensão do Svoboda na política ucraniana e o maior espaço ganho por este na sociedade, pode se afirmar, que outros movimentos de extrema-

direita progrediram no país auxiliados por este quadro sucessório do partido. Assim, ao abordar a conjuntura contemporânea ucraniana e o período da presidência de Yanukovich (2010-2014) é que se chega, ao final de 2013, no início da chamada Revolução da Dignidade, que se espalhou por toda a Ucrânia. Destaca-se o fato já citado que, embora os protestos da Euromaidan não tenham sido puxados por setores específicos da sociedade, tendo um caráter plural de classes e abarcando diversas ideologias, a participação da extrema-direita se deu de forma direta, principalmente quando iniciou o período de escalada da violência.

Tanto estudiosos com um viés pró-Rússia, quanto a mídia próxima de Moscou, e inclusive alguns veículos ocidentais, aumentaram significativamente a real participação dos movimentos de extrema-direita durante os protestos contra o governo Yanukovich (MIERZEJEWSKI-VOZNYAK 2018). Tal fato é corroborado pelos discursos do governo russo para justificar a anexação da Crimeia e o suporte aos separatistas no leste da Ucrânia, afirmando que o fizeram a fim de barrar a “junta fascista” que ocupava Kiev (ISHCHENKO 2016; KATCHANOVSKI 2020). Estes grupos não exerceram um papel crucial nos eventos iniciados em 2013, no entanto, angariaram apoio de diversos setores da população principalmente no contexto pós-Euromaidan.

Durante a Revolução da Dignidade, destacam-se a atuação de dois movimentos de extrema-direita que cooperaram a fim de se fortalecerem mutuamente. O partido político Svoboda, que mobilizou diversos voluntários de Lviv para Kiev durante os protestos, além do coletivo Setor Direito, uma organização guarda-chuva que abarca diversos coletivos de extrema-direita e fundado durante o período da ocupação de Kiev (MIERZEJEWSKI-VOZNYAK 2018; BUSTIKOVA 2015). Estes grupos atuaram conjuntamente durante os protestos no formato de guerrilhas urbanas, contrapondo-se a violência policial e baseando seu discurso em um nacionalismo radical.

O Svoboda já atuava como oposição ao governo de Yanukovich desde o seu início no parlamento do país, com isto, reivindicar a queda do Partido das Regiões e ocupar a Maidan foi algo inevitável para o coletivo. A atuação do partido nas ruas lhes rendeu protagonismo entre a sociedade ucraniana, no entanto isto veio a um preço alto, uma vez que três membros do Svoboda foram mortos nos confrontos contra a polícia ao final de fevereiro de 2014 (LIKHACHEV 2016).

Em dado momento da ocupação da Praça da Independência, em Kiev, houve uma escalada da violência, tanto da repressão do governo, quanto por parte dos manifestantes. Essa resposta de quem estava protestando foi mobilizada por coletivos de extrema-direita, os integrantes destes expulsaram dos prédios quem protestava de forma pacífica com a intenção de radicalizar as manifestações (MIELNICZUK 2014). Neste contexto, estes movimentos passam a assumir um caráter paramilitar que se baseava exclusivamente na derrubada de Viktor Yanukovych. Além disto, a resposta do governo se deu porque, de forma desesperada, o presidente buscava se manter na administração do país por meio da coerção e o sufocamento aos protestos.

Nesta conjuntura, todavia, cabe ressaltar o episódio no qual foram disparados tiros provenientes de rifles snipers que assassinaram manifestantes nas ruas da capital ucraniana durante a Euromaidan. No ocorrido, o governo e policiais foram acusados das mortes. Posteriormente, por meio de um vazamento da conversa entre a chefe de Relações Exteriores da União Europeia, Catherine Ashton, e o Ministro de Relações Exteriores estoniano, Urmas Paet, revelou-se que as balas foram disparadas por milícias ultranacionalistas presentes nas ocupações da Maidan e que tinham como alvo tanto a polícia quanto os manifestantes (GANDER 2014).

O principal grupo destes nacionalistas que ocupavam a Maidan se tratava do Setor Direito, que abarcava diversos coletivos de extrema-direita, entre eles estavam o Tridente (Tryzyb), os Patriotas da Ucrânia, a UNA-UNSO, a Assembleia Social-Nacional, o C14 ou Sich, e o Martelo Branco (MIERZEJEWSKI-VOZNYAK 2018, p. 871). Alguns atuavam de forma mais radical que outros, no entanto, todos representavam um ultranacionalismo associado a ideais de extrema-direita. Diferindo-se do Svoboda, estes grupos não eram estruturados de forma política, atuando apenas nas ruas do país. O Setor Direito era liderado por Dmytro Yarosh e ganhou visibilidade na Maidan após assumir a responsabilidade pelos confrontos contra a polícia em janeiro de 2014 (LIKHACHEV 2016).

O Setor Direito se destacou durante os episódios de violência, uma vez que teve participação direta na radicalização da Maidan e dos seus manifestantes. Mielniczuk (2014, p. 7) ainda disserta sobre o grupo: “existem, inclusive, laços dos nacionalistas ucranianos com grupos paramilitares que lutaram na Chechênia contra os russos, e a confirmação de que muitos ‘manifestantes’ são paramilitares treinados”. Tal fato

demonstra como estes coletivos eram militarmente estruturados e que durante os protestos atuavam com propósitos e determinação muito bem definidas.

A organização desses grupos e sua atuação clandestina acabam instigando a saber quem são os financiadores destas organizações, a exemplo do Setor Direito, e isto acaba tornando-se uma guerra de narrativas. A mídia russa afirma que o grupo é financiado pelo governo estadunidense, a fim de desestabilizar a região e buscando repelir as minorias étnicas russas que ali vivem. Em resposta, a mídia ocidental afirma que quem sustenta estes coletivos é Moscou, visando controlar o território ucraniano com o propósito de adentrar a zona de influência da Rússia e expandir o âmbito da OTAN (KATCHANOVSKI 2020). No entanto, nenhum dos lados consegue, de forma concreta, respaldar suas afirmações.

Fato é que diversos destes paramilitares atuaram enquanto organizadores da ocupação da Praça da Independência. Boa parte dos membros já haviam recebido treinamento militar, desta forma, auxiliaram no processo de estruturação dos chamados grupos de Autodefesa da Maidan. Durante diversos períodos da ocupação civis atuaram guardando o local e nos momentos de confronto os paramilitares assumiram o controle da situação (LIKHACHEV 2015).

A Revolução da Dignidade, portanto, demonstrou-se como um terreno fértil para a propagação de ideologias radicais. A utilização de símbolos, bandeiras e slogans pela extrema-direita foi algo extremamente presente, não só na cidade de Kiev, mas algo que se espalhou por todo o país (UMLAND 2019). A visibilidade angariada por estes movimentos permitiu a estes estruturarem-se enquanto partidos políticos no momento posterior à Euromaidan. Desta forma, a partir de 2014, a sociedade ucraniana se mostrou mais receptiva para as várias formas de nacionalismo, o que acaba por incluir o nacionalismo radical difundido por boa parte dos movimentos de extrema-direita ucranianos (UMLAND 2019).

A relevância angariada pelo Svoboda por conta da sua atuação enquanto oposição, tanto antes quanto depois das manifestações, foi respaldada pela conjuntura política pós-revolucionária. Representantes do partido receberam três cargos ministeriais do país, além do cargo de Procurador Geral da Ucrânia. Contudo, no ano de 2014, houve eleições regionais e nacionais a fim de consolidar a reforma político-administrativa pós-

revolucionária. Na oportunidade, o Svoboda não conseguiu converter sua atuação em votos e acabou perdendo os cargos no executivo ucraniano (LIKHACHEV 2016).

O já citado apoio à extrema-direita, visualizado nas eleições parlamentares de 2012 pela ascensão do Svoboda, foi influenciado diretamente pela posição pró-Rússia do então presidente Yanukovich. Assim, pode-se afirmar que as agressões russas à soberania ucraniana, caracterizadas pela anexação da Crimeia após os protestos da Euromaidan, fazem com que a população passe a respaldar de forma mais significativa o discurso da extrema-direita. Tal fato, também é atrelado diretamente ao aumento da xenofobia para com minorias russas na Ucrânia (UMLAD 2019).

Com isto, ao final da Euromaidan, estes grupos que se encontravam estruturados, tanto de forma política, quanto militar e que recebiam um respaldo da população ucraniana ocidental, consumaram o objetivo principal que visava a queda do governo de Yanukovich em 2014. Assim, valendo-se da falta de unidade política e do vácuo de autoridade no país, estes movimentos passaram a assumir um caráter mais militarizado e de oposição à presença russa no território ucraniano.

#### **4.2. Os grupos paramilitares ucranianos pós-Euromaidan**

Os grupos paramilitares são um fenômeno existente desde a antiguidade. No entanto, em um sentido moderno estes coletivos têm se inserido no fenômeno das guerras contemporâneas que caracterizam os conflitos na era pós-Guerra Fria. Aliyev (2016, p. 2) expõe que a nomenclatura destes grupos é modificada, dependendo da forma como estes atuam. Termos como “esquadrão da morte”, “grupos de autodefesa”, “guardas civis” abarcam forças paramilitares que, normalmente, atuam sem a anuência do Estado.

No caso ucraniano, durante o período em que a Maidan, em Kiev, fora ocupada, irromperam diversas destas organizações que se estruturaram e ganharam proeminência na sociedade, se expandindo para diversas regiões do país. A formação de grupos paramilitares envolve, principalmente, a ameaça russa ao leste e suas aspirações no território ucraniano. Além disso, a desproporcionalidade de forças entre os Estados faz com que a Ucrânia acabe permitindo que esses paramilitares auxiliem no confronto contra a Rússia. Desta forma, a formação paramilitar relaciona-se com a debilidade do Estado ucraniano e sua fraqueza para prover segurança para a população e preservar, além da sua

soberania, a integridade do seu território (CLAPP 2016; ALIYEV 2016; UMLAND 2019).

Malyarenko e Galbreath (2015) apresentam as diversas complicações que envolvem as forças armadas ucranianas. A principal delas trata-se da corrupção endêmica que assola as corporações, uma vez que os baixos investimentos realizados pelo Estado, dada a frágil situação econômica do país, não se convertem em estrutura para os militares. Além disto, a tecnologia bélica ucraniana é deteriorada e relativamente obsoleta: 53,3% das armas do exército da Ucrânia foram utilizadas por mais de 25 anos (MALYARENKO; GALBREATH 2015, p. 7). Desta forma, diversos dos grupos paramilitares acabaram despontando como oportunos para o quadro do país à época.

A extrema-direita política tem uma relação direta com estes coletivos e a conjuntura pós-Euromaidan revela como a popularidade angariada por estes fez com que recebessem suporte durante o caos administrativo do país. Enquanto o Estado ucraniano passava por um período de vácuo de poder e era disputador por diversos grupos, a Rússia operava no leste do país. A transição de governo ucraniana envolveu a anexação do território-autônomo da Crimeia por Putin, além dos levantes separatistas nas províncias de Luhansk e Donetsk na fronteira ucráino-russa (MALYARENKO; GALBREATH 2015).

Embora os paramilitares fossem uma parcela pequena da força militar ucraniana, eles passaram a receber um maior apoio no início de 2014, mesmo pautados por uma ideologia de extrema-direita. Esse maior suporte se dá por diversos fatores: a defesa de um nacionalismo radical, apoio aos seus atos de confronto e demonstrações de força. Todos os pontos foram visualizados pela população durante o período da ocupação das ruas de Kiev em 2013-2014, além disso, existem os que enxergam estes paramilitares como uma força a mais no confronto contra a Rússia (LIKHACHEV 2016, p. 14).

Os chamados batalhões territoriais se desenvolveram em diversas regiões ucranianas, entre os principais estão o Batalhão de Lviv, a Companhia Kremenchuk, o Dnipro-1, o Kiev-2, o Batalhão da OUN e o Batalhão da UNSO (CLAPP 2016; LIKHACHEV 2016). Além destes existe o chamado Batalhão Dzhokhar Dudayev, composto por chechenos que lutaram na guerra contra a Rússia motivados por um sentimento antirrusso, focado principalmente no ódio à figura de Vladimir Putin.

Existem ainda diferentes motivações entre os batalhões, que acabam impactando na sua atuação e funcionamento. O batalhão Sankta Maria, por exemplo, é motivado pela

religião e composto por cristãos-ortodoxos. Já entre os diversos batalhões motivados pelo ultranacionalismo, existe o Sich, o Aydar, o Shakhtyorsk e o Tornado entre os seus principais expoentes (CLAPP 2016; LIKHACHEV 2016). No entanto, o mais proeminente destes e que recebeu, inclusive, visibilidade internacional, foi o Batalhão de Azov, abertamente neonazista afirmando se tratar de uma organização ariana e racista (LIKHACHEV 2016).

Essa formação de grupos paramilitares, inicialmente, se deu de forma espontânea, porém conforme estes passaram a se estruturar, o Estado ucraniano passou a dar-lhes uma maior visibilidade. No caso, o governo entendeu que eles deveriam ser vistos como parceiros e não inimigos, assim a Ucrânia passou a anexar estas organizações à sua força militar (UMLAND 2019). Likhachev (2016) descreve de que forma essa anexação é realizada pelo Estado:

1) como batalhões de defesa territorial (BDT) subordinados ao Ministério da Defesa, 2) como parte da Guarda Nacional e resultado das reformas nas Tropas Internas da Ucrânia, subordinadas ao Ministério do Interior, 3) como unidades especiais do Ministério do Interior. (LIKHACHEV 2016, p. 13, tradução nossa)

Além destas alternativas, existe o chamado Corpo Voluntário da Ucrânia, que abarca organizações militares que não são reconhecidas pelo governo de Kiev como parte do Estado ucraniano. O caso do Batalhão de Azov é o de maior destaque, formado no imediato pós-Euromaidan por Andriy Biletsky, um ex-integrante do Svoboda que se retirou do partido após a sua reformulação em 2004 (KUZIO 2015). O Batalhão de Azov é constituído pela aliança dos Patriotas da Ucrânia com a SNPU, pautando-se por uma ideologia de extrema-direita e um nacionalismo radical. Os integrantes do grupo são xenofóbicos e racistas, utilizam como insígnias o Wolfsangel e o sol negro, simbologias utilizadas por neonazistas contemporâneos (LIKHACHEV 2016; UMLAND 2019).

O Batalhão de Azov inicialmente ganhou maior visibilidade quando confrontou manifestantes pró-Rússia nas ruas da cidade de Kharkiv em março de 2014. Posteriormente, em maio, a organização passou a atuar no leste do país contra os separatistas: desta forma, o Estado ucraniano acabou anexando o batalhão ao Ministério do Interior e tornando-o uma unidade especial militar. Pouco depois o batalhão acabou recebendo atenção internacional pela sua atuação na cidade de Mariupol, perto da região da Crimeia, que estava sob controle de separatistas e acabou sendo retomada pelos

integrantes do grupo, que inclusive furtaram armamento pesado russo na oportunidade (COHEN; GREEN 2016). Como forma de reconhecimento, este passou a ser considerado um regimento e foi anexado à Guarda Nacional, passando a assumir um papel mais importante entre as forças militares da Ucrânia (LIKHACHEV 2016).

Além destes citados, cabe salientar a importância de outros três batalhões: o Dnipro-1, Batalhão Sich ou C14 e o Corpo Voluntário do Setor Direito. O primeiro foi fundado na cidade de Dnipropetrovsk, uma das principais do país, em abril de 2014. O batalhão foi financiado pelo bilionário Ihor Kolomoisky, que investiu 10 milhões de dólares, com o aval do Ministério do Interior ucraniano, para a sua criação (COHEN; GREEN 2016). O Dnipro-1 tornou-se uma das principais forças paramilitares da Ucrânia, protegendo principalmente a região onde fora fundado e desenvolvido, o objetivo essencial do batalhão é evitar a aproximação dos separatistas do leste. Os paramilitares do grupo ainda conseguiram retomar o importante porto de Novoazovsk do controle dos rebeldes (CLAPP 2016).

O Sich, também chamado de C14, necessita ser salientado, uma vez que o grupo manteve um relacionamento estreito com o Svoboda na conjuntura pós-Euromaidan. A chamada ala jovem do partido foi convocada para atuar voluntariamente no batalhão: o serviço era visto como uma forma de patriotismo e defesa do nacionalismo ucraniano frente à ameaça russa. Além disto, a atuação do Svoboda junto ao C14 rendeu ao partido um reconhecimento maior entre grupos de subcultura na periferia ucraniana como neonazistas, skinheads e membros de torcidas organizadas (LIKHACHEV 2016; KATCHANOVSKI 2020).

Já o Corpo Voluntário do Setor Direito, como o próprio nome diz, foi fundado pelos integrantes do Setor Direito que tiveram atuação direta durante o período da Euromaidan. Sob a liderança de Dmytro Yarosh, a organização se estruturou em torno de um conjunto de diversos grupos da extrema-direita ucraniana que ganharam força durante a ocupação de Kiev. O coletivo assumiu um caráter paramilitar e se estabeleceu em diversas cidades da Ucrânia. Em 2014 os braços militares do Setor Direito espalhavam-se por cerca de 21 cidades ucranianas (CLAPP 2016, p. 27). No entanto, a organização foi a que mais relutou em ser anexada pelo Estado ucraniano, preferindo a independência e diferindo-se dos outros grupos paramilitares do país (COHEN; GREEN 2016).

O quinto batalhão do Setor Direito foi responsável por retomar o controle das cidades de Karlivka e Pisky, na região central da Ucrânia (CLAPP 2016, p. 26). Por ser uma organização guarda-chuva que abarca diversos grupos divergentes, torna-se complicado definir a orientação do Setor Direito, no entanto, o nacionalismo radical é comum aos seus integrantes. Ainda assim, ressalta-se o fato de que dois dos principais grupos que compõem o Corpo de Voluntários do Setor Direito, o Tridente e os Patriotas da Ucrânia, ostentam símbolos neonazistas e afirmam que seus respectivos coletivos não estão abertos para pessoas não-brancas (LIKHACHEV 2016; MIERZEJEWSKI-VOZNYAK 2018; CLAPP 2016).

Dmytro Yarosh, que assumiu o posto de líder do Setor Direito durante o período da Euromaidan, ao fim da ocupação de Kiev e durante a queda do governo de Yanukovich, afirmou em uma entrevista que: “se sentia confortável em ir para a guerra, por que se preparou para isto por vinte anos, fisicamente e psicologicamente” (LIKHACHEV 2016, p. 11) Isto demonstra que não só o Setor Direito, mas a extrema-direita na Ucrânia como um todo, atentou-se muito mais a treinamentos e práticas militares do que em atividades políticas. Por conta disto, diversos grupos já se encontravam preparados para um possível conflito, o que lhes conferiu uma rápida resposta, proporcionada pela formação dos coletivos paramilitares no país.

Desta forma, mais importante que o suporte eleitoral, demonstra-se como a extrema-direita detém influência na sociedade ucraniana e que estes grupos podem angariar poder de outras maneiras que não apenas por meio do voto. A estrutura de poder da extrema-direita na Ucrânia é muito mais ativa fora da arena eleitoral e os grupos paramilitares expõem isto (ISCHENKO 2016). No entanto, os partidos localizados neste espectro político ainda recebem apoio da população e a ascensão de diversos destes na conjuntura pós-Euromaidan acaba corroborando tal afirmação.

A atuação de coletivos durante a Revolução da Dignidade e indivíduos que lideraram grupos paramilitares, a exemplo do Setor Direito, fez com que estes buscassem atuar no sistema partidário ucraniano. Figuras como Andriy Biletsky e Dmytro Yarosh passaram a concorrer politicamente e fundar partidos, angariando cadeiras no parlamento do país. Embora tenham concorrido para presidente e ambos tenham realizado votações pouco expressivas, posteriormente elegeram-se deputados para o Verkhovna Rada. Além dos citados, um dos líderes do Batalhão de Azov, Vadym Troyan, foi nomeado como

chefe da Polícia Nacional na região de Kiev e passou a angariar um maior apoio na política ucraniana (KATCHANOWSKI 2020; MIERZEJEWSKI-VOZNYAK 2018).

O fato de que, membros do Batalhão de Azov, um grupo paramilitar assumidamente racista e xenofóbico, passem a lograr espaço no poder executivo é um fato preocupante para a sociedade ucraniana. Tal fato se deu principalmente por conta da atuação do então Ministro do Interior, Arsen Avakov que passou a proteger diversos radicais do país (MONTAGUE 2021). Isto expõe como os radicais ganharam espaço no debate político ucraniano, embora esse apoio não se converta em apoio nas eleições presidenciais, como traz Umland (2019, p. 108), com o Svoboda recebendo 1,16% dos votos, enquanto o Setor Direito angariou 0,7% destes na eleição presidencial de 2014.

Além disto, a conjuntura caótica da política pós-Euromaidan e a ascensão dos paramilitares fez com que se a Ucrânia se tornasse destino de diversos combatentes estrangeiros. Mareš (2017, p. 35) divide essas tropas do exterior em cinco categorias:

1. Combatentes estrangeiros provenientes de países da OTAN sem relação étnica direta com as partes do conflito na Ucrânia
2. Combatentes estrangeiros provenientes de países da OTAN com relevante relação étnica com as partes do conflito na Ucrânia
3. Combatentes de possíveis membros do conflito
4. Combatentes estrangeiros da Rússia (como atores específicos da crise ucraniana)
5. Combatentes estrangeiros de outros países  
(Mareš 2017, p. 35, tradução nossa)

Assim, o autor cita tanto o Batalhão de Azov quanto o Corpo Voluntário do Setor Direito e suas diversas tropas como o principal destino destes estrangeiros no conflito ucraniano. Essas tropas são colocadas na primeira categoria, a qual abarca tropas vindas de: “Itália, França, Albânia, Bélgica, Polônia, Espanha, Dinamarca, Grécia, Lituânia, Letônia, Países Baixos, República Tcheca e Estados Unidos” (MAREŠ 2017, p. 35, tradução nossa). Além deste, o autor ainda cita israelenses, finlandeses, suecos e georgianos do lado pró-Ucrânia que ocupam a quinta categoria.

Estes indivíduos acabam adentrando estes batalhões por possuírem um sentimento de oposição ao nacionalismo russo ou mesmo por buscarem uma associação a organizações neonazistas contemporâneas, como é o caso tanto dos combatentes de Azov quanto dos do Setor Direito. A relação dos paramilitares com outros integrantes de países-membros da OTAN rendeu a alguns grupos táticas e exercícios militares semelhantes aos destes. Clapp (2016, p. 27), que esteve presente nos campos de treinamento do Batalhão

de Azov, expõe que membros do batalhão afirmaram que o exército ucraniano era antiquado, pois ainda atuava com uma mentalidade soviética, enquanto os voluntários paramilitares recebiam capacitação nos moldes da OTAN. O autor ainda cita que boa parte dos instrutores destas organizações eram provenientes do oeste europeu ou israelenses.

Desta forma, os paramilitares e a extrema-direita deixam de ser um problema exclusivamente ucraniano, visto que existem indivíduos de diversas nacionalidades envolvidos no conflito, especialmente de outros Estados europeus. Cabe aqui ressaltar que conforme estes batalhões foram se formando, houve um desentendimento sobre como estes seriam armados. O já citado Ministério do Interior, que defende a atuação dos paramilitares, afirmava que o governo deveria prover material bélico para estes grupos, enquanto o Ministério da Defesa se opunha a tal ideia (COHEN; GREEN 2016).

Sendo assim, essa ascensão dos paramilitares ucranianos apresenta-se diretamente relacionada com os eventos político-contemporâneos do país. Os dois movimentos, tanto de 2004 quanto 2013-2014 evidenciaram uma nova fase para o nacionalismo da Ucrânia que fora reprimido por diversos momentos da história e com isto acaba tendo diversos radicais entre os seus adeptos.

Com isto, essa ascensão paramilitar pode ser evidenciada a partir da velocidade tomada pelos combates no país, que se dividiram em quatro períodos: Embates na Maidan (Dez/2013-Mar/2014); Embates na Crimeia (Fev-Mar/2014); Embates no leste da Ucrânia até a assinatura dos Acordos de Minsk II (Mar-2014/Jan/2015); Congelamento do conflito no leste da Ucrânia (2015) (MAREŠ 2017, p. 33). Atualmente, pode-se afirmar que as hostilidades adentraram um período muito mais violento e excessivo por parte da Rússia. Se antes a soberania ucraniana estava sendo contestada hoje ela se encontra completamente violada.

Desta forma, indo de encontro ao que propõe Cohen e Green (2016, p. 69), são perceptíveis as diversas falhas entre os batalhões voluntários ucranianos. Isto se dá tanto pela indisciplina, quanto pela falta de equipamento bélico para alguns destes coletivos, mas sobretudo pelo ativismo ideológico de diversas destas organizações. No entanto, foi a solução encontrada pelo Estado ucraniano para a rápida escalada do conflito no leste do país. Assim, os paramilitares acabam somando-se ao frágil exército do país para combater os separatistas em diversas regiões da Ucrânia.

## **5. As torcidas organizadas na Ucrânia**

Na Ucrânia, o futebol ocupa um lugar de destaque entre as formas de entretenimento e lazer da população. No entanto, o jogo reflete diversas questões sociais e políticas presentes na sociedade ucraniana, o que se visualiza, principalmente, pelos torcedores das equipes. Todos os grandes clubes da Ucrânia possuem torcidas que frequentam assiduamente os estádios do país a fim de apoiar seus respectivos times. Neste contexto despontam os já citados torcedores organizados, que no caso ucraniano possuem características muito específicas e semelhantes.

Desta forma, o presente capítulo dissertará acerca destas torcidas organizadas e a forma como estas evoluíram dentro da Ucrânia, principalmente a partir da entrada do século XXI e a introdução dos oligarcas do país na esfera futebolística. Estes movimentos atuaram diretamente em eventos políticos da história contemporânea ucraniana, sobretudo nos protestos da Euromaidan em 2013 e 2014. As ações destes torcedores, em especial nos confrontos violentos com as forças policiais nas ruas de Kiev, lhes renderam visibilidade e permitiu que estes se estruturassem, tanto de forma política quanto militar.

A atuação política destes torcedores organizados explicitou seu viés ideológico vinculado à extrema-direita que já se observava por algumas manifestações racistas e violentas nas arquibancadas ucraniana. Portanto, ressalta-se a importância da Revolução da Dignidade para estes coletivos e, essencialmente, por conta da conjuntura após este evento na qual estes torcedores organizados passaram a se estruturar em grupos paramilitares.

Portanto, será realizada uma análise acerca do desenvolvimento destas torcidas organizadas, seu papel na sociedade ucraniana, centrando-se, em especial, na sua atuação durante e após a Euromaidan. Tal exploração busca verificar a transição destes torcedores em membros de grupos paramilitares vinculados à partidos e movimentos de extrema-direita na Ucrânia.

### **5.1. O desenvolvimento das torcidas organizadas ucranianas: nacionalismo, extrema-direita e paramilitarismo**

As torcidas organizadas já se estruturavam desde o período soviético, mais precisamente na década de 1970 quando torcedores do Spartak de Moscou passaram a se

organizar nos estádios ocupando setores específicos e ostentando bandeiras. O exemplo foi seguido tanto pelo Zenit de São Petersburgo quanto pelos torcedores do Dínamo de Kiev, o que deu início a composição das organizadas ucranianas no início dos anos 80. Os torcedores geralmente se postavam atrás do gol e utilizavam vestuário com as cores do time, uma vez que não se vendiam os modelos utilizadas pelos atletas como ocorre hoje (KRUGLIAK; KRUGLIAK 2017).

Com a expansão mundial do futebol, o começo do processo de derrocada da URSS e o fortalecimento de setores nacionalistas na Ucrânia, as arquibancadas passaram a refletir o momento político do país. Os torcedores ucranianos, que já se destacavam por episódios de violência dentro e fora dos estádios, também passaram a disseminar propaganda nacionalista dentro destes. O poder central soviético buscava sufocar rapidamente toda e qualquer manifestação nacional das suas repúblicas, temendo que estas se espalhassem (RUZHELNYK 2018).

Essa estruturação das torcidas ucranianas não se limitava a ocupar as arquibancadas e cantar pelo seu time. Os torcedores viajavam por toda a URSS, acompanhando seu clube do coração onde quer que este jogasse. A maioria destes adeptos fanáticos eram estudantes que possuíam entre 20 e 25 anos de idade (KRUGLIAK; KRUGLIAK 2017, p. 173).

Houveram manifestações nacionalistas, tanto entre torcedores do Dínamo de Kiev, o principal clube ucraniano, quanto os do Karpaty Lviv, um dos principais do país. Em diversas oportunidades durante o período soviético os torcedores entoaram nas arenas futebolísticas os seguintes cânticos: “‘Amarela e azul é a nossa bandeira’ [...] ‘Ucrânia será livre’ e ‘Nossa terra-natal será independente’” (RUZHELNYK 2018 p. 315). Somase a isto o fato de que após um embate violento entre torcedores do Dínamo e do Spartak Moscou as autoridades soviéticas passaram a associar os episódios de violência com as manifestações nacionalistas. Com isto, removeram o álcool dos estádios, passaram a restringir a entrada de torcedores e em alguns indivíduos foram, inclusive, proibidos de frequentar as arenas e torcer pelos seus clubes (MONTAGUE 2021).

Além disto, nos anos seguintes uma visão antissoviética e anticomunista passou a se espalhar pelos torcedores ucranianos e de outras repúblicas soviéticas, ela se intensificava conforme a URSS perdia poder e se aproximava de ter seu fim decretado. Nesse sentido, foi criada a unidade anti-Moscou que incluía os torcedores do Dínamo

Kiev, do Dnipro de Dnipropetrovsky e do Karpaty Lviv, além disso, contava com o Skonto de Riga e do Zalgiris de Vilnius, respectivamente da Letônia e da Lituânia (RUZHELNYK 2018).

Desta forma, cabe aqui salientar a forma como o futebol e seus torcedores refletem os desdobramentos que se sucedem na sociedade e o caso ucraniano não se difere disto. Assim, no ano de 1991, após a queda da União Soviética e o período de afloramento dos sentimentos nacionais, finalmente, a Ucrânia constitui-se como um Estado independente.

Para os ucranianos, a década de 1990 e o futebol do país, refletiram o caos político e econômico perpassado por este. O fracasso da transição para o sistema capitalista e a dificuldade em estruturar as instituições estatais fez com que a sociedade ucraniana acabasse se ocupando com outras questões, assim o meio futebolístico acabou ocupando uma posição marginal durante esse período (KRUGLIAK; KRUGLIAK 2017). O principal clube do país, o Dínamo de Kiev que era protagonista nos campeonatos europeus e tinha o apoio do Partido Comunista Soviético, se tornou um clube praticamente insignificante no continente à época (VETH 2014). Somente ao final dos anos 90 e ao início do novo século que os torcedores passaram a retornar de forma mais frequente para as arquibancadas da Ucrânia.

O que ocorreu no começo da década de 2000 foi que clubes de futebol passaram a ser adquiridos por oligarcas ucranianos que os utilizavam para lavagem de dinheiro e plataforma política. O Dínamo foi adquirido pelos irmãos Surkis que controlavam um conglomerado de empresas e bancos do país, além disto, realizavam negócios envolvendo tecnologia nuclear na Ucrânia. Além deste, o Shakhtar de Donetsk foi comprado pelo magnata Rinat Akhmetov que domina a região leste ucraniana tendo negócios em praticamente todos os setores, sobrepondo-se o da indústria pesada de minérios (VETH 2014, p. 58-59). Os dois clubes multimilionários passaram a se alternar na conquista de troféus dos campeonatos ucranianos, ambas as equipes se tornaram empresas e expandiram a sua atuação para muito além do futebol.

Foi nesse mesmo período que a prática das torcidas organizadas passou a se popularizar entre os clubes ucranianos. Esses torcedores acompanharam um fenômeno que à época se propagou de forma vertiginosa no leste europeu, principalmente na Rússia, Ucrânia e Polônia, na região as organizadas passaram a se estruturar combinando o estilo ultra italiano com a violência dos hooligans britânicos (MONTAGUE 2021, p. 173).

Esses grupos utilizam pirotecnia e se organizam antes das partidas a fim de promover atos de violência nas proximidades dos estádios. Os conflitos organizados por estes ultras se dão na sua maioria contra torcedores adversários ou a polícia, mas algumas minorias da sociedade também são alvo destes. No meio futebolístico russo e ucraniano essa violência organizada se chama *okolofutbola* e se popularizou pelo continente europeu. Enquanto no Reino Unido o hooliganismo era erradicado dos estádios, em outras localidades ele se desenvolveu de forma rápida e igualmente violenta (GLATHE 2016; MONTAGUE 2021). Os ultras ucranianos seguiam princípios nos seus conflitos que eles denominavam como fair play:

O princípio do “fair play” da Ucrânia dos anos 1990 se tornou uma espécie de código de regras para brigas entre torcedores de futebol que é aplicada para a grande maioria das lutas. Esses princípios implicam em: não usar nenhuma arma durante as brigas, não bater em um oponente que já está caído no chão, não seja violento contra torcedores comuns do time oposto (na isenção de provocações destes) (RUZHELNYK 2018, p. 321, tradução nossa)

Conforme os episódios de violência entre torcidas organizadas escalava estes iniciaram o processo de estabelecimento de um sistema de rivalidades e alianças entre os clubes. Estas discordâncias se davam por diversos motivos, podendo ser ideológicos, regionais, históricas, competição esportiva ou por conta de incidentes específicos (SHVETS 2016). As mais concretas destas associações se dão entre Dínamo, Dnipro e Karpaty, a outra entre Metalist, Shakhtar, Vorskla e Chornomorets. Respectivamente os primeiros pertencem as cidades de Kiev, Dnipropetrovsky e Lviv, enquanto os restantes provêm das localidades de Kharkiv, Donetsk, Odessa e Poltava (KRUGLIAK; KRUGLIAK 2017; MONTAGUE 2021).

Essas alianças refletem a divisão étnico-cultural presente na Ucrânia e como as torcidas acompanham estas oposições. A primeira é integrada por três clubes e cidades que dispõe de mais proximidade com o imaginário ocidental e conseqüentemente a Europa, localizando-se nas regiões oeste e central do país. Já as outras quatro equipes se localizam próximas à Rússia e possuem grandes porcentagens das minorias étnicas russas entre seus torcedores. Alguns destes clubes possuem, inclusive, relações diretas com clubes russos, como é o caso do Chornomorets Odessa o que faz com que este seja um dos clubes mais antipatizados do país (RUZHELNYK 2018). Além do Chornomorets, o Sevastopol e o Tavriya Simferopol, equipes da Crimeia, historicamente têm uma ligação estreita com a Rússia, regularmente ostentando bandeiras do país nas suas arquibancadas (FISUN 2014).

Figura 1: Mapa dos principais clubes ucranianos (2008-2009)



Fonte: Bill Sports Maps

Destaca-se o fato de que a oposição entre Moscou e Kiev, durante o período soviético, se refletiu diretamente nas arquibancadas e configurou-se como o maior embate futebolístico na antiga potência mundial (KRUGLIAK; KRUGLIAK 2017). As partidas entre Dínamo de Kiev e Spartak de Moscou eram tidas como históricas para os ucranianos, uma vez que vencer o clube da capital soviética se tratava de uma demonstração de orgulho nacional e patriotismo. Além disto, diversos episódios de violência ocorreram entre torcedores de ambas as equipes, diretamente motivados por esta disputa entre nacionalismos (RUZHELNYK 2018).

Contemporaneamente, a rivalidade entre torcedores do Shakhtar Donetsk e do Dínamo de Kiev é a maior do país. Tal fato se deu por que a partir dos anos 2000, com a ascensão econômica do clube do leste ucraniano, este despontou como uma força esportiva, colocando um fim ao domínio irrestrito do por parte do clube da capital ao campeonato nacional. Além disto, as hostilidades refletem exprimem, novamente, a divisão entre a capital pró-Europa e a cidade de Donetsk, capital da província que contém

grupos separatistas, os quais buscam a independência e uma relação de proximidade com a Rússia.

Nesse sentido, cabe destacar a hegemonia da torcida do Dínamo de Kiev sobre as outras do país. Além deste ser um dos clubes mais antigos da Ucrânia, na época soviética ter sido considerado o mais importante RSS ucraniana, ser estabelecido na metrópole e conseqüentemente receber uma maior visibilidade, o Dínamo sempre foi tido como um símbolo do nacionalismo entre seus torcedores.

Muito deste sentimento nacional se deu por conta do episódio ocorrido em 1942, durante a violenta ocupação nazista no território ucraniano. Na oportunidade os soldados da SS propuseram um jogo contra os ucranianos a fim de evidenciar sua superioridade frente aos eslavos. O time ucraniano era uma mistura entre jogadores do Dínamo de Kiev, alguns poucos do Lokomotiv Moscou e se chamava Start, uma vez que os clubes foram banidos pela administração nazista. A partida ocorreu no principal estádio da capital ucraniana, o juiz era alemão e a torcida que ocupava as arquibancadas torcia pelo time estrangeiro. O jogo terminou antes dos 90 minutos, totalizando 5x3 para os ucranianos, mesmo com toda a pressão das autoridades para que o time entregasse e os nazistas saíssem com um triunfo do duelo (DOUGAN 2004).

Após a partida, como forma de punição ao ato de vencer o time germânico, os jogadores ucranianos foram, na sua totalidade, presos pela Gestapo. Toda e qualquer manifestação de nacionalismo era tida pelo alto comando nazista como um afronte ao governo. Desta forma, os atletas acabaram sendo torturados na prisão e alguns foram, posteriormente, fuzilados junto com diversos outros ucranianos que se opuseram ao regime hitlerista (DOUGAN 2004).

Com isto, o Dínamo acabou consolidando-se como uma figura do nacionalismo ucraniano e a sua torcida acompanhou este processo. Por ser o clube mais tradicional do país as suas organizadas são maiores, mais bem estruturadas e frequentam as arquibancadas de forma mais assídua. De acordo com Krugliak e Krugliak (2017, p. 174) antes da Euromaidan os números de ultras do clube da capital, regularmente presentes no estádio, eram de 1500 a 2000. Já nas partidas fora de casa os números também eram expressivos, 400 torcedores ultra acompanhavam frequentemente o clube nas partidas fora de Kiev (KRUGLIAK; KRUGLIAK 2017, p. 174).

A oposição do maior clube ucraniano ocorre, principalmente, contra a polícia e o governo do país. Os anos 2000 possibilitaram uma frágil estabilização político-econômica para a sociedade na Ucrânia. Desta forma, a insatisfação com a conjuntura política e principalmente a figura de Leonid Kuchma se manifestou após a divulgação do chamado Kuchmagate. As ruas de diversas cidades ucranianas, mas principalmente Kiev, foram tomadas por manifestantes contra o governo. Diversos ultras se fizeram presentes nestes protestos e tiveram embates com as forças policiais e a *Berkut*, a tropa de choque ucraniana. A grande maioria dos torcedores violentos presentes fazia parte de organizadas do Dínamo de Kiev e muitos acabaram sendo presos ou processados pelos atos contra a administração do país (RUZHELNYK 2018 p. 320).

A já citada relação entre o nacionalismo e a extrema-direita na Ucrânia é um fator visualizado a partir dos ultras. Embora os patriotas não pertençam, necessariamente, à direita radical, entre os integrantes deste espectro político o nacionalismo é um fator comum. Além do Dínamo a torcida do Karpaty Lviv é uma das maiores referências acerca do orgulho nacional ucraniano (RUZHELNYK 2018). A outra particularidade inerente a grande maioria das torcidas organizadas ucranianas é a sua relação com a extrema-direita, algumas em maior grau que outras.

Essa associação entre os ultras e o radicalismo na Ucrânia é visualizada nas arquibancadas. A maioria destes torcedores organizados vai ao estádio tapando o rosto com máscaras a fim de dificultar sua identificação em caso de manifestação ilícita ou por conta de algum tipo de enfrentamento pré ou pós jogo (MONTAGUE 2021). Existem diversos casos envolvendo estes torcedores, seja por ostentarem símbolos associados à extrema-direita, realizarem saudações neonazistas ou por comportamentos racistas e xenófobos (KRUGLIAK; KRUGLIAK 2017 p. 175).

Além disto, a violência tornou-se algo cotidiano entre estes coletivos, muitos deles marcam brigas fora das cidades, em regiões florestais, com grandes números de participantes. A prática se popularizou entre torcedores europeus e é utilizada como um rito de iniciação dos jovens nas torcidas (PARKIN 2018). A maioria destes torcedores são jovens, vários deles consomem substâncias lícitas e ilícitas, mas alguns não bebem e nem fumam a fim de manter o condicionamento físico, os chamados “straight edge” (BENNETTS 2018).

Cabe aqui ressaltar o fato de que esses jovens que acabam adentrando as torcidas organizadas não dispõem de memória alguma do período soviético e nasceram na Ucrânia já independente. Estes ultras acabam buscando culpabilizar alguém pela conjuntura político-econômica do país, e principalmente pela crise, direcionando seu descontentamento para o establishment político que governa o país e suas instituições (BENNETTS 2018).

Tal radicalização das arquibancadas ucranianas ficou explícita durante a Eurocopa de 2012 que foi sediada pelo país juntamente com a Polônia. Assim que os dois Estados foram escolhidos para sediarem o evento de forma conjunta em 2007, diversos veículos midiáticos passaram a expressar preocupação quanto aos desdobramentos e a realização de um megaevento de tal magnitude na Europa Centro-Oriental. A BBC realizou um documentário intitulado “Euro 2012: stadiums of hate” incitando um boicote ao torneio por torcedores e lideranças mundiais. O documentário, de forma sensacionalista, mostrou casos de preconceito já ocorridos nos estádios de Polônia e Ucrânia. Diversos casos de racismo e xenofobia, mas além disto vários incidentes inerentes a violência nos estádios e nas suas proximidades (GHOSH 2011).

A União das Associações Europeias de Futebol (UEFA), decretou que ambos os países tinham condições sociais e estrutura para realizar o evento. Desta forma, no ano de 2012 ocorreu o Campeonato Europeu de Futebol, na oportunidade houveram mais incidentes na Polônia do que na Ucrânia, antes da partida entre as seleções polonesa e russa torcedores organizados de ambas entraram em confronto. A intervenção da polícia fez com que as forças do governo acabassem se somando ao tumulto. Mais de 183 torcedores, dos dois países, foram detidos e este foi o maior dos conflitos ocorridos durante a realização do torneio (THE GUARDIAN 2012).

Fora alguns casos de brigas de ruas isoladas, boa parte destas aconteceram perto dos estádios poloneses e não na Ucrânia. Ainda assim, o país foi monitorado do período de 2009 a 2013 pela FARE, uma rede que atua junto a UEFA a fim de combater a discriminação nos estádios europeus. Os monitores da organização registraram 62 casos de racismo nas arquibancadas das principais arenas ucranianas (FISUN 2014, p. 2). Tal fato demonstra que embora durante o megaevento que foi a Euro 2012 no país, não tenham acontecido casos de hooliganismo entre os torcedores, no cotidiano ucraniano é algo recorrente entre torcidas, principalmente as organizadas.

Em setembro de 2013, durante uma partida entre Ucrânia e San Marino na Lviv Arena os ultras da seleção mandante foram ao estádio ostentando camisas com o número 88, um código neonazista que representa a manifestação máxima nazista “Heil Hitler!”, além disto proferiram gestos racistas contra um jogador negro que estava em campo (REUTERS 2013). Como forma de punição, a UEFA impôs que a seleção nacional ucraniana pagasse a FIFA 45 mil francos suíços (FISUN 2014, p. 2). Além disto, definiu que a próxima partida da Ucrânia seria realizada sem espectadores no estádio e condenou a Arena Lviv a ficar até o ano de 2018 sem receber jogos organizados pela federação internacional.

De acordo a análise de Krugliak e Krugliak (2017) as redes sociais são uma ótima fonte de informação acerca de torcidas organizadas, principalmente porque indivíduos destes coletivos buscam manter-se na clandestinidade. Com isto, por meio da reunião de dados nestas mídias pode se obter algumas conclusões acerca destes coletivos. No caso, por meio da rede russa VKontakte vislumbra-se a popularidade dos dois principais clubes ucranianos. Na época do acesso, a página oficial dos ultras ucranianos dispunha de 67 mil seguidores, enquanto a do Dínamo de Kiev detinha 73 mil e a do Shakhtar Donetsk 13 mil (KRUGLIAK; KRUGLIAK 2017, p. 172).

Os ultras da Ucrânia se utilizam das redes sociais para diversas ações, desde a venda de produtos dos clubes, divulgação de regras de conduta e avisos sobre as partidas até a realização de entrevistas, fóruns e a exposição de materiais audiovisuais contendo a rotina de diversos destes grupos ao longo das partidas (KRUGLIAK; KRUGLIAK 2017). No entanto, existem vários destes torcedores que escondem a sua identidade na internet e se utilizam disto para disseminar o ódio. Não raramente vê-se a propagação de referências e mídias neonazistas, além disto usuários incitam a violência contra grupos LGBT, ciganos e judeus (GHOSH 2011).

Desta forma, é nítido como existem torcedores das organizadas ucranianas dispostos a dar suporte e torcer pelos seus clubes, entretanto, existem diversos destes ultras que são movidos por ideologias radicais e a violência. Nesta conjuntura, destacam-se dois clubes, o Dínamo de Kiev e o Karpaty Lviv, ambos os clubes são símbolos do nacionalismo ucraniano e têm torcedores nas suas arquibancadas que utilizam deste sentimento nacional para acobertar crimes e discursos de ódio.

No caso do Dínamo de Kiev, como já citado, o clube possui a maior e mais identificada torcida da Ucrânia. São diversos grupos que compõem as arquibancadas da equipe, no entanto, destes se destacam os White Boys, o setor é assumidamente neonazista e em diversas oportunidades já ostentou estes símbolos nos estádios (RUZHELNYK 2018). Além desta a Rodychi é outra famosa torcida ultra do Dínamo que se identifica como a mais violenta do país e foram responsáveis por espancar quatro torcedores negros do Chelsea em 2015 durante uma partida da Liga dos Campeões (MONTAGUE 2020, p. 181).

Além destas o clube de Kiev possui diversos outros grupos de torcida que ocupam o estádio em menor número. Como cita Ghosh (2011, p. 13) os coletivos: “Mobi Capitals, Young Hope, Kefirs Crew, Trudovuy Reservey, U27, Terror Family, Kids of Capital, Ultra’ Fazione”, também se fazem presentes nas arquibancadas do Dínamo de Kiev.

O Karpaty Lviv é outro expoente do nacionalismo ucraniano que tem radicais entre os seus grupos de torcedores. A maior destas torcidas organizadas é a Banderstand, um dos mais estruturados grupos ultra da Ucrânia e o que mais viaja pelo país, à época, contava com mais de 2000 integrantes (VETH 2014 p. 64). O nome é uma homenagem a figura de Stepan Bandera já discutida em capítulos anteriores que lutou contra o comunismo e colaborou com a SS. Os ultras do Karpaty já ostentaram bandeiras, cânticos e símbolos neonazistas em partidas do clube (VETH 2014).

Na conjuntura política de oposição aos oligarcas e o sentimento anti-Rússia entre boa parte das organizadas do país é que Yanukovich é eleito no ano de 2010. É neste contexto que um ano depois, em 2011, iniciam-se os desdobramentos do chamado caso Pavlychenko. Naquele ano o juiz Sergey Zubkov foi assassinado, Dmitry Pavlychenko e seu filho, Sergey, foram acusados injustamente da culpa tendo seu veredicto decretado pela justiça ucraniana ao final de 2012. O pai foi sentenciado a prisão perpétua enquanto Sergey recebeu a pena de 13 anos (KRUGLIAK; KRUGLIAK 2017, p. 176).

Ambos são torcedores do Dínamo de Kiev, mas Sergey costumava frequentar o estádio com grupos ultra do clube. Com isto, este setor da torcida passou a realizar manifestações a fim de reclamar a soltura dos membros da família e protestar contra a opressão governamental na Ucrânia. Assim, por meio das redes sociais os ultras do Dínamo movimentaram torcidas de outros países para realizar manifestações em favor

dos Pavlychenko. Foram mais de 90 ações em estádios espalhadas por uma dúzia de países, inclusive entre torcidas da Rússia e de Belarus (BOHDANOVA 2012).

Na Ucrânia mais de 3500 torcedores foram para as ruas de Kiev protestar, na sua grande maioria, o protesto era composto por ultras do Dínamo, mas torcedores de diversos outros clubes ucranianos prestaram suporte e reivindicaram justiça para os Pavlychenko. O caso ficou marcado por se tratar de uma ação político-civil motivada apenas por torcidas organizadas no país demandando mudanças para a Ucrânia (KRUGLIAK; KRUGLIAK 2017).

Pode-se afirmar que o episódio foi um ensejo para toda a conjuntura de união entre as torcidas que ocorreria posteriormente durante a Euromaidan. Além disto, os Pavlychenko foram liberados após a queda do governo de Yanukovych e a afirmação de que ambos se tratavam de presos políticos inocentes (FISUN 2014).

## **5.2. A *futebolcracia* ucraniana: política influencia torcidas ou torcidas influenciam políticas?**

Existem diversas oportunidades em que torcedores das organizadas ucranianas foram utilizados politicamente, por ambas as partes na disputa geopolítica. A orientação mais vinculada ao lado europeu e que se afirmam como os seguidores do nacionalismo ucraniano, acontece nas regiões ocidentais do país. Enquanto partidos pró-russos normalmente atuam em clubes do leste ucraniano, ainda que algumas torcidas não acompanhem a aproximação política das suas equipes.

Os dois maiores clubes e torcidas da Ucrânia, do Dínamo e do Shakhtar, respectivamente, são os grandes expoentes de uso político do futebol no país. No caso da equipe de Donetsk, que pertence a um dos homens mais ricos do mundo, Rinat Akhmetov, tem ligações diretas com o Partido das Regiões e transformou o Shakhtar em um dos símbolos do etnicismo russo. Akhmetov é filiado ao partido e foi membro do parlamento nacional de 2006 a 2012, ainda que não frequente de forma regular o Verkhovna Rada (VETH 2014).

Após o sucesso da Revolução Laranja e a derrota política de Viktor Yanukovych, ele teve de se reestruturar para concorrer novamente como presidente da Ucrânia. Muito desta reorganização de Yanukovych perpassou a relação entre o Shakhtar e o Partido das

Regiões. No ano de 2009 o clube sagrou-se campeão da Copa UEFA, atualmente o equivalente a Europa League, sendo o primeiro troféu internacional de uma equipe ucraniana desde a independência do Estado. Na celebração do título Yanukovych realizou um paralelo entre o sucesso do time de Donetsk e do seu partido. O líder do Partido das Regiões afirmou que suas decisões políticas eram boas para o Shakhtar, que seria bom para a cidade e conseqüentemente para a região. Um ano depois, Yanukovych foi eleito democraticamente como presidente ucraniano (VETH 2014, p. 61).

Destaca-se o fato de que, embora Akhmetov não fizesse manifestações, tampouco utilizasse o Shakhtar para suas ambições ou como plataforma política, no entanto, o dono do clube permitiu que outras figuras o fizessem. Além disto, o apoio e a eleição do Partido das Regiões, evidenciados na pessoa de Viktor Yanukovych, garantiriam aos oligarcas de Donetsk, tendo em Akhmetov seu expoente máximo, uma tranquilidade para seus negócios na região (VETH 2014).

A divisão do monopólio do futebol ucraniano entre Dínamo de Kiev e Shakhtar Donetsk é representada pelo fato de que, Hrihoriy Surkis, irmão mais velho e presidente do time da capital, nos anos 2000 ter passado o posto para seu irmão, Ihor Surkis a fim de assumir a Federação Ucraniana de Futebol. Nesse ínterim, no mesmo período, Ravil Safiullin, vice-presidente do Shakhtar assumiu a presidência da liga. Ambos dispõem de poderosas ligações com grupos políticos no país (WILSON 2012).

Os irmãos Surkis já dispunham de influência e envolvimento político desde o período soviético na RSS ucraniana, com isto, logo no ano de 1993 após a independência da Ucrânia ambos assumiram o controle do clube. Além disso, a família tinha um importante papel no Partido Social-Democrata Ucraniano (União), grupo que representa os oligarcas da região de Kiev. Embora fossem oposição ao Partido das Regiões, também não tinham interesse em uma possível eleição do reformista Yushchenko (VETH 2014; WILSON 2012).

Os dois maiores clubes do país são um grande exemplo da relação entre política e futebol na Ucrânia, no entanto, a partir dos anos 2000 surgiram outros casos da aquisição de equipes. Em 2001, o oligarca Petro Dymynskyi comprou o Karpaty Lviv a fim de expandir o seu aparato político e utilizá-lo como plataforma. Além deste, Olexander Yaroslavskyi, em 2004, adquiriu o Metalist Kharkiv buscando o mesmo objetivo político, no entanto ele já ocupava uma cadeira no parlamento ucraniano pelo Partido Verde. Em

2012 Yaroslavskyi vendeu o clube para outra figura de destaque na política ucraniana, Serhiy Kurchenko, um jovem oligarca que é proprietário de empresas de gás natural na Ucrânia e tem conexões com o Partido das Regiões (VETH 2014, p. 62-63).

O controle dos oligarcas aos clubes de futebol na Ucrânia tornou-se algo corriqueiro e utilizado com o intuito político, como evidenciado. No entanto, diversas torcidas organizadas ucranianas, principalmente as que se colocam como nacionalistas, se opõe a esta presença das oligarquias no meio futebolístico. Os ultras afirmam que estas oligarquias mantêm relações diretas com a Rússia e não visam o desenvolvimento da Ucrânia, apenas o deles mesmos. Nos casos do Dínamo e do Karpaty não raramente se visualizam mensagens de ódio aos donos dos clubes, principalmente contra os irmãos Surkis, visto que o presidente, Ihor, é judeu e já foi desmoralizado pelas arquibancadas com mensagens antisemitas (KRUGLIAK; KRUGLIAK 2017; MONTAGUE 2020).

No caso do Shakhtar, a ligação entre a administração da equipe e da região com um alinhamento pró-russo não foi seguida pelos ultras do clube. Durante os diversos protestos, iniciados em 2013 e que se alastraram pela Ucrânia, as torcidas organizadas tiveram uma atuação direta. A Revolução da Euromaidan tornou-se a união das torcidas em torno do nacionalismo ucraniano e tiveram um papel protagonista no evento, principalmente pela sua experiência em confrontos com a polícia (MONTAGUE 2020, p. 174).

Em janeiro de 2014, momento em que a Maidan já se encontrava ocupada por grupos demandando a queda do governo Yanukovich, foi formalizada uma cooperação entre os ultras do Dnipro de Dnipropetrovski, do Zorya de Luhansk, do Metalist de Kharkiv, do Chornomorets de Odessa e do Shakhtar de Donetsk (KRUGLIAK; KRUGLIAK 2017). Eles expressaram o desejo de solidariedade para o movimento da Euromaidan e diversos destes se locomoveram até a capital para participar dos atos atuando junto aos ultras das cidades do oeste do país. Torcedores de clubes de Kiev e Lviv ocuparam desde o início a Praça da Independência, confrontando a polícia e as milícias do governo (RUZHELNYK 2018).

No entanto, em fevereiro, com a escalada da violência e o aumento nos números de civis mortos pelas forças governamentais, os ultras de toda a Ucrânia se uniram em solidariedade às vítimas. A aliança foi formalizada por torcidas do país inteiro, independente de região e com um único objetivo que seria a queda do governo:

[...] nós acreditamos que, no momento, a relação entre nós deve ser construída com o princípio de que todos somos ucranianos em primeiro lugar. Isto também significa que devemos, mutualmente, confiar e dar assistência uns aos outros em primeiro lugar. Nós chamamos todos os torcedores ucranianos, que não são membros de nenhum movimento de torcida (não só no futebol) para se juntarem a trégua e lidarmos uns com os outros sem agressões independente da sua afiliação a algum clube. Acreditamos que qualquer confronto entre torcedores, no momento, seja um crime contra o brilhante futuro da Ucrânia. De Luhansk até os Cárpatos todos os torcedores são irmãos! Glória a Ucrânia! (KRUGLIAK; KRUGLIAK 2017, p. 178, tradução nossa)

Este pronunciamento dos torcedores, realizado por meio do site oficial do movimento ultra ucraniano, é apenas um excerto da manifestação conjunta escrita pelos líderes das torcidas. O documento contou com a adesão de diversas equipes do país, das ligas inferiores até movimentos de torcidas de clubes amadores, no entanto, o destaque se dá para os ultras da elite do futebol ucraniano, os signatários foram:

Volyn Lutsk, Vorskla Poltava, Dynamo Kyiv, Dnipro Dnipropetrovsk, Zakarpattia Uzhhorod, Zorya Luhansk, Karpaty Lviv, Metalist Kharkiv, Metallurg Donetsk, Metallurg Zaporizhia, Metallurg Mariupol, FC Sevastopol, Tavriya Simferopol (Setor 5 e Setor 9), Chernomorets Odessa e Shakhtar Donetsk (ULTRAS UKRAINE 2014, s/p, tradução nossa)

O fato demonstra que, apesar de a sociedade ucraniana se encontrar dividida entre um alinhamento com a Rússia ou com a União Europeia, no movimento ultra de todo o país desenvolveu-se um senso de unidade. Pode se afirmar que diversos dos indivíduos destes grupos são motivados pelo sentimento nacionalista, no entanto, muitos acabam aderindo e se engajando ao que fora deliberado em prol do coletivo.

Durante a Euromaidan, houve o episódio em que Oleh Tyahnobok, líder do Svoboda, agradeceu aos ultras pela união e o suporte dado a estes para o povo ucraniano. “Vamos aplaudir os heroicos torcedores do Dnipro Cherskay, Karpaty Lviv, e Vorskla Poltava! Assim que a solidariedade começa. Assim que o patriotismo começa!” (SINDELAR 2014, s/p, tradução nossa). Com estas palavras um dos principais expoentes da extrema-direita na Ucrânia explicitou como estes torcedores, antes tidos como radicais, passaram a ser vistos pela sociedade ucraniana. No entanto, para além disto, Tyahnybok aludiu brevemente a relação entre o Svoboda e o Karpaty Lviv.

Como já citado anteriormente o Svoboda tem sua base eleitoral no oeste da Ucrânia, mas o partido estruturou-se, principalmente, na região de Lviv, nos Cárpatos. A cidade é tida como um expoente do nacionalismo ucraniano e seus cidadãos sempre refletiram isto, existe uma forte oposição ao Partido das Regiões no local (VETH 2014).

O SNPU, grupo político que deu origem ao Svoboda, desenvolve-se na cidade de Lviv e as influências do partido ali se dão em diversos âmbitos.

Os principais ultras do Karpaty Lviv, conhecidos como Banderstand possuem torcedores que frequentemente vão aos estádios e que ocupam cadeiras no conselho regional pelo Svoboda. Além disto o partido pressiona de forma incisiva a condução das políticas internas do clube, embora o dono, Petro Dymynskyi possua relações com o Partido das Regiões (VETH 2014, p. 64). A conjuntura apresenta diversos entendimentos, demonstra a relação direta entre o Svoboda, um dos principais partidos políticos ucranianos e as torcidas organizadas. Ademais, expõe o fato de que a extrema-direita atua junto aos estratos sociais inferiores, contrapondo-se aos oligarcas do país de forma persuasiva, por meio de um discurso envolvente.

Nesse sentido, não foi só o Svoboda que visualizou nestes torcedores organizados uma possibilidade de base política sólida. Os próprios ultras, a partir da sua estruturação durante a ocupação da Maidan em 2013 e 2014, visualizaram que poderiam tornar-se protagonistas da política do país. A organização guarda-chuva do Setor Direito abarca diversos coletivos ultrarradicais que fazem uso do discurso nacionalista para justificar toda e qualquer atitude de violência e preconceito. O nome é aberto para interpretações, mas é provável que se trate de um jargão futebolístico, uma vez que o setor direito é onde os ultras costumam se estabelecer para assistir as partidas na Ucrânia (FISUN 2014).

Embora não fossem a maioria entre os ucranianos que foram para as ruas de Kiev protestar ou ocupassem cargos de liderança no movimento, os torcedores ultras desempenharam um papel significativo para que houvesse a escalada da violência durante os protestos. Katchanovski (2016, p. 15) descreve a atuação dos ultras do Setor Direito durante a Euromaidan como ultranacionalista e de orientação neonazista. Além disto o autor cita os três momentos chave para o aumento da brutalidade e que tiveram participação direta dos coletivos ultra: a tentativa de adentrar o prédio presidencial em dezembro de 2013, a invasão do parlamento em janeiro de 2014 e os confrontos contra a polícia em fevereiro (KATCHANOVSKI 2016).

Destaca-se, no entanto, que o processo de radicalização destes ultra se deu, sobretudo, na conjuntura pós-Euromaidan, quando estes passaram a compor e liderar batalhões paramilitares no confronto contra separatistas no leste do país. Os torcedores passaram a se engajar como voluntários em diversos batalhões e vários que não iam para

a linha de frente acabavam engajados em prover armamentos, suprimentos e dar condição para que os companheiros atuassem (RUZHELNKY 2018).

O destaque entre os paramilitares se dá para o Batalhão de Azov, não só pela visibilidade angariada por este, mas também pela sua composição que é, acordando com Montague (2020, p. 178) integrado em 65% por ultras. Esse é considerado o mais radical dos batalhões ucranianos pelas suas inclinações neonazistas e a participação de diversos combatentes estrangeiros nas suas tropas (FÆRSETH 2015). Sob a liderança de Andriy Biletsky o grupo ganhou proeminência após retomar a cidade de Mariupol de separatistas russos. Após isto, o Batalhão de Azov recebeu maior atenção interna e externa, mas evidenciou que embora fosse composto por diversos voluntários e torcedores de futebol, o coletivo conseguiu se estruturar militarmente e fazer frente ao aparato bélico russo (MONTAGUE 2020).

Além do Batalhão de Azov, outros grupos que abarcaram um número expressivo de ultras entre os seus voluntários. Os batalhões de Aydar, Dnipro-1 e o Corpo Voluntário do Setor Direito foram alguns dos que também receberam torcedores ucranianos (RUZHELNYK 2018, p. 323). Ressalta-se o fato de que diversos ultras do leste do país, como do Shakhtar Donetsk, voluntariaram-se para os batalhões paramilitares (MONTAGUE 2020, p. 178). Desta forma, tal qual durante a Euromaidan se visualiza como estes torcedores dispõe de uma identidade semelhante, ainda que destoante do restante da sociedade.

Posteriormente, diversos simpatizantes e indivíduos correlacionados ao Batalhão de Azov decidiram que o grupo deveria se engajar politicamente. Assim, surgiu o Corpo Nacional, inicialmente sendo chamado de Corpo Civil de Azov, mas a nomenclatura foi substituída e a organização transformada em partido político após exceder os 15 mil membro ativos (RUZHELNYK 2018, p. 324). Biletsky, líder militar, posteriormente tornou-se o candidato do Corpo Nacional para a presidência embora tenha realizado uma votação pouco expressiva elegeu-se para deputado do parlamento nacional (KATCHANOWSKI 2020).

Cabe um destaque também, para a Milícia Nacional, um movimento de rua clandestino que atua na região de Kiev, realizando atos criminosos e operando junto ao tráfico. O coletivo tem relações com diversos movimentos da extrema-direita ucraniana, desde o Corpo Nacional, até o Setor Direito e incluindo o próprio Batalhão de Azov. O

grupo possui entre os membros diversos ultras e veteranos de guerra que não possuem condições de atuar nos batalhões paramilitares. Eles realizam patrulhas em diversas cidades ucranianas, mas principalmente na região central da capital da Ucrânia (BENNETTS 2018).

Tal fato demonstra como estes coletivos se organizaram a fim de obter poder nas mais diversas instâncias do país. A extrema-direita, sempre presente na sociedade ucraniana, após a conjuntura da Euromaidan passou a ocupar cargos governamentais, comandos militares e dispor de apreço entre a população. Os ultras que antes eram tidos como racistas e violentos, após a Revolução da Dignidade passaram a ser vistos como os heróis nacionalistas da Maidan. Atrela-se a isto a impunidade recebida por estes coletivos, à exemplo do aumento aos ataques à acampamentos ciganos, eventos LGBT e marchas de mulheres na Ucrânia e nenhuma resolução por parte das autoridades do país (MONTAGUE 2021).

Assim, cabe salientar a relação explícita da extrema-direita e dos grupos paramilitares com as torcidas organizadas na Ucrânia, estes coletivos se utilizam do nacionalismo ucraniano e do discurso anti-Rússia a fim de mascarar a radicalização por trás dos seus atos. A Euromaidan, que é um dos maiores exemplos da expressão do orgulho nacional no país, acabou contribuindo de modo direto para que internamente estes grupos recebessem, cargos, funções e postos. Tudo isto com a justificativa de que seria necessário acabar com toda e qualquer relação russa existente na Ucrânia.

## **6. Considerações finais**

No ano de 1991, após muito tempo de existência e um histórico de ingerências externas que acabaram reprimindo o nacionalismo no país, a Ucrânia finalmente se consolida como um Estado independente. Com isto, a sociedade ucraniana teve de se estruturar e diversos grupos nacionalistas irromperam no quadro político do país. Muitas destas organizações se orientavam por um ultranacionalismo, baseado em princípios e elementos de extrema-direita.

Nesta conjuntura é que se analisam dois eventos da Ucrânia contemporânea, a Revolução Laranja, de 2004 e a Revolução da Dignidade, iniciada ao final 2013 e concretizada em 2014. Os dois eventos foram motivados pela contestação ao poder dos oligarcas ucranianos, bem como ao alinhamento do país com a Rússia e promoveram uma ascensão político-social da extrema-direita que se consolidava por meio do discurso nacionalista.

No entanto, após a queda do governo, os russos consumaram sua anexação ao território autônomo da Crimeia, além disto, teve início o fomento a levantes separatistas em regiões do leste ucraniano. Estas agressões a soberania de um Estado tão recente e vulnerável como a Ucrânia, somados à desordem política interna propiciada pela Euromaidan, fizeram com que emergissem diversos grupos paramilitares no país. A maioria destes foi formada por coletivos da extrema-direita que atuaram e se estruturaram durante os protestos de 2013-2014.

Neste contexto político-econômico e militar é que se verifica o envolvimento e a colaboração de membros de torcidas organizadas ucranianas, principalmente dos ultras. Estes grupos passam a receber maior suporte a partir da década de 2000, momento em que o futebol na Ucrânia capta investimentos de oligarcas e se estrutura. Entretanto, as torcidas do país acabam assimilando o radicalismo nacionalista e se associando à extrema-direita política. A atuação destes ultras no confronto contra as forças do governo durante a Euromaidan fez com que a sociedade ucraniana passasse a estimar e respeitar estes coletivos. Com isto, além do apoio político e social estes torcedores passaram a atuar em batalhões paramilitares, desempenhando o papel de linha de frente no combate aos separatistas do leste do país.

No entanto, cabe aqui destacar um ponto acerca da hipótese do trabalho, sendo ela: “Na Ucrânia membros de torcidas organizadas de futebol são convocados para atuar

em grupos paramilitares e partidos políticos de extrema-direita, ou seja, existe uma relação direta entre tais atores, principalmente após a força angariada por estes durante os movimentos da Euromaidan”. Embora ela esteja correta, vale ressaltar que estes torcedores não são convocados, a sua participação nos grupos paramilitares e em partidos de extrema-direita ocorre de forma voluntária. Com isto, a hipótese acaba sendo apenas em parte, confirmada, por conta da mudança no verbo “convocar” que acaba alterando o seu conteúdo.

Desta forma, a hipótese do trabalho acaba sendo parcialmente corroborada e o problema de pesquisa respondido, dada a relação direta entre os atores: os grupos paramilitares, os partidos de extrema-direita e os membros das torcidas organizadas de futebol, sobretudo os ultras. Para tal, a análise aprofundada acerca da Revolução da Dignidade foi indispensável, uma vez que após a queda do governo de Yanukovych e do Partido das Regiões a Ucrânia experimentou uma maior participação da extrema-direita em diversos cargos e funções superiores no país. A anexação da maioria dos grupos paramilitares às Forças Armadas, independente das suas inclinações político-ideológicas ratifica essa presença e envolvimento dos radicais no Estado ucraniano.

Desta forma, o objetivo principal de verificar a transição de membros destas torcidas organizadas em tropas de grupos paramilitares foi solucionado, visto que foi analisado todo o processo intrínseco a estes indivíduos desde a sua estruturação após a independência ucraniana da URSS. Posteriormente, se visualizou a propagação de ideologias radicais, manifestados por atos, gestos e condutas, essencialmente aqueles alusivos ao nazismo, entre estes coletivos nas arquibancadas da Ucrânia.

Em seguida, teve início a conjuntura política da Euromaidan e a unidade entre as torcidas ucranianas. Estas, valendo-se de um discurso nacionalista, buscaram encobrir e justificar sua violência e radicalismo, até finalmente, a sua organização em grupos paramilitares. Não obstante a sua participação, os ultras que não se envolveram no conflito contra os separatistas buscaram apoiar logisticamente estes paramilitares ou passaram a se engajar mais efetivamente na política, formando partidos e movimento urbanos nos principais centros ucranianos.

Além disto, faz-se necessária também a análise dos objetivos específicos da pesquisa, eles foram: “a) Analisar a dissolução soviética até a Euromaidan e os conflitos geopolíticos entre Rússia e potências ocidentais em relação à Ucrânia; b) Explorar como

ocorreu a construção e o desenvolvimento das torcidas organizadas de futebol ucranianas; c) Apresentar a relação destes grupos de torcedores com a construção de um novo nacionalismo ucraniano; d) Analisar quando e como estes grupos passaram a angariar apoio e alcançar cargos políticos; e) Apresentar de que forma atuam os grupos paramilitares ucranianos e qual a relação destes com o movimento Euromaidan”. Nesse sentido, pode se afirmar que todos foram abordados e esclarecidos no decorrer dos capítulos.

No que tange ao arcabouço teórico da pesquisa salienta-se que acerca do contexto político interno e externo da Ucrânia e a formação e desenvolvimento dos partidos de extrema-direita no país, não houveram dificuldades para a obtenção de fontes. Entretanto, quanto aos grupos paramilitares e as torcidas organizadas, houveram dificuldades para o encontro de algumas informações específicas acerca destes. Isto se dá tanto pela busca de ambos os coletivos de atuarem na clandestinidade, quanto pela falta de pesquisa acerca destes.

Desenvolver um trabalho acerca da Ucrânia é um trabalho complexo, principalmente dada a disputa de narrativas que perpassa o território. O conflito geopolítico entre a Rússia e os Estados Unidos, acaba motivando a disseminação de diversas informações equivocadas e inverdades acerca das conjuntura política ucraniana. Pesquisadores, veículos de mídia e inclusive os governos dos dois países acabam replicando apenas conteúdos que de alguma forma, os favoreça.

A escalada do conflito no ano de 2022 e a entrada militar da Rússia no território é um reflexo destes discursos. A postura dos dois países, incluindo ao lado dos Estados Unidos as potências ocidentais europeias, nunca foi de preocupação com o bem-estar ou a segurança da Ucrânia. Em meio a uma disputa por influência e motivada por ambições econômicas e militares está a população ucraniana, que atualmente sofre diversas perdas humanas e tem seu país destruído pela arbitrariedades e hostilidades da potência russa.

Enquanto a OTAN se exime da culpabilidade por fomentar o conflito e manter relações com diversos dos grupos paramilitares ucranianos, a Rússia se sustenta no discurso de desnazificação da Ucrânia para justificar sua violenta opressão. Ambas as narrativas são exageradas e tentam absolver a si próprios de um enfrentamento em que quem é devastado são os ucranianos e o seu país.

## Referências bibliográficas

ABREU, Pedro Vitor Serodio de. Os 300 do Brasil e a criação de grupo paramilitar. **Revista Jus Navigandi**, ISSN 1518-4862, Teresina, n. 6179, 1 jun. 2020. Disponível em: <https://jus.com.br/artigos/82660>. Acesso em: 15 set. 2021.

ALIYEV, Huseyn. Strong militias, weak states and armed violence: Towards a theory of ‘state-parallel’ paramilitaries. **Security dialogue**, v. 47, n. 6, p. 498-516, 2016.

ALMEIDA, Fábio Chang de. **A direita radical no Portugal democrático: os rumos após a revolução dos cravos (1974-2012)**. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2014.

ALMEIDA, Fabio Chang de. Neofascismo, uma abordagem histórica. p. 105-136. In: SILVA, Giselda Brito; GONÇALVES, Leandro Pereira; PARADA, Maurício B. Alvarez. **Histórias da Política Autoritária: Integralismos, Nacional Sindicalismo, Nazismo e Fascismos**. Recife: Editora da UFRPE, 2010.

ANASTASAKIS, Othon. **Extreme Right in Europe: A comparative study of recent trends**. Hellenic Observatory, The European Institute, London School of Economics & Political Science, 2000.

ARAÚJO, Caio. Jogos Primitivos: a bola chutada. In: HELAL, Ronaldo; COSTA, Leda; Fontenelle, Carol. **Esporte, mídia, identidades locais e globais: uma produção do Seminário Copa América**. 1ª edição, Rio de Janeiro. Autorale; FAPERJ: 2021.

BBC. Crimeia vota referendo; entenda. **BBC**. 16 de Março de 2014. Disponível em: <[https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2014/03/140316\\_crimeia\\_entenda\\_referendo\\_atualizacao\\_lgb](https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2014/03/140316_crimeia_entenda_referendo_atualizacao_lgb)>. Acesso em: 06 jan 2022.

BBC. Quem são os 165 grupos paramilitares que atuam nos Estados Unidos? **BBC**. 15 dez 2017. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-42371433>>. Acesso em: 14 set 2021.

BELMONTE, Giancarlo Niedermeier. O ressurgimento do Grande Urso. **A Defesa Nacional**, v. 103, n. 830, 2019.

BENNETTS, Marc. Ukraine's National Militia: 'We're not neo-Nazis we just want to make our country better'. **The Guardian**, 13 mar 2018. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/world/2018/mar/13/ukraine-far-right-national-militia-takes-law-into-own-hands-neo-nazi-links>>. Acesso em: 27 fev 2022.

BETZ, Hans-Georg. **Radical right-wing populism in Western Europe**. Springer, 1994.

BOBBIO, Norberto et al. **Dicionário de Política**. vol. 1. Brasília: Editora Universidade de Brasília, v. 674, 1998.

BOBBIO, Norberto. **Direita e esquerda: razões e significados de uma distinção política**. São Paulo: Unesp, 2011.

BOHDANOVA, Tetyana. Ukrainian Football Fans Rally In Support of the Pavlichenko Family. **Global Voices**, 27 nov 2012. Disponível em: <<https://globalvoices.org/2012/11/27/ukrainian-football-fans-rally-in-support-of-the-pavlichenko-family/>>. Acesso em: 28 fev 2022.

BOLAFFI, Guido et al. **Dictionary of Race, Ethnicity & Culture**. California: SAGE Publications Inc, 2003.

BUSTÍKOVA, Lenka. The Radical Right in Eastern Europe. Em: RYDGREN, Jens (Ed.). **The Oxford handbook of the radical right**. Oxford University Press. 2018, p. 798-821.

BUSTIKOVA, Lenka; KITSCHOLT, Herbert. The radical right in post-communist Europe. Comparative perspectives on legacies and party competition. **Communist and Post-Communist Studies**, v. 42, n. 4, p. 459-483, 2009.

CLAPP, Alexander. The Maidan Irregulars. **Center for The National Interest**, n. 143, p. 26-33, 2016.

COHEN, Maj; GREEN, M. Ukraine's volunteer battalions. **Infantry magazine**. v. 6, n. 1, p. 66-69, 2016.

COX, Michael. From the Cold War to the War at Terror. Capítulo 6, p. 131-155. Em: BAYLIS, John; SMITH, Steve. **The Globalization of World Politics**. Oxford University Press, 2005.

CUBIDES, Fernando. Los paramilitares y su estrategia. **Reconocer la guerra para construir la paz**, p. 151-99, 1999.

DA MATTA, Ricardo. Antropologia do óbvio - Notas em torno do significado social do futebol brasileiro. 1994. **Revista USP**, 10-17.

DAL LAGO, Alessandro; DE BIASI, Rocco. Italian football fans: culture and organization. In: GIULIANOTTI, Richard. **Football, violence and social identity**. p. 73-89, 1994.

DIAS, Vanda Amaro. As dimensões interna e internacional da crise na Ucrânia. **Relações Internacionais (R: I)**, n. 45, p. 45-55, 2015.

DINIZ, Célia Regina; SILVA, Iolanda Barbosa da. **Metodologia Científica: O método dialético e suas possibilidades reflexivas**. Campina Grande; Natal. UEPB/UFRN: EDUEPEB, 2008.

DIP, Andrea; FRANZEN, Niklas. Especialistas apontam semelhanças entre os 300 de Sara Winter e grupos fascistas europeus. **Publica**, 2020. Disponível em: <<https://apublica.org/2020/05/especialistas-apontam-semelhancas-entre-os-300-de-sara-winter-e-grupos-fascistas-europeus/>>. Acesso em: 16 set 2021.

DOIDGE, Mark; LIESER, Martin. **The importance of research on the ultras: introduction**. Sport in society, v. 21, n. 6, p. 833-840, 2018.

DOS ANJOS, José Luiz; SANETO, Juliana Guimaraes; TAVARES, Otavio Guimarães. Futebol e sociabilidade: faces tradicionais e modernas de um clube de futebol. **Movimento (Porto Alegre)**, Porto Alegre, p. 107-127, abr. 2012. ISSN 1982-8918. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/20019>>. Acesso em: 16 set. 2021.

DOUGAN, Andy. **Futebol & guerra: resistência, triunfo e tragédia do Dínamo na Kiev ocupada pelos nazistas**. Zahar, 2004.

DUNNING, Eric; ELIAS, Norbert. A busca da excitação. Difel: Lisboa. 1992.

DUNNING, Eric; MURPHY, Patrick; WILLIAMS, John. A violência dos espectadores nos desafios de futebol: para uma explicação sociológica. In: ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. **A busca da excitação**. Editora Difel, Lisboa, 1992. p. 355-388.

**ESPAÑA**. La Constitución Española de 1978. c2003. Disponível em: <<https://app.congreso.es/consti/constitucion/indice/titulos/articulos.jsp?ini=22&tipo=2>> . Acesso em: 12 set 2021.

FÆRSETH, John. Ukraine’s far-right forces. **Hate Speech International – Investigating Extremism**. 3 fev 2015. Disponível em: <<https://www.hate-speech.org/ukraines-far-right-forces/>>. Acesso em: 24 fev 2022.

FEDORENKO, Kostyantyn; RYBIY, Olena; UMLAND, Andreas. The Ukrainian party system before and after the 2013–2014 Euromaidan. **Europe-Asia Studies**, v. 68, n. 4, p. 609-630, 2016.

FISUN, Oleksandr. **Ukrainian Nationalism, Soccer Clubs, and the Euromaidan**. PONARS Eurasia Policy Memo, n° 324, 2014.

GALLOIS, Laíse Barão. A extrema-direita húngara e a mudança de rumo da política externa (2010-2018). 103 p. **Monografia apresentada ao Curso de Relações Internacionais da Universidade Federal do Pampa como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Relações Internacionais**. Santana do Livramento, 2019.

GANDER, Kashmira. 2014. “Ukraine: Kiev snipers reportedly hired by opposition leaders not Yanukovich according to ‘bugged call’”. **The Independent**. Disponível em: <<http://www.independent.co.uk/news/world/ukraine-kiev-snipers-reportedly-hired-byopposition-leaders-not-yanukovich-according-to-bugged-call-9171328.html>> . Acessado em 04 fev 2022.

GERHADT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo (org.). **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da Ufrgs, 2009.

GHOSH, Mridula. **Diversity and Tolerance in Ukraine in the Context of EURO 2012**. Friedrich-Ebert-Stiftung, Department of Central and Eastern Europe, 2011.

GIULIANOTTI, Richard. **Social identity and public order**: political and academic discourses on football violence. In: *Football, violence and social identity*, p. 9-36, 1994.

GLATHE, Julia. Football fan subculture in Russia: Aggressive support, readiness to fight, and far right links. **Europe-Asia Studies**, v. 68, n. 9, p. 1506-1525, 2016.

GOLDBLATT, David. **The ball is round**: a global history of football. Penguin UK, 2006.

GONTIJO, Fabiano. Nação, simbolismo e revolução na Ucrânia: experiência etnográfica tensa na liminaridade. **Revista de Antropologia**, v. 63, 2021.

GORDON, April. **A new Eurasian far-right rising**: Reflections on Ukraine, Georgia, and Armenia. Freedom House, 2020.

HOBBSAWM. Eric J. **Nações e nacionalismo desde 1780**: programa, mito e realidade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

HROCH, Miroslav. Nationalism and national movements: comparing the past and the present of Central and Eastern Europe. **Nations and Nationalism**, 1996, v.2, nº1, p.35-44.

HRYNIEWICZ, Roberto Romeiro. Torcida de futebol: adesão, alienação e violência.2008. **Dissertação de Mestrado em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo**, São Paulo, 2008. Disponível em: <<https://teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47131/tde-03062008-165136/pt-br.php>>. Acesso em: 14 set 2021.

IOVENKO, Artem. The ideology and development of the Social-National Party of Ukraine, and its transformation into the All-Ukrainian Union “Freedom,” in 1990–2004. **Communist and Post-Communist Studies**, v. 48, n. 2-3, p. 229-237, 2015.

ISHCHENKO, Volodymyr. Far right participation in the Ukrainian Maidan protests: an attempt of systematic estimation. **European Politics and Society**, v. 17, n. 4, p. 453-472, 2016.

JACOB, Breno Tannús. O conceito de terrorismo em Igor Primoratz. p. 44-51. In: Org: ARMITRANO, Georgia; VIESENTEINER, Jorge L.; BARBOSA, Mariana de Toledo. **Deluze, desconstrução e alteridade**. São Paulo: ANPOF, 2019.

JIMÉNEZ, José Luis Rodríguez. **De la vieja a la nueva extrema derecha (pasando por la fascinación por el fascismo)**. Historia actual online, n. 9, p. 87-99, 2006.

KARATNYCKY, Adrian. Ukraine's orange revolution. **Foreign Affairs.**, v. 84, p. 35, 2005.

KATCHANOVSKI, Ivan. **The Far Right in Ukraine During the 'Euromaidan' and the War in Donbas**. Annual Meeting of the American Political Science Association in Philadelphia, 2016. Disponível em SSRN: <<https://ssrn.com/abstract=2832203>>. Acesso em: 16 fev 2022.

KATCHANOVSKI, Ivan. The far right, the Euromaidan, and the Maidan massacre in Ukraine. **Journal of Labor and Society**, v. 23, n. 1, p. 5-36, 2020.

KENNEDY, David. **A contextual analysis of Europe's ultra football supporters movement**. Soccer & Society, v. 14, n. 2, p. 132-153, 2013.

KUBICEK, Paul. Problems of post-post-communism: Ukraine after the Orange Revolution. **Democratization**, v. 16, n. 2, p. 323-343, 2009.

KUBICEK, Paul. What happened to the nationalists in Ukraine?. **Nationalism and Ethnic Politics**, v. 5, n. 1, p. 29-45, 1999.

KUZIO, Taras. A new framework for understanding nationalisms in Ukraine: democratic revolutions, separatism and Russian hybrid war. **Geopolitics, History, and International Relations**, v. 7, n. 1, p. 30-51, 2015.

KUZIO, Taras. Euromaidan revolution, Crimea and Russia–Ukraine war: why it is time for a review of Ukrainian–Russian studies. **Eurasian Geography and Economics**, v. 59, n. 3-4, p. 529-553, 2018.

KUZIO, Taras. Kravchuk to Kuchma: The Ukrainian presidential elections of 1994. **The Journal of Communist Studies and Transition Politics**, v. 12, n. 2, p. 117-144, 1996.

KUZIO, Taras. Nationalism, identity and civil society in Ukraine: Understanding the Orange Revolution. **Communist and Post-Communist Studies**, v. 43, n. 3, p. 285-296, 2010.

KUZIO, Taras. Radical nationalist parties and movements in contemporary Ukraine before and after independence: the right and its politics, 1989–1994. **Nationalities Papers**, v. 25, n. 2, p. 211-242, 1997.

KUZIO, Taras. Regime type and politics in Ukraine under Kuchma. **Communist and Post-Communist Studies**, v. 38, n. 2, p. 167-190, 2005.

KUZIO, Taras. The Orange and Euromaidan Revolutions: Theoretical and Comparative Perspectives. **Kyiv-Mohyla Law and Politics Journal**. N° 2: Legal and political dimensions of contemporary conflicts in Europe. 2016.

KVIT, Serhiy. The ideology of the Euromaidan. **Social, Health, and Communication Studies Journal**, v. 1, n. 1, p. 27-40, 2014.

LIKHACHEV, Viacheslav. Right-Wing Extremism in Ukraine: The Phenomenon of Svoboda. **Kyiv: EAJC**, 2013a.

LIKHACHEV, Viacheslav. Right-wing extremism on the rise in Ukraine. **Russian Politics & Law**, v. 51, n. 5, p. 59-74, 2013b.

LIKHACHEV, Viacheslav. The “right sector” and others: The behavior and role of radical nationalists in the Ukrainian political crisis of late 2013—Early 2014. **Communist and Post-Communist Studies**, v. 48, n. 2-3, p. 257-271, 2015.

LIKHACHEV, Viacheslav. **The far right in the conflict between Russia and Ukraine**. Russie.Nei.Visions. Ifri. n. 95, 2016.

LISTER, Tim. **The Nexus Between Right-Wing Extremists in the United States and Ukraine**. Combating Terrorism Center, v. 13, p. 30-41.

LOPES, Felipe Tavares Paes; CORDEIRO, Mariana Prioli. Torcidas organizadas do futebol brasileiro: singularidades e semelhanças com outros grupos de torcedores da América do Sul e da Europa. **Revista Espaço Acadêmico**, v. 9, n. 104, p. 75-83, 2010.

Disponível em: <  
<https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/8785>>. Acesso em: 08 de agosto de 2021.

MALYARENKO, Tetyana; GALBREATH, David J. Paramilitary motivation in Ukraine: beyond integration and abolition. **Southeast European and Black Sea Studies**, v. 16, n. 1, p. 113-138, 2016.

MAREŠ, Miroslav. Foreign Fighters in Ukraine: Risk Analysis from the Point of View of NATO. Em: REKAWEK, Kacper. **Not Only Syria? The Phenomenon of Foreign Fighters in a Comparative Perspective**. NATO Science for Peace and Security, p. 31-39, 2017.

MARTINS, Leonel José Mendes; EUGENIO, António Luís Beja (Coord). Análise Geopolítica e Geoestratégica da Ucrânia. **Cadernos do IESM**, 7. Lisboa, Instituto Universitário Militar, 2015.

METZGER, Megan MacDuffee; TUCKER, Joshua A. Social media and EuroMaidan: A review essay. **Slavic Review**, v. 76, n. 1, p. 169-191, 2017.

MIELNICZUK, Fabiano. A crise ucraniana e suas implicações para as Relações Internacionais. **Conjuntura Austral**, v. 5, n. 23, p. 4-19, 2014.

MIELNICZUK, Fabiano. Identidade como fonte de conflito: Ucrânia e Rússia no pós-URSS. **Contexto internacional**, v. 28, p. 223-258, 2006.

MIERZEJEWSKI-VOZNYAK, Melanie. The Radical Right in Post-Soviet Ukraine. In: RYDGREN, Jens (Ed.). **The Oxford handbook of the radical right**. Oxford University Press. 2018, p. 860-889.

MINKENBERG, Michael et al. The radical right in postsocialist Central and Eastern Europe: comparative observations and interpretations. **East European Politics and Societies**, v. 16, n. 02, p. 335-362, 2002.

MIRANDA, Eric Luis Valtrudes de Carvalho. Livro reportagem "fanatismo organizado": a rivalidade entre as duas maiores torcidas organizadas de futebol da Bahia. Série de

reportagens que traça um retrato da relação da violência com as duas principais torcidas organizadas do futebol baiano. **Monografia apresentada para obter o grau em Jornalismo na Universidade Federal da Bahia (UFBA)**, 2018. Disponível em: <<http://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/27264>> Acesso em: 13 de setembro de 2021.

MONTAGUE, James. **1312 - Among the Ultras: A journey with the world's most extreme fans**. Random House, 2020.

MORAIS, Raquel Gonçalves Vieira Machado de Melo. ETA e Terra LLiure: o nacionalismo radical e a violência política durante os anos 1978-1992. 118 p. **Monografia apresentada ao Curso de Relações Internacionais da Universidade Federal do Pampa como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Relações Internacionais**. Santana do Livramento, 2021.

MUDDE, Cas. **Populist Radical Parties in Europe**. Cambridge University Press, 2007.

MUDDE, Cas. **The Far Right Today**. Cambridge: Polity Press, 2019.

MUDDE, Cas. **The ideology of the extreme right**. Manchester University Press, 2002.

MURAD, Maurício. **A violência no futebol: novas pesquisas, novas ideias, novas propostas**. 2. Ed. Editora Benvirá: São Paulo, 2017.

NARCIZO, Makchwell Coimbra. **Dos campos de futebol para os campos de batalha: uma análise da Guerra dos Bálcãs**. FuLiA/UFMG, v. 2, n. 2, p. 112-126, 2017.

ORTEGA, Felipe Afonso. **Cores da mudança? As Revoluções Coloridas e seus reflexos em política externa**. 139p. 2009. Dissertação de Mestrado. Curso de Relações Internacionais PUC-SP, São Paulo.

PARKIN, Simon. The rise of Russia's neo-Nazi football hooligans. The Guardian, 24 abr 2018. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/news/2018/apr/24/russia-neo-nazi-football-hooligans-world-cup>>. Acesso em: 23 de fev 2022.

PIMENTA, Carlos Alberto Máximo. Torcidas organizadas de futebol – identidade e identificações, dimensões cotidianas. In: ALABARCES, Pablo (Org.). **Futbologías:**

futebol, identidad y violencia en América Latina. Buenos Aires: CLACSO, 2003, p. 39-55.

PINTO, R. B. (2019). De Weimar ao nazi-fascismo: (des)ordem e violência sob o caos. **JURIS - Revista Da Faculdade De Direito**. p. 29–86, 2019. Disponível em: <<https://seer.furg.br/juris/article/view/9136>>. Acesso em: 03 set 2021;

POLESE, Abel. Entre narrativas oficiais e novas ferramentas de formação identitária na Ucrânia pós-soviética: a construção espontânea da nação. **e-cadernos CES**, n. 19, 2013.

POPOVA, Maria. Why the Orange Revolution was short and peaceful and Euromaidan long and violent. **Problems of Post-communism**, v. 61, n. 6, p. 64-70, 2014.

POTY, Italo Barreto. A Ucrânia independente após o fim da Guerra Fria: uma análise geopolítica (1991-2010). **Conjuntura Austral**, v. 10, n. 52, p. 17-37, 2019.

QUEIROZ, Júlia Moreira. A Corrupção no Futebol como um Acontecimento: análise da crise instaurada na FIFA. **Monografia apresentada ao Curso de Comunicação Social/Jornalismo da Universidade Federal de Viçosa como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo**. Viçosa, 2015.

REIS, Heloisa Helena Baldy dos. Futebol e sociedade: as manifestações da torcida. 1998. 127f. **Tese de Doutorado - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física**. Campinas, SP. Disponível em: <<http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/275326>>. Acesso em: 08 set 2021.

REIS, Maria Heloísa Baldy dos. **Futebol e violência**. Campinas: Armazem do Ipê; 2006.

REUTERS. **Ukraine face potential racism sanctions** – Federation. 20 set 2013. Disponível em: <<https://www.reuters.com/article/uk-soccer-world-ukraine-racism-idUKBRE98J0SI20130920>>. Acesso em: 02 mar 2022.

RIBEIRO, Rita. **A nação na Europa**: breve discussão sobre identidade nacional, nacionalismo e supranacionalismo. p. 85-96. Cadernos do Noroeste: Universidade do Minho – Instituto de Ciências Sociais, 2004.

ROCHA, Frederico Pedroso. A direita radical e as eleições europeias em 2014. **Lisboa: IPRIUNL**, 2014.

ROSA, Fidel Gómez. Los grupos paramilitares en Colombia. **Boletín de información**, n. 279, p. 15-50, 2003.

RUDLING, Per Anders. The return of the Ukrainian far right: The case of VO Svoboda. In: **Analysing Fascist Discourse**. Routledge, 2013. p. 238-265.

RUZHELNYK, Olga. Ukraine. In: **The Palgrave International Handbook of Football and Politics**. Palgrave Macmillan, Cham, 2018. p. 311-326.

RYBIY, Olena. Party system institutionalization in Ukraine. **Demokratizatsiya**, v. 21, n. 3, p. 401, 2013.

SHEKHOVTSOV, Anton. The creeping resurgence of the Ukrainian radical right? The case of the Freedom party. **Europe-Asia Studies**, v. 63, n. 2, p. 203-228, 2011.

SHEKHOVTSOV, Anton; UMLAND, Andreas. **The maidan and beyond**: Ukraine's radical right. *Journal of Democracy*, v. 25, n. 3, p. 58-63, 2014.

SHVEDA, Yuriy; PARK, Joung Ho. Ukraine's revolution of dignity: The dynamics of Euromaidan. **Journal of Eurasian Studies**, v. 7, n. 1, p. 85-91, 2016.

SHVETS, Alla. Legal responses to 'football hooliganism' in Ukraine. In: **Legal Responses to Football Hooliganism in Europe**. TMC Asser Press, The Hague, 2016. p. 147-167.

SINDELAR, Daisy. Who are Ukraine's 'Ultras'? **Radio Free Europe**, 27 jan 2014. Disponível em: <https://www.rferl.org/a/ukraine-protests-sports-fans-euromaidan/25244357.html>>. Acesso em: 01 de mar 2022.

SOAVINSKI, Carla. **Rússia e Ucrânia**: identidade nacional enquanto causa de conflito. 2015. 56 p. Monografia – Universidade de Brasília, 2015.

SOLCHANYK, Roman. The politics of state building: Centre-periphery relations in Post-Soviet Ukraine. **Europe-Asia Studies**, v. 46, n. 1, p. 47-68, 1994.

SUPPO, Hugo. **Reflexões sobre o lugar do esporte nas relações internacionais.** Contexto Internacional, v. 34, p. 397-433, 2012.

TANESKI, Nenad; IDRIZI, Afrim. Concept of right-wing extremism and terrorism. **Knowledge–International Journal**, v. 38, n. 5, p. 1079-1085, 2020.

TESTA, Alberto. **The UltraS:** An emerging social movement. Review of European Studies, v. 1, p. 54. London, 2009.

THE GUARDIAN. **Euro 2012: 183 arrests after fighting between Russia and Poland fans.** 13 jun 2012. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/football/2012/jun/13/euro-2012-arrested-fighting-russia>>. Acesso em: 27 fev 2022.

TOLEDO, Luiz Henrique. Torcer: a metafísica do homem comum. **Revista de História**, São Paulo, v. 163, p 175-189, 2010.

Ucrânia. In: **Britannica Escola.** Web, 2021. Disponível em: <<https://escola.britannica.com.br/artigo/Ucrânia/482739>>. Acesso em: 09 agosto 2021.

ULTRAS UKRAINE. **Ukrainian ultras declare a truce.** 22 fev 2014. Disponível em: <<http://ultras.org.ua/01372.html#>>. Acesso em: 25 fev 2022.

UMLAND, Andreas. Irregular militias and radical nationalism in post-Euromaidan Ukraine: The prehistory and emergence of the “Azov” Battalion in 2014. **Terrorism and Political Violence**, v. 31, n. 1, p. 105-131, 2019.

UMLAND, Andreas; SHEKHOVTSOV, Anton. Ultraright Party Politics in Post-Soviet Ukraine and the Puzzle of the Electoral Marginalism of Ukrainian Ultranationalists in 1994-2009. **Russian Politics & Law**, v. 51, n. 5, p. 33-58, 2013.

VETH, K. Manuel. The Berlusconiization of post-Soviet football in Russia and the Ukraine: Money scores goals, goals win titles, and titles win popularity. **Journal of Sport History**, v. 41, n. 1, p. 55-72, 2014.

VON BEYME, Klaus. Right-wing extremism in post-war Europe. **West European Politics**, v. 11, n. 2, p. 1-18, 1988.

VON HAGEN, Mark. Does Ukraine have a history? **Slavic Review**, v. 54, n. 3, p. 658-673, 1995.

WAY, Lucan A. Ukraine's orange revolution: Kuchma's failed authoritarianism. **Journal of Democracy**, v. 16, n. 2, p. 131-145, 2005.

WILSON, Andrew. **The Ukrainians: unexpected nation**. Yale University Press, 2015.

WILSON, Andrew. **Ukraine crisis**. Yale University Press, 2014.

WILSON, Andrew. **Ukraine's Orange Revolution**. Yale University Press, 2005.

WILSON, Jonathan. **Behind the Curtain: Football in Eastern Europe**. Publishing Company Orion. Hachette UK, 2012.